



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA WANESSA BARROSO BASTOS

**REDE DE AFETO E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS
DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS ENTRE RACHEL DE QUEIROZ E MANUEL
BANDEIRA**

FORTALEZA

2024

ANA WANESSA BARROSO BASTOS

REDE DE AFETO E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS
DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS ENTRE RACHEL DE QUEIROZ E MANUEL
BANDEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Representação e mediação da informação e do conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B326r Bastos, Ana Wanessa Barroso.
Rede de afeto e memórias : uma análise de conteúdo das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira / Ana Wanessa Barroso Bastos. – 2024.
161 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.
1. Marcas de proveniência. 2. Dedicatórias manuscritas. 3. Bibliotecas particulares. 4. Rachel de Queiroz. 5. Manuel Bandeira . I. Título.

CDD 020

ANA WANESSA BARROSO BASTOS

REDE DE AFETO E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS
DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS ENTRE RACHEL DE QUEIROZ E MANUEL
BANDEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências da Informação. Área de concentração: Representação e mediação da informação e do conhecimento.

Aprovada em: 12/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo
Instituto de Ciência da Informação/ UFBA; Museu Imperial/Ibram

A Deus.

À minha família, pilar da minha vida!

Nomeadamente, meu pai Antônio Valmir (*in memoria*), minha mãe Maria Ivone e meus irmãos: Lêda Maria, Antonio Alberto, Wlândia Maria e Antônio Wladimir.

Aos meus sobrinhos, Walmir Neto, Larissa, Amanda e Samuel.

Aos anjos que me conduziram às pessoas certas para a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Jefferson Veras Nunes, pela paciência e firmeza na condução de minha orientação, bem como pelas valiosas colaborações e sugestões junto aos professores participantes da banca examinadora Fabiano Cataldo e Lídia Eugênia.

A Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em nome da Presidente Lenise Queiroz Rocha e da Vice-presidente Manoela Queiroz Bacelar, que ocupa a Cadeira 29 patroneada pela Rachel de Queiroz na Academia Cearense de Literatura e Jornalismo, e a qual me ofereceu uma afetuosa dedicatória manuscrita no livro “Tombamentos: afetos construídos” de sua autoria. Em nome também do atual Reitor desta universidade, professor Randal Pompeu, que na qualidade de Vice-reitor de Extensão, à época, do início deste mestrado me permitiu a realização do mesmo enquanto concílio com o trabalho na Biblioteca Acervos Especiais da UNIFOR.

As bibliotecas da UNIFOR, da Academia Brasileira de Letras (ABL), e do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) que deram suporte técnico à presente pesquisa.

Aos estimados Fabiano Cataldo, Stefanie Freire, Elvia Bezerra, Wendel Oliveira, Regina Claudia, pelas contribuições, bem como a Tainá Copini, Lois Lene Mesquita, Emanuelle Fernandes e ao meu dileto amigo, Thiago de Moraes Carneiro, exímios companheiros de trabalho, que para além das imensuráveis contribuições aliviaram as chagas dos anos de mestrado. Foram fundamentais para o meu caminho até aqui.

Ao PPGCI com sua excelente equipe. À Veruska, secretária calma e prestativa.

Ao Herbênio, colega da turma de 2022 do PPGCI, pela ajuda técnica.

Enfim, as minhas amadas tias Regina Barroso e Ieda Barroso (*in memoria*), pelos ensinamentos, e às queridas primas Regina Claudia Barroso, Hamilda Bastos, Sandra Bastos e Roselita Bastos, pelo apoio.

“Pode haver nada mais confortável neste mundo do que um amigo velho? [...] amigo velho é personagem de recordações” (Queiroz, 1956, p. 138).

RESUMO

O universo das redes de sociabilidade de intelectuais da literatura brasileira muitas vezes encontra-se refletido no domínio de suas bibliotecas particulares, considerando que os acervos bibliográficos representam extensão dos indivíduos, tendo muito a dizer sobre o modo de vida e as relações interpessoais de seus donos originários. Considerando que as dedicatórias manuscritas, compreendidas como marcas de proveniência do livro, constituem uma valiosa fonte e informação em evidência para entender a história daqueles que as escrevem e as recebem, é que surgiu o interesse de investigar as dedicatórias contidas nos exemplares de livros dos acervos de Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira. A pesquisa proposta tem como objetivo geral analisar o conteúdo das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira e como objetivos específicos identificar os exemplares de livros dedicados entre os escritores; coletar, documentar e mapear as dedicatórias manuscritas; e investigar a relação interpessoal e profissional entre esses autores, com o intuito de constatar padrões, temas e mensagens presentes nelas. Trata-se de uma pesquisa documental, de natureza qualitativa e de caráter exploratório. A análise de conteúdo dessas dedicatórias manuscritas permite a interpretação das mensagens contidas, buscando compreender as redes de afeto e memória presentes nas mensagens e a relação entre esses escritores, refletidos em seus objetos literários. Por meio da análise das 23 dedicatórias encontradas, sendo 21 de Bandeira para Rachel e duas de Rachel para Bandeira, pode-se constatar padrões de estilo e de estética na comunicação de Bandeira marcados por simplicidade com profundidade, visto que o escritor utilizava uma linguagem coloquial, entretanto carregada de significados e intensidade. De forma complementar, os padrões adotados por Rachel em suas dedicatórias expressam o coloquialismo, a simplicidade e o regionalismo, característicos da escrita racheliana. Conclui-se que o poeta Manuel Bandeira foi o dedicador mais assíduo nas obras da coleção da escritora Rachel de Queiroz, ficando evidente nas dedicatórias analisadas o entrelaçamento das dimensões afetiva e poética que demonstra proximidade pessoal e profissional, amizade, respeito e admiração mútua entre os literatos.

Palavras-chave: marcas de proveniência; dedicatórias manuscritas; bibliotecas particulares; Rachel de Queiroz; Manuel Bandeira.

ABSTRACT

The universe of sociability networks of intellectuals of Brazilian literature is often reflected in the domain of their private libraries, considering that bibliographic collections represent an extension of individuals, having much to say about the way of life and interpersonal relationships of their original owners. Considering that the handwritten dedications, understood as marks of the book's provenance, constitute a valuable source and information in evidence to understand the history of those who write and receive them, the interest arose in investigating the dedications contained in the copies of books in the collections of Rachel de Queiroz and Manuel Bandeira. The proposed research has as general objective to analyze the content of the handwritten dedications between Rachel de Queiroz and Manuel Bandeira and as specific objectives to identify the copies of books dedicated among the writers; collect, document and map handwritten dedications; and to investigate the interpersonal and professional relationship between these authors, in order to verify patterns, themes and messages present in them. This is a documentary research, qualitative in nature and exploratory in nature. The content analysis of these handwritten dedications allows the interpretation of the messages contained, seeking to understand the networks of affection and memory present in the messages and the relationship between these writers, reflected in their literary objects. Through the analysis of the 23 dedications found, 21 of which were from Bandeira to Rachel and two from Rachel to Bandeira, it is possible to find patterns of style and aesthetics in Bandeira's communication marked by simplicity with depth, since the writer used a colloquial language, however loaded with meanings and intensity. In a complementary way, the patterns adopted by Rachel in her dedications express the colloquialism, simplicity and regionalism, characteristic of rachelian writing. It is concluded that the poet Manuel Bandeira was the most assiduous dedicator in the works of the collection of the writer Rachel de Queiroz, being evident in the dedications analyzed the intertwining of the affective and poetic dimensions that demonstrates personal and professional proximity, friendship, respect and mutual admiration between the literati.

Keywords: marks of provenance; handwritten dedications; private libraries; Rachel de Queiroz; Manuel Bandeira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Capa da primeira edição do “O quinze”, de Rachel de Queiroz	31
Figura 2	– Dedicatória manuscrita de Rachel de Queiroz a Mário de Andrade	31
Figura 3	– Dedicatória impressa de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira	33
Figura 4	– Dedicatória impressa de António José de Lima Leitão feita a D. João ..	66
Figura 5	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	106
Figura 6	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	106
Figura 7	– Dedicatória manuscrita de Michael Simon a Rachel de Queiroz	107
Figura 8	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	110
Figura 9	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	111
Figura 10	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	111
Figura 11	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	111
Figura 12	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	112
Figura 13	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	112
Figura 14	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	112
Figura 15	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	113
Figura 16	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	113
Figura 17	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	113
Figura 18	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	114
Figura 19	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	114
Figura 20	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	114
Figura 21	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	115
Figura 22	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	115
Figura 23	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	115
Figura 24	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	116

Figura 25	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	116
Figura 26	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	116
Figura 27	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	117
Figura 28	– Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	117
Figura 29	– Dedicatória manuscrita de Fred Ellison a Manuel Bandeira	123
Figura 30	– Dedicatória manuscrita de Fred Ellison a Rachel de Queiroz	124
Figura 31	– Dedicatória manuscrita de Fred Ellison a Rachel de Queiroz	125
Figura 32	– Capa do livro “ <i>The three Marias</i> ”, de Rachel de Queiroz	126
Figura 33	– Capa do livro “Pasárgada”, de Manuel Bandeira	127
Figura 34	– Dedicatória de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira	129
Figura 35	– Dedicatória de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira	129

LISTA DE ILUSTRAÇÃO E QUADROS

Quadro 1	– Quantidade de dedicatórias por tipo de material na Coleção Rachel de Queiroz	94
Quadro 2	– Quantidade de dedicadores e de dedicatórias oferecidas a Rachel de Queiroz	95
Quadro 3	– Relação de dedicadores com maior incidência de dedicatórias oferecidas a Rachel de Queiroz	97
Gráfico 1	– Quantidade de dedicatórias manuscritas identificadas na coleção Rachel de Queiroz por décadas	102
Quadro 4	– Registros de obras bibliográficas dedicadas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	103
Quadro 5	– Relação de títulos de livros dedicados de Bandeira a Rachel na coleção particular da escritora	108
Quadro 6	– Relação da quantidade de exemplares de livros dedicados de Bandeira a Rachel encontrados na coleção particular da escritora	109
Quadro 7	– Exemplares de livros dedicados com suas respectivas dedicatórias manuscritas de Bandeira a Rachel identificados e selecionados na coleção particular da escritora	110
Quadro 8	– Registros de livros recuperados da pesquisa no catálogo <i>online</i> do acervo da ABL utilizando o descritor “Dedicatória Rachel de Queiroz”	119
Quadro 9	– Relação de registros de livros de autoria de Rachel de Queiroz recuperados da busca no catálogo <i>online</i> da ABL	122
Quadro 10	– Exemplares de livros dedicados com suas respectivas dedicatórias manuscritas de Rachel a Bandeira identificados e selecionados na coleção particular do poeta	129
Quadro 11	– Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz oferecidas na década de 1940	132
Quadro 12	– Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz oferecidas na década de 1950	134
Quadro 13	– Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz oferecidas na década de 1960	139
Quadro 14	– Dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira oferecidas nos anos de 1953 e 1960	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
BECE	Biblioteca Pública do Estado do Ceará
CFC	Conselho Federal de Cultura
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
IMS	Instituto Moreira Salles
MEC	Ministério da Educação
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
USP	Universidade de São Paulo
UERJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	RELAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA DE RACHEL DE QUEIROZ E MANUEL BANDEIRA	26
2.1	Perfil biobibliográfico de Rachel de Queiroz	27
2.1.1	<i>A biblioteca particular de Rachel de Queiroz na Universidade de Fortaleza (UNIFOR)</i>	39
2.2	Perfil biobibliográfico de Manuel Bandeira	41
2.2.1	<i>A biblioteca particular de Manuel Bandeira na Academia Brasileira de Letras (ABL)</i>	55
3	A DEDICATÓRIA COMO FONTE DE PESQUISA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	59
3.1	A dedicatória e sua função ao longo da história do livro	60
3.2	A dedicatória manuscrita como marca de proveniência e informação em evidência: um caminho para a análise de redes de sociabilidade	70
3.3	Apontamentos sobre bibliotecas particulares e coleções bibliográficas especiais no Brasil	76
3.4	Biblioteca particular, livro dedicado e dedicatória manuscrita: lugar, objeto e registro de memórias	82
4	O PERCURSO METODOLÓGICO	89
5	REDE DE AFETO E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS ENTRE RACHEL DE QUEIROZ E MANUEL BANDEIRA	93
5.1	Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz	93
5.2	Dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira	11
5.3	Análise de conteúdo das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira	130
6	CONCLUSÃO	148
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO	161

1 INTRODUÇÃO

A literatura no Brasil do século XX foi marcada por autores que retrataram, de maneira singular em suas obras, as diversas nuances da sociedade e da cultura brasileiras. De acordo com os autores Claufe Rodrigues e Alexandra Maia (2001, p. 5), “na primeira metade do século XX, vamos encontrar os grandes mestres da poesia [e da literatura], aqueles que nos ajudaram a entender o Brasil e a moldar o nosso sentimento de nação”. Entre os principais nomes dessa época estão Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, cujas obras foram responsáveis por trazer novas perspectivas e abordagens para a arte literária no país.

Rachel Franklin de Queiroz, nascida em Fortaleza, Ceará, em 1910 e falecida no Rio de Janeiro em 2003, foi uma jornalista, cronista, romancista, tradutora, dramaturga e célebre escritora. Rachel de Queiroz iniciou sua carreira literária aos 20 anos de idade com a publicação do livro “O quinze”, que retrata a seca de 1915 no Nordeste do Brasil, ganhando notoriedade no meio literário brasileiro, que até então era predominantemente masculino. Um dos momentos mais marcantes da carreira da autora veio com a sua consagração como a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1977. Em suas obras, tendo o sertão como fonte de inspiração, Rachel abordava temas sociais e políticos, sempre colocando a mulher sertaneja com seus costumes e tradições como foco de atenção (Abreu, 2016). Sua escrita era simples, direta e “calcada na oralidade nordestina” (Duarte, 2005, p. 110) com uma sensibilidade intrínseca.

Já o poeta Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, nascido no Recife em 1886 e falecido no Rio de Janeiro em 1968, cidade onde morou desde parte da sua infância, teve sua primeira obra publicada em 1917, “A cinza das horas”, onde reuniu poemas compostos durante o seu tratamento contra a tuberculose enquanto jovem. Um marco na trajetória literária de Manuel Bandeira foi a sua contribuição com “Os sapos” na abertura da Semana de Arte Moderna, de 1922, poema responsável pela sua ascensão à precursor da lírica modernista brasileira (Baciu, 1966). Devido a sua escrita simples, porém profunda, direta e coloquial (Cavalcanti, 2006), suas poesias como nas obras “Carnaval”, “O ritmo dissoluto” e “Libertinagem” consagraram o poeta ao longo de sua carreira.

Embora Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira tenham pertencido a momentos literários distintos, Rachel fez parte da segunda geração do movimento modernista brasileiro no século XX, sendo conforme assevera Moita (2017, p. 179), a “única escritora aceita como representante do movimento modernista”, enquanto Bandeira, anteriormente e de forma pioneira “abriu alas” da corrente modernista, integrando a primeira geração desta. Ambos

tinham uma proximidade no estilo de escrita, caracterizado por ser simples; direto e coloquial (Duarte, 2005; Cavalcanti, 2006), em vista disso é destacado que os dois escritores tiveram suas experiências de linguagem “levadas ao extremo, sempre no sentido da transgressão e da libertação” (Rodrigues; Maia, 2001, p. 5), engendrando uma escrita livre dos padrões convencionais.

Por seu turno, Rachel de Queiroz com sua obra de estréia “O quinze” inaugurou a nova corrente literária, o romance regional (Acioli, 2016). Evidenciou-se por sua obra ser “bastante acessível em relação à linguagem utilizada, uma vez que Rachel sempre buscou uma escrita que se aproximasse da linguagem popular” (Abreu, 2016, p. 249). Nesta mesma perspectiva, Manuel Bandeira, com obras tais como “Carnaval” e “O ritmo dissoluto”, juntamente à sua estética da simplicidade “acabou com as fronteiras entre o erudito e o popular” (Rodrigues; Maia, 2001, p. 5), na poesia brasileira, notabilizando-se por ter aberto caminho para o movimento modernista. Logo, ambos os escritores foram importantes figuras da literatura.

Tanto Rachel como Bandeira tiveram a habilidade de fazer amizade, tendo a presença dos amigos como algo preponderante em suas trajetórias de vida pessoal e profissional. Ressalte-se que o conceito de amizade é entendido, sob a ótica do filósofo franco-argelino Jacques Derrida (2003), sendo extrínseco à fraternidade, como revolução do político, isto é, deslocado da crença das noções fraternalistas e comodistas (senso comum) associado ao termo, para o mundo, a sociabilidade, o público. Visto que “não há como falar de amizade sem passar pelo crivo do político – relações sociais pressupõem política” (Medeiros, 2017, p. 4).

Foi através do grupo “Amigos do Curvelo”, do qual Bandeira fazia parte, que, por volta de 1931 — quando Rachel foi ao Rio de Janeiro em razão do prêmio Graça Aranha concedido ao “O quinze” — ocorreu o primeiro encontro pessoal entre os escritores (Bezerra, 1995). A partir desse momento, os vínculos entre eles se tornaram “sempre mais estreitos; sempre alimentados pelo calor humano irradiado da grande alma do poeta” (Baciu, 1966, p. 13), e a relação manteve-se até a morte de Bandeira.

As vidas de Rachel e do poeta entrecruzaram-se em círculos literários, e, sobretudo, intrínseca e extrinsecamente através de suas obras. Rachel dedicou-lhe o livro “As três Marias”, em 1939 e, Manuel, por sua vez, escreveu um poema em homenagem a Rachel, intitulado “Louvado para Rachel de Queiroz”, em 1960, canonizando-a e “atribuindo-lhe um lugar diferenciado no ‘mundo das letras’” (Fanini, 2009, p. 234).

Refletindo sobre o universo das redes de sociabilidade¹ de intelectuais da literatura brasileira, no domínio de suas bibliotecas pessoais/particulares/privadas² — considerando que os acervos bibliográficos particulares, como extensões dos indivíduos, possuem as marcas de seus donos originários, logo, estas têm muito a dizer sobre as suas relações de sociabilidade — , foi que surgiu o interesse de investigar as marcas de proveniência, em específico as dedicatórias do tipo manuscritas apostas nos exemplares de livros dos acervos de Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira a fim de examinar através destas as relações entre os literatos.

Assim, a abordagem feita pela temática escolhida tem como objeto a dedicatória manuscrita como marca de proveniência em função da sua natureza documental, a qual dispõe através da escrita informação sobre indivíduos, grupo ou comunidade de indivíduos e prováveis relações mútuas (Azevedo; Torres; Okuzono, 2020). Com base nisso, pretende-se, no campo da Ciência da Informação, analisar a dedicatória manuscrita como marca de proveniência e informação, sendo esta última compreendida como informação em evidência (Buckland, 1991; Bibas; Azevedo, 2022).

Dito isto, a motivação para este trabalho se manifesta a partir de vivências profissionais em meios diretamente relacionados a livros dedicados e bibliotecas particulares integrantes de coleções especiais em bibliotecas de livros raros, como também espaços informacionais como a Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza, onde encontra-se custodiada a coleção Rachel de Queiroz, ambientes esses que correntemente evidenciam possibilidades de vínculos entre informação, documento e memória.

Voltando para o ano de 2017, no mesmo mês em que a pesquisadora começou a trabalhar na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), na Biblioteca Central, teve-se a apresentação da recém chegada coleção Rachel de Queiroz na universidade. Como recém chegada no ambiente de trabalho, aquelas atividades voltadas para a coleção despertaram um interesse inicial e a motivou para o que seria feito ali e também para o que viria a ser o tema deste mestrado posteriormente.

O início do trabalho com livros raros na Biblioteca Acervos Especiais da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em julho do ano de 2019 proporcionou as primeiras experiências com as marcas de proveniência bibliográfica. Tendo Fabiano Cataldo de Azevedo

¹ Compreende-se como uma organização “em torno de uma sensibilidade (...) cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (Sirinelli, 2003, p. 248).

² Entende-se que “quaisquer desses termos podem ser utilizados para se referir a uma biblioteca que foi ou é propriedade de alguém, em sua residência, sobretudo quando se trata de uma biblioteca individualizada, ou seja, conjugada com o nome do personagem a que se refere” (Provenzano, 2021, p. 23). No entanto, para uma melhor fluidez do texto, ao longo da redação, foi empregado o termo particular.

(2008; 2019; 2020) e Stefanie Freire (2013; 2022) como autores que serviram de consulta para o presente trabalho.

Ciente de que as dedicatórias manuscritas apostas nos exemplares de livros da biblioteca particular de Rachel de Queiroz ainda não haviam sido exploradas, e que todas as dedicatórias presentes na supracitada coleção estavam descritas no catálogo *online* da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (BCU), tendo em vista que o Instituto Moreira Salles (IMS) anterior detentor desse acervo já havia identificado as mesmas durante o processo de catalogação e repassado os dados à BCU que os inseriu na sua base de dados. Com isso ficou evidenciado que para proceder com a pesquisa poderia-se realizar a partir de buscas no catálogo *online* da BCU.

Por conseguinte, a pesquisa documental, que teve como instrumento de coleta das dedicatórias manuscritas, encontradas nos exemplares de livros da coleção de Rachel de Queiroz, o catálogo *online* da BCU, realizou-se no dia 02 de outubro de 2023.

Após as buscas no catálogo *online* e posterior visita *in loco* à BCU, nos dias 25 e 26 de junho de 2024, foi observado que o maior número de exemplares de livros dedicados, consecutivamente de dedicatórias manuscritas, no acervo da Rachel de Queiroz era do poeta Manuel Bandeira. Com a ciência que isso havia algo a dizer, buscou-se investigar a relação entre os escritores.

Ressalte-se que, posteriormente a busca no catálogo *online* e a visita *in loco* na BCU, que encontrou 21 dedicatórias manuscritas oferecidas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz, apostas em exemplares de livros de autoria, tradução ou organização do poeta, foi feita uma busca no *catálogo online* unificado das bibliotecas da Academia Brasileira de Letras (ABL), local de custódia da coleção particular de Bandeira, identificando duas dedicatórias manuscritas de Rachel para Manuel.

Em seguida, foi realizada a análise de conteúdo de cada uma das 23 dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira. Essa etapa do presente trabalho foi orientada pelo estudo da acadêmica francesa Laurence Bardin (2016), reconhecida por desenvolver a técnica de análise de conteúdo que se concentra em interpretar e codificar dados textuais para identificar padrões e significados.

Nessa perspectiva, este trabalho pretendeu focalizar primordialmente as dedicatórias manuscritas nos livros da Coleção Rachel de Queiroz, buscando mapear sua rede de sociabilidade. Destarte, trouxe como recorte de pesquisa, as análises das dedicatórias de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz reciprocamente, identificadas nos exemplares de livros de autoria, tradução ou organização de ambos os escritores, no acervo particular do

escritor, salvaguardado pela Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da Academia Brasileira de Letras.

Perante o exposto, sobretudo da concepção de que a incidência de dedicatórias manuscritas em um acervo bibliográfico particular representa uma relação (de amizade, respeito, admiração e afeto) e evidencia redes de sociabilidade dos indivíduos (Freire, 2013; 2022), no caso dos escritores, surgiu o seguinte questionamento: O que contam as dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira no que concerne à relação interpessoal e profissional existente entre os literatos?

Já é compreendido que a dedicatória manuscrita entendida como informação, e documentada em um acervo de memória, passa a ser uma importante ferramenta capaz de representar um indivíduo nas suas práticas e desvendar suas relações sociais (Freire, 2013; 2022). Portanto, a análise das dedicatórias manuscritas e seus efeitos recordatórios e simbólicos, entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira pode ser percebida como uma fonte e informação em evidência relevante para a compreensão das relações entre autores da literatura brasileira do século XX.

Nesse sentido, o objetivo geral foi analisar o conteúdo das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, buscando compreender as redes de afeto e memória presentes nas mensagens e a relação entre esses escritores por meio de seus objetos literários, gerando assim os objetivos específicos expostos adiante: a) Investigar o acervo bibliográfico particular de Rachel de Queiroz custodiado pela Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza e, em sequência o acervo de Manuel Bandeira na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da Academia Brasileira de Letras, identificando os exemplares de livros dedicados entre os escritores; b) Coletar, documentar e mapear as dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, identificadas nos livros de seus respectivos acervos particulares; c) Explorar as dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, investigando a relação interpessoal e profissional entre esses autores, a partir de uma análise de conteúdo, com o objetivo de constatar os padrões, temas e mensagens presentes nelas.

Concomitantemente, este trabalho dialoga com a Ciência da Informação (CI) em seu intercâmbio com o tema memória³ em suas conexões com temáticas ligadas à informação, documento e ao patrimônio cultural, considerando o encargo de bibliotecas, arquivos e museus,

³ Considera-se o termo memória, tendo em vista o caráter social – Memória social: memória socialmente construída, representada e compartilhada por um grupo, estejam eles institucionalizados (compondo os acervos de arquivos, bibliotecas e museus) ou não (Oliveira; Rodrigues, 2011, p. 315).

como “lugares de memória”.⁴ No entanto, nota-se que o patrimônio bibliográfico — conjunto de fontes de informação pertinentes à cultura e à memória da humanidade —, que faz parte do patrimônio cultural, tem obtido escasso⁵ interesse nos trabalhos de pesquisadores da CI.

Pertencem a este patrimônio bibliográfico⁶ as coleções especiais que, tanto no prisma particular quanto institucional, se tornaram valiosas por fatores distintos: pela raridade dos seus acervos, ou por sua associação com memoráveis personalidades ou instituições, dentre outros. Para mais, os atributos históricos, sociais, culturais e de conhecimento de tais coleções permitem que os seus acervos façam parte desse patrimônio.

Por conseguinte, este estudo pauta-se no livro como patrimônio bibliográfico, e na necessidade de fomentar para além do seu conteúdo, as práticas sociais relacionadas à proveniência e usos que a comunidade letrada faz dele. Seu interesse reside em identificar, documentar e difundir as informações extrínsecas, no caso as dedicatórias acrescentadas a esse objeto, que faz parte de coleções especiais, para a sociedade.

Assim, na confluência dos campos da Ciência da Informação e da Memória, parte-se do entendimento do livro dedicado como documento, a partir da noção de documento enquanto objeto informacional, que na CI relaciona-se à sua condição de informatividade.

Ademais, a relevância desse fértil campo se dá ao notabilizar os estudos das dedicatórias manuscritas e dos livros na qualidade de objetos e dos sujeitos. Aqui, faz-se alusão ao livro dedicado que, enquanto documento, possui uma característica única que o singulariza ao fornecer informação tanto sobre quem o dedicou como recebeu. Dessa forma, tal estudo contribui para propagar as investigações sobre marcas de proveniência incipientes na literatura da Ciência da Informação no Brasil.

Em face do exposto, a partir desse enfoque da Ciência da Informação em sua conexão com a Memória, concebendo a perspectiva social dela — na qual Halbwachs defende que “o indivíduo está em harmonia com os que o circulam, de modo que as ideias, reflexões,

⁴ Para fins deste trabalho toma-se o conceito de lugares de memória – cunhado por Pierre Nora (1993), é comumente empregado em trabalhos da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia com intuito de resgatar a função de guarda da memória registrada em fontes de informação físicas (livros, documentos e objetos), destas instituições, também designadas unidades de informação e instituições de memória (Carvalho; Santos, 2014, p. 3).

⁵ Nota-se que em uma busca básica realizada no ano de 2024, na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), com a delimitação do período de 1965 a 2024, utilizando o descritor “patrimônio bibliográfico”, foi recuperado apenas o total de 73 artigos, o que representa um número baixo de publicações sobre o tema na área da Ciência da Informação.

⁶ Para fins deste trabalho, considera-se o conceito de patrimônio bibliográfico exposto pela LBPC que define como – “as espécies, as coleções e os fundos bibliográficos que se encontrem, a qualquer título, na posse de pessoas colectivas públicas, independentemente da data em que foram produzidos ou reunidos, bem como as coleções e os espólios literários” (Santos; Reis, 2018, p. 229).

sentimentos e emoções que nele se originam são constituídas pelas influências sociais dos grupos a que este fez/faz parte” (Halbwachs, 2006, p. 30) —, a dedicatória manuscrita analisada como marca de proveniência e informação em evidência constitui-se em objeto de estudo importante para a CI. Logo, ao perscrutar as dedicatórias entre autores de literatura, é possível explorar suas relações, já que elas podem ser vistas como um gesto de interação social e, muitas vezes, revelam informações sobre o processo criativo do autor e as influências que ele recebeu.

No caso da pesquisa em questão, o estudo das dedicatórias presentes nos exemplares de livros da biblioteca particular de Rachel de Queiroz permitiu mapear as relações sociais da escritora e identificar as redes de sociabilidade em que ela esteve inserida. Essa análise coopera para um entendimento mais amplo do papel da escritora na literatura brasileira e para a reconstrução memorialística de sua trajetória intelectual e social.

A importância dessa pesquisa está em contribuir com a percepção das redes de afeto e memórias presentes nas relações interpessoais e profissionais na literatura brasileira do século XX, bem como para a compreensão da relação entre os literatos Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, a partir do método historiográfico, e de uma abordagem metodológica da Ciência da Informação. Busca-se que este trabalho possa colaborar com a ampliação do conhecimento sobre os autores da literatura no Brasil e reconstruir a memória de suas relações com a sociedade e a cultura do país, além de propagar o desenvolvimento da pesquisa em estudos que conectam informação, documento e memória.

Sem considerar a introdução, o percurso metodológico e a conclusão, esta dissertação foi desenvolvida em três seções. Na seção 2, foi apresentado um esboço sobre a relação biobibliográfica de Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira. Em seguida, expôs-se o perfil biobibliográfico de ambos os literatos e como se relacionavam, bem como onde e como estão suas bibliotecas particulares após o falecimento deles.

Nesse panorama, inicialmente foi apresentada uma breve história da vida e obra de Rachel de Queiroz, incluindo sua trajetória como escritora e outros aspectos relevantes para o estudo de suas dedicatórias, sucessivamente, foi descrito o acervo particular de Rachel de Queiroz salvaguardado pela Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza, com destaque para a relevância deste acervo para a pesquisa em dedicatórias manuscritas.

Para tal, foi consultada a obra de caráter memorialista “Tantos anos”, de Rachel de Queiroz, escrita em parceria com sua irmã caçula Maria Luiza de Queiroz, publicada pela primeira vez em 1998. A narrativa trouxe à luz alguns dos acontecimentos que marcaram a infância, a juventude e a trajetória da literata, a partir das recordações de Rachel e sua irmã.

Viabilizando constatar, o quanto o elo familiar e seu círculo de amizade estavam entrecruzados em suas experiências de vida (pessoal e profissional).

Acrescente-se a isso, que foram consultadas outras duas obras de perfis biográficos de Rachel de Queiroz, sendo elas: “No alpendre com Rachel”, de José Luís Lira e “Rachel de Queiroz”, de Socorro Acioli. Ambos os livros foram lançados na Academia Brasileira de Letras (ABL), respectivamente, em 10 de julho de 2003, poucos meses antes do falecimento de Rachel, e em 4 de dezembro do mesmo ano, um mês depois da morte da escritora. Destaca-se o fato de que os dois autores cearenses, durante o processo de apuração e escrita de suas obras, estabeleceram contato direto com Rachel, o que torna suas narrativas ainda mais enriquecedoras.

Para essa seção, recorreu-se também à tese de doutorado de Michele Asmar Fanini intitulada “Fardos e fardões: as mulheres e a Academia Brasileira de Letras”, de 2009. Nela, a autora investiga as transformações acontecidas ao longo do tempo com a inserção morosa e gradual de mulheres na Academia. Este trabalho viabilizou um olhar sob perspectiva distinta das circunstâncias que levaram Rachel de Queiroz a tomar posse na ABL, sendo ela a primeira escritora a romper barreiras de gênero e adentrar nesta renomada instituição literária dominada por homens.

Para este estudo, foram importantes as seguintes leituras dos trabalhos de Natália de Santanna Guerellus: “Rachel de Queiroz: regra e exceção” (2011) e “Como um castelo de cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)” (2015). No primeiro que corresponde à sua dissertação de mestrado, Guerellus ao oferecer uma análise crítica da produção literária de Rachel de Queiroz, tendo como fontes principais as crônicas produzidas por Rachel de 1945 a 1975 e publicadas na revista semanal O Cruzeiro, possibilitou descortinar a questão da distribuição de suas obras por conta própria permeada por laços de amizade, tais como os dos modernistas Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Dessa forma, evidenciando, também, outras questões relevantes para o estudo de suas dedicatórias. Já, no segundo, que equivale à sua tese de doutorado, a pesquisadora examina a relação entre a carreira de Rachel de Queiroz e o contexto político e cultural do Brasil durante as primeiras décadas do século XX, constituindo-se de um estudo preponderante para refletir sobre a trajetória e o impacto de Rachel na literatura e na política brasileiras.

Outra tese de doutorado recorrida de significativa relevância foi a de Laile Ribeiro de Abreu intitulada “Representações da mulher na obra de Rachel de Queiroz” (2016). Nela, a autora analisa livros como “O quinze” e “As três Marias”, de Rachel de Queiroz, e investiga como a literata representa as mulheres em seus escritos, sendo Rachel reconhecida por obras

que exploram a vida no Nordeste do Brasil e a condição feminina nesse contexto. Nesse panorama, a tese de Laile possibilitou que fosse explorado temas recorrentes nos textos de Rachel, bem como ofereceu uma melhor compreensão de sua obra e estilo literário. Outros trabalhos foram consultados.

A fim de descrever o acervo particular da escritora, foi aludido o artigo “A gestão da coleção Rachel de Queiroz: um relato de experiência” (2017), de Gabriela Alves Gomes e Mírian Cristina de Lima. Para mais, foram feitas consultas ao *catálogo online* da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza, a qual é referida no artigo citado, e visitas em *locus* para sanar dúvidas na identificação de alguns dados bibliográficos.

Posteriormente, de modo análogo, foi apresentada uma incursão na história da vida e obra de Manuel Bandeira, incluindo sua trajetória como poeta e outros aspectos relevantes para o estudo de suas dedicatórias, logo em seguida, foi descrito o acervo particular do poeta existente na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da Academia Brasileira de Letras, com destaque para a relevância deste acervo para a pesquisa em dedicatórias manuscritas.

Com esse propósito, foi examinado o livro de memórias: “Itinerário de Pasárgada”, de Manuel Bandeira, publicado pela primeira vez em 1954. O Itinerário, para além de ser um relato de vida do poeta, é considerado uma autobiografia intelectual “estritamente literária” (Oliveira, 1980, p. 235), na qual Bandeira firma a sua imagem como um “poeta menor”. Por meio dele, foi possível acompanhar o percurso do processo criativo de Manuel, coligido pelo próprio poeta.

Outro trabalho recorrente de significativa relevância foi a obra sob o título “Manuel Bandeira de corpo inteiro”, escrita pelo literato romeno e amigo de Bandeira, Stefan Aurel Baciú. Trata-se de um estudo editado pela José Olympio em 1966, ano em que o poeta comemorava seus 80 anos de vida e 40 de carreira literária. Sua leitura foi essencial para compreender melhor as nuances da vida e do trabalho de Bandeira.

Foi explorada, também, a obra “A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira” (1995), primeiro livro da escritora cearense, radicada no Rio de Janeiro, Elvia Bezerra; ex-coordenadora de literatura do Instituto Moreira Salles, exímia pesquisadora sobre vida e obra de Rachel de Queiroz e de Manuel Bandeira. Nela, a autora reconstrói o cotidiano de Bandeira na Rua do Curvelo da década de 1920, em Santa Teresa. Uma das décadas mais prósperas da vida do renomado intelectual brasileiro. Fonte imprescindível de consulta, visto que possibilitou desvelar o início da relação de Bandeira com Rachel de Queiroz, onde e como se conheceram.

Somando-se a isso, foi consultada a tese de doutorado de Cecília Maria Cunha intitulada “Vivências em retalhos: um ensaio sobre a crônica de Rachel de Queiroz nas páginas de O Cruzeiro (anos 50)”, datada de 2011. Por meio dela, foi possível constatar algumas das aproximações literárias entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, estas retratadas nas crônicas de Rachel para a revista O Cruzeiro.

Ademais, foi importante a leitura do artigo “Manuel Bandeira, poeta menor?” (2006), de Luciano Marcos Dias Cavalcanti. No referido texto, ao rememorar a obra de Bandeira, o autor indaga a noção de que ele seria um “poeta menor” e reanalisa a sua contribuição para a literatura, sublinhando a simplicidade e a complexidade de seus poemas. Ao expor elementos de estilo de Manuel Bandeira, o estudo de Cavalcanti (2006) trouxe contribuições que serviram a posteriori para analisar melhor as poesias que Bandeira escreveu como dedicatórias. Outros trabalhos foram examinados.

Com o intuito de apresentar o acervo particular do escritor, foi recorrido à dissertação de mestrado de Stefanie Freire (2013), sob o título “Dedicatórias manuscritas: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira”, que descreve a biblioteca particular de Bandeira. Corroborando com isso, o trabalho de Freire (2013) se tornou indispensável para a presente pesquisa pelo fato de a autora analisar as dedicatórias manuscritas encontradas em exemplares de livros do acervo particular do poeta, descortinando, em especial, uma dedicatória de Rachel de Queiroz ofertada a Manuel. Acrescentando a isso, foram realizadas consultas no catálogo *on-line* da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da ABL, a qual é citada nos estudos de Freire (2013).

Na seção 3 deste trabalho, que concerne à fundamentação teórico-metodológica, primeiramente foi introduzido a história da dedicatória impressa e manuscrita dentro da história do livro, assim como a noção de dedicatória do tipo manuscrita e como ela pode ser utilizada como fonte de pesquisa para a Ciência da Informação. Sendo discutido como a dedicatória manuscrita é um elemento valioso ao fornecer informações sobre os indivíduos que se relacionam por meio de livros, e ao possibilitar investigações a partir desses fragmentos de memória.

Nesta seção, foi abordada a importância da dedicatória manuscrita como uma ferramenta de interação social. Além disso, foram investigados os componentes presentes na dedicatória manuscrita que podem ser vistos como uma marca de proveniência, ou seja, que pode indicar a origem, destino e itinerário da obra. Para mais, a sua proveniência fornece informações sobre a origem da obra e como isso pode contribuir para a análise das redes de sociabilidade.

Portanto, a fundamentação teórica pretendeu pôr em diálogo dois renomados historiadores nos campos da História do livro e da História cultural, isto é, dos modos de vida, das práticas culturais e das representações, são eles: Roger Chartier (1992; 1998) e Robert Darnton (1992; 1996). Visando buscar a percepção da função da dedicatória como práticas sociais ao longo da história do livro, da leitura e das bibliotecas particulares.

Ademais, foram usados trabalhos de autoras brasileiras contemporâneas que se destacam nos estudos sobre dedicatórias, são elas: Ana Carolina Delmas (2008) e Stefanie Freire (2013), já mencionada, a primeira possibilitou as análises de dedicatórias impressas, abrindo caminho para que a segunda, pioneiramente, viabilizasse as análises das dedicatórias manuscritas. Sendo os estudos dessa última de significativa influência para a consecução desta pesquisa.

Desse mesmo modo, foram explorados os estudos de Fabiano Cataldo de Azevedo, Gabriela de Souza Gonçalves Torres e Simone Borges Paiva Okuzono (2020) no domínio das marcas de proveniência, que trouxeram como proposta a análise da dedicatória manuscrita como fonte de informação dentro da Ciência da Informação. De forma complementar, foram utilizados os trabalhos de Marli Gaspar Bibas e Fabiano Cataldo de Azevedo (2022) em que, fundamentados teórico-metodologicamente na Bibliografia Material, os autores apresentaram a partir do pressuposto de que as marcas de proveniência são fonte de informação, a viabilidade de análise destas marcas enquanto “informação como uma evidência” (Buckland, 1991). Aproximando a discussão das marcas de proveniência aos teóricos da CI, preposição que serviu de alicerce aos objetivos pretendidos na presente pesquisa.

Ainda na seção 3, foi contemplado o tema memória, inerente ao estudo do passado, no qual se desenvolve esta pesquisa. Tendo assim, o embasamento teórico articulado sobre três pilares: biblioteca particular, livro dedicado e dedicatória manuscrita (objeto deste estudo). Abordando esses eixos sob a perspectiva social da memória, justaposta na Ciência da Informação por meio de seus laços com outros ramos do conhecimento, tais como a História e a Sociologia. Dessa forma foi recorrido aos estudos de Pierre Nora (1993) e Maurice Halbwachs (2006).

Para fundamentar o eixo da biblioteca particular, foi introduzido um histórico das bibliotecas particulares e das coleções especiais no Brasil. Com o intuito de evidenciar as práticas sociais em torno do livro e da sociabilidade no país. Dessarte, foi trabalhada a obra *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros*, de 1999, da historiadora Tania Maria Bessone. Nela, Bessone aborda sobre o livro e sua inserção na sociedade carioca no período de transição do século XIX para o século XX, e sobretudo, a sua importância na

formação de bibliotecas particulares. Sendo este, um estudo imprescindível para a compreensão do contexto cultural, histórico e temporal cujas dedicatórias a serem analisadas na presente pesquisa estão em parte inseridas. Demais autores foram consultados também.

Para suplementar o referido eixo, foi abordado o historiador francês Pierre Nora (1993) e seu conceito “Lugares de Memória”, compreendendo as bibliotecas particulares como lugares de memória que possibilitam, através de seus acervos memorialísticos, traçar o perfil de seus proprietários de origem e suas histórias. Sejam esses acervos especiais do tipo literário, artístico, de figuras públicas, ou até de pessoas indistintas, que têm uma longa história nos caminhos dos livros e das bibliotecas e na história das mentalidades, materializando os lugares de memória.

Quanto aos eixos do livro dedicado e da dedicatória manuscrita: foram alicerçados na obra *Escrita de si, escrita da história*, de 2004, da historiadora Angela de Castro Gomes, sobre as práticas de produção de si. A partir dela, compreendeu-se que a dedicatória manuscrita adentra no gênero de escritos — uma escrita de si, ao mesmo instante possibilitou perceber o livro dedicado como um veículo de comunicação entre os literatos durante o século XX.

Já outro aporte teórico que se somou à fundamentação, foi abordado na noção de memória como uma construção social constituída pelo sociólogo Maurice Halbwachs (2006) a partir de seu conceito de memória coletiva. A fim de perceber como a memória individual e coletiva pode estar presente nas dedicatórias manuscritas, e instigar descobertas a partir de seus rastros de memórias a tecer signos de identidade, tradição e imaginário.

Na seção 4, foi apresentada e analisada a rede de afeto nas dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, sendo observada a relação interpessoal e profissional entre as duas personalidades literárias, destacando pontos em comuns, além de contextualizar a época em que se conheceram e interagiram.

Primeiramente, foi realizado um mapeamento das dedicatórias manuscritas existentes na coleção de Rachel de Queiroz, a fim de identificar as suas redes de sociabilidade, bem como características e particularidades desses documentos e sua relação com a memória e suas relações sociais.

Por conseguinte, foram analisadas as dedicatórias que Manuel Bandeira fez a Rachel de Queiroz reciprocamente, identificando temas, mensagens e elementos recorrentes, além de observar as variações ao longo do tempo. Dessa forma, foi possível traçar uma análise comparativa da relação entre Rachel e Manuel a partir das dedicatórias manuscritas trocadas entre os dois, levantando pontos relevantes para a compreensão da relação dos literatos brasileiros.

A frequência da comunicação nas dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira evidencia o contexto histórico e cultural de sua época. Essas dedicatórias datadas entre as décadas de 1940 a 1960 revelam o trajeto da relação de amizade, na qual permeia reconhecimento profissional e afeto mútuo entre os literatos, os quais estabeleceram vínculos fortes e duradouros.

2 RELAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA DE RACHEL DE QUEIROZ E MANUEL BANDEIRA

A escritora cearense Rachel de Queiroz distinguiu-se pelo pioneirismo, no que hoje é conhecido como o estilo literário romance regional, com seu livro de estreia, “O quinze”. Considerando também que Rachel foi uma das primeiras mulheres a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL). Além de estar à frente de seu tempo como mulher e profissional da escrita conectando-se com outros escritores, políticos e intelectuais da época que a permitiam estar sempre criando, mediando e influenciando a cultura no país. Tomando o termo “cultura” em toda a sua amplitude, como na concepção do filósofo checo-brasileiro Vilém Flusser (2011), segundo a qual “cultura é injeção de ‘valores’ no conjunto isento de valor chamado ‘natureza’” (Flusser, 2011, p. 41-42), uma vez que ela possibilita a sensação de abrigo ao ser humano diante da truculência dessa natureza.

Já o escritor pernambucano Manuel Bandeira notabilizou-se por postular uma nova corrente ao fundir o estilo da poética tradicional (o erudito) com o estilo simples (popular). Foi adepto do verso livre, o introduzindo na sua poesia, sendo considerado um dos maiores nomes da poesia modernista brasileira. Para além de sua poesia, Bandeira contou na vida com seus amigos, mais precisamente, após a perda da sua família, na década de 1920. Estabeleceu vínculos com grandes artistas e escritores, em especial, com autores modernistas brasileiros, a exemplo de Rachel de Queiroz, escritora mais representativa da segunda fase do modernismo.

Ressalte-se que a vida e obra de Rachel de Queiroz e de Manuel Bandeira guardam semelhanças, nordestinos radicados no Rio de Janeiro, os dois escritores passaram a infância e/ou parte dela cada um em sua respectiva cidade natal, o que fez surgir desse período o material de suas escritas. Ambos, pertencentes à família de intelectuais, cresceram em meio a livros e a bibliotecas particulares domiciliares, tendo dos seus pais o incentivo à leitura, logo, tanto para Rachel como para Bandeira é “válida a expressão máxima do quanto faz diferença na formação cultural o estímulo à leitura e o acesso a livros em meio ao ambiente familiar” (Provenzano, 2021, p. 53).

No que concerne à produção dos literatos, um aspecto a se considerar é a similitude entre a escrita racheliana e a poética bandeiriana, ambas se afirmaram na estética da simplicidade, que, por sua vez, utiliza a linguagem coloquial, isto é, a aproximação entre a fala e a escrita, como elemento de criação literária e a incorporação de elementos da cultura popular (Duarte, 2005; Cavalcanti, 2006). Característica esta que fez de Rachel e Bandeira vanguardistas no modernismo brasileiro.

Já, no que diz respeito à relação entre os literatos, esta teve início através de grupo de amigos em comum, nos primórdios da década de 1930, evoluindo a partir do ano de 1933, momento em que a escritora se mudou para o Rio de Janeiro, onde Bandeira já vivia (Bezerra, 1995). Consta que durante esse período, os dois intelectuais consolidaram uma ampla rede de amizade sedimentada no eixo Rio-São Paulo, que se estendeu por décadas. Ambos fizeram parte do “círculo cultural restrito a época” (Ramos, 1962, p. 145), e compartilharam do mesmo ciclo de amizades, em específico, em torno do “‘point’ da Livraria José Olympio (Rua Ouvidor, nº. 100)” reduto de renomados escritores (Cunha, 2011, p. 229).

Nesse sentido, destaca-se a relação da escritora Rachel de Queiroz com o poeta Manuel Bandeira, que foi investigada por meio das dedicatórias manuscritas entre eles, identificadas na biblioteca particular de ambos os literatos, custodiadas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), e pela Academia Brasileira de Letras (ABL), respectivamente.

2.1 Perfil biobibliográfico de Rachel de Queiroz

Para situar seu perfil biobibliográfico, cumpre registrar que Rachel Franklin de Queiroz nasceu em Fortaleza, no dia 17 de novembro de 1910 e faleceu de um ataque cardíaco, no dia 4 de novembro de 2003 em sua casa no Rio de Janeiro, lugar onde escolheu para morar em definitivo por motivo de ofício, desde a década de 40. Em vida foi jornalista, cronista, romancista, tradutora, dramaturga e insigne escritora. O pai de Rachel de Queiroz, Daniel de Queiroz Lima, era bacharel em Direito. Sua mãe, Clotilde Franklin de Queiroz, era professora. Pelo lado materno, ascendente dos Alencar, parente, então, da Dona Bárbara de Alencar, que foi a primeira presa política do Brasil, tendo seu nome intrinsecamente associado às conquistas femininas no país. Assim como, do ilustre escritor José de Alencar. Logo, é percebido que Rachel traz a política e a intelectualidade no seu próprio sangue (Lira, 2003).

Tendo uma raiz familiar tanto do lado materno quanto paterno com inclinação à leitura, à história e à escrita, Rachel de Queiroz cresceu com a casa repleta de livros, desenvolvendo-se em um lar de leitores. Dessa forma, para além do acesso a livros em meio ao ambiente familiar, o que despertou a curiosidade e a vontade de ler da pequenina Rachel, foi o fato de ver os adultos sempre com um livro ou um jornal na mão, aponta a escritora Socorro Acioli (2016, p. 22).

Assim, aos cinco anos de idade, Rachel de Queiroz teve a sua primeira tentativa de leitura com a obra ‘Ubirajara’, de José de Alencar. Conforme pondera Acioli (2016, p. 24), a menina “não compreendeu nada da história, apenas decodificou as letras que se agrupavam nas

páginas”. Sem delongas, tendo os livros como seus amigos de meninice, Rachel aventurou-se no mundo da leitura (Acioli, 2016).

Ainda na infância, interessada em literatura, Rachelzinha, como era chamada pela família, costumava conversar com a sua bisavó materna Maria de Macedo, a Miliquinha, sobre José de Alencar, pois gostava de ouvir sobre o “primo José”, como ela o chamava; a tataravó Bárbara; e os tempos que se foram⁷. Desse longínquo e esplendoroso tempo de seus ancestrais, juntamente aos livros e às experiências vivenciadas até seus dez anos, segundo discorre Acioli (2016, p. 36), “começará a surgir na cabeça da menina o material básico de sua escrita. [...]. Como disse Machado de Assis, ‘o menino é o pai do homem’. O mundo de Rachelzinha fez o mundo de Rachel de Queiroz”.

Outras conversas literárias, essas voltadas a temas religiosos, que fizeram parte do “mundo de Rachelzinha”, foram as que tiveram com ambas as suas avós: a materna, Maria Luíza, e a paterna, Rachel, de quem herdara o nome. Estas foram responsáveis pela pouca formação religiosa que lhe foi dada (Acioli, 2016, p. 37).

Em se tratando das leituras religiosas impostas por suas avós, destaca-se o *Flós sanctorum*, obra cujo cerne narrativo disserta sobre a vida de santos e mártires, considerada a leitura mais importante por Maria Luíza (Acioli, 2016, p. 37). Dentre alguns casos de biografia de santo que continham situações inusitadas, o caso da Santa Maria Egípcíaca, que deu corpo a um barqueiro em pagamento pela travessia, sempre invocara Rachel. Dito isto, foi a partir das memórias dessa leitura de sua infância, que futuramente, rememoradas junto a “Balada de Maria Egípcíaca”, posta pelo poeta Manuel Bandeira em homenagem à referida santa, Rachel escreveu a sua peça de teatro “A beata Maria do Egito” (1958).

Nesse entretempo, cabe lembrar que, por exigência da sua avó paterna, num rompante para catequizar a neta, Rachel de Queiroz, aos dez anos de idade, entrou na escola, Curso Normal do Colégio Imaculada Conceição, de freiras francesas (Acioli, 2016, p. 38). A posteriori, com os resquícios das lembranças vividas durante esse período de estudos no Curso Normal, entre os anos de 1920 a 1925, Rachel escreveu o livro autobiográfico, “As três Marias” (1939), dedicando-o a Manuel Bandeira.

⁷ A respeito dos “tempos que se foram”, ressalta-se o histórico de rebeldia da família de Rachel, tanto pelo lado materno quanto pelo paterno. Dos 16 tataravós, Queiroz ou Alencar, não houve um sequer que não tivesse sido preso, perseguido ou morto. O tetravô de Rachel, Tristão Gonçalves de Alencar, um dos líderes da malograda Confederação do Equador, foi morto em combate. A mãe de Tristão, dona Bárbara de Alencar, foi presa e amargou dias de cárcere na Bahia e em Fortaleza. Para a menina Rachel, a saga de seus antepassados e dos heróis da Revolução Francesa guardavam semelhanças (Acioli, 2016, p. 33).

Já adolescente, após concluir seus estudos, aos quinze anos de idade, Rachel teve a orientação de seus pais nas leituras. De acordo com Acioli (2016, p. 45), a jovem Rachel “ficou um período na fazenda, em Quixadá, lendo muito. Os seus pais faziam uma espécie de seleção prévia e lhe indicavam os melhores livros. Entre os preferidos de seus pais, estavam muitos escritores russos, como Dostoiévski, Tolstoi e Gorki”, o que motivou mais o seu interesse por essas atividades desde menina-moça. Portanto, veio de seus pais o incentivo à leitura.

À vista disso, é evocado o que a própria Rachel de Queiroz discorre no seu livro de memórias “Tantos anos” (1998), escrito em parceria com sua irmã caçula, Maria Luiza de Queiroz: “eu lia muito. Mamãe tinha uma biblioteca muito boa e tanto ela quanto papai me orientavam nas leituras. Quando eu era adolescente, eles liam para eu ouvir, faziam mesmo sessões de leitura [...]” (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 33).

Dentre as leituras prediletas da jovem, estavam os livros de ficção científica do escritor francês Júlio Verne, em especial, “Vinte mil léguas submarinas”. Mais tarde, Rachel mergulhou na literatura brasileira, iniciando por “A mão e a luva”, de Machado de Assis (Acioli, 2016, p. 25-26).

Não obstante, Acioli (2016, p. 33) atenta que ainda que seu pai tenha “exercido sobre ela uma influência muito forte, porque fortes também eram as suas preferências políticas e literárias”, foi de influência materna o seu gosto literário e a sua sobriedade no escrever, assim como desvela Rachel (2010, p. 100 - 101) em “Tantos anos”:

Embora mamãe fosse talvez mais inteligente, especificamente mais letrada, com melhor gosto literário do que papai, ele teve muito mais influência sobre mim durante a minha infância: no Pará, na serra, no Ceará. Minha primeira formação foi obra mais dele do que dela. Contudo, essa minha falada sobriedade no escrever devo mais à influência de mamãe, pois papai era um gongórico, gostava de ditos de efeito, era um ruibarbosiano. Embora ele fosse o meu ídolo, não o era no gosto literário. Nunca o acompanhei muito nas suas preferências. Só um pouco quando ele lia Eça e Guerra Junqueiro. Quando comecei a escrever ele tinha muito orgulho de mim, mas não lembro de nenhum comentário seu. De mamãe, me lembro de milhões de comentários sobre maneirismos, sobre tomar cuidado com essa ou aquela forma de dizer. Mas ele, não. Ele me aceitava tal e qual, tinha um bruto orgulho porque eu estava brilhando etc., mas nunca teve senso crítico em relação ao que eu escrevia. Nunca houve entre nós uma troca de críticas, de opiniões. Não lembro. Com mamãe, era constante (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 100-101).

Diante do exposto, é notável que a volição veio de seu pai, que lhe deu um amor incondicional, já a crítica veio de sua mãe, que a lapidou. Assim, Dona Clotilde exerceu importante influência literária na vida de Rachel, que com a sobriedade no escrever tornou-se uma exímia jornalista.

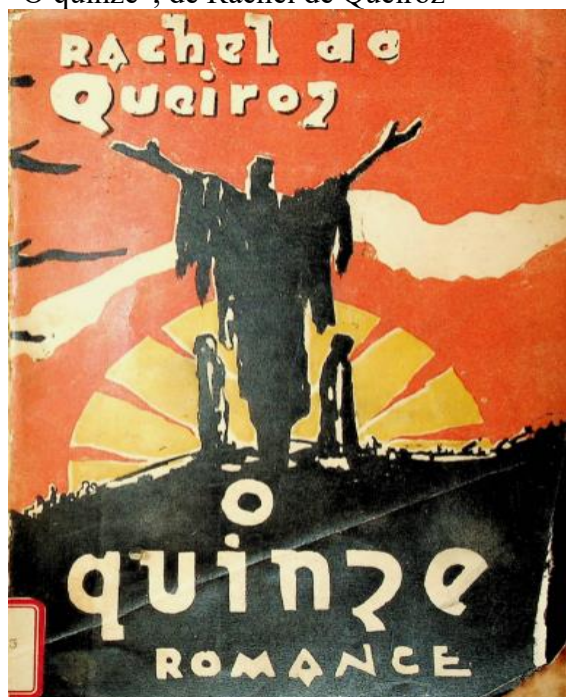
Logo, antes de qualquer coisa, Rachel declarava-se como jornalista⁸, publicando um significativo número de crônicas nos principais jornais e revistas do Ceará, e posteriormente do Brasil. Porém, o lado mais aclamado da trajetória da escritora, foi o de sua carreira literária, cujo início se deu por volta dos seus dezenove e vinte anos de idade, em virtude do que se tornou seu principal romance — “O quinze”, publicado em 1930, de cunho social inspirado na seca vivenciada por Rachel ainda na infância. O livro não fez grande sucesso quando foi lançado em Fortaleza, sua cidade natal, porém lhe garantiu o reconhecimento imediato da crítica no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, quando orientada por um de seus “padrinhos literários e “gurus” Antônio Sales (Guerellos, 2015, p. 188), a jovem Rachel o enviou para jornalistas, críticos e intelectuais da região Centro-Sul (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 34).

Acerca de tal episódio, recorreu-se ao escritor Taffarel Bandeira Guedes (2017) quando desvelou um texto publicado, em 14 de setembro de 1930, no Diário do notável literato paulista Mário de Andrade, um dos destinatários do Sul do país para quem Rachel de Queiroz enviou exemplares do seu primeiro romance, após o livro não ter tido notoriedade no Ceará. Neste artigo de Mário, Guedes (2017) realçou o trecho inicial de apreciação do livro “O quinze” onde o literato apresentou a jovem autora da seguinte forma: “É uma criaturinha do Ceará, com dezenove anos, escreve e põe dedicatórias no seu primeiro livro com os mesmos ambiciosos exageros dos principiantes” (Andrade, 1976, p. 251).

Com essas palavras de Mário de Andrade se subentende que a jovem Rachel, adepta de um padrão estilístico de dedicatória manuscrita comumente utilizado por escritores estreantes, dedicou-lhe o livro intencionando a aprovação de um renomado crítico literário, cuja crítica teria significativo impacto por motivo do insucesso do romance em Fortaleza. Além disso, conforme apontou Guedes (2017, p. 72), “para um autor desse período, ter sua obra reconhecida pelo ‘Papa do Modernismo’ significava, entre outras coisas, estar em sintonia com o novo movimento de arte”. Assim sendo, expõe-se as imagens da lendária capa da primeira edição de “O quinze” (1930), com ilustração de Gerson Faria, exemplar do livro dedicado por Rachel de Queiroz a Mário de Andrade; e de sua falsa folha de rosto que contém a dedicatória manuscrita da autora para Mário.

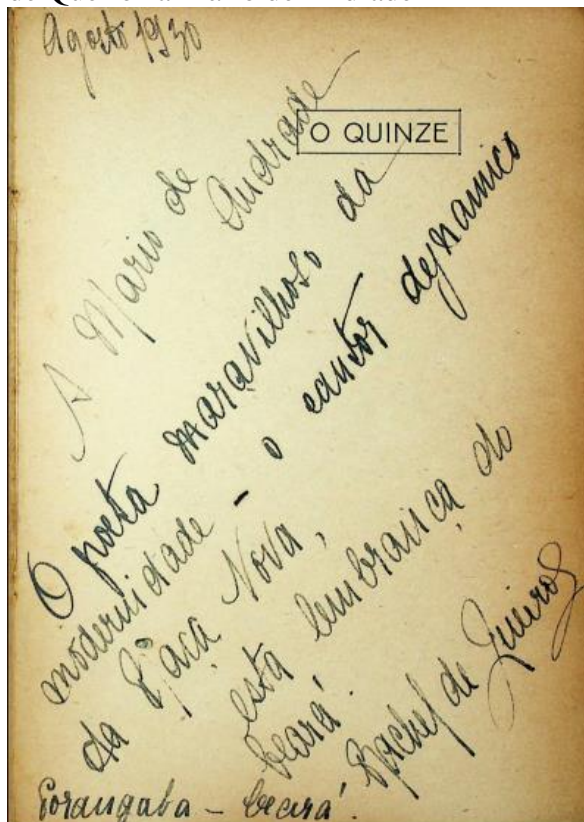
⁸ Sobre isso, Socorro Acioli (2016, p. 81) discorre que “com tanto trabalho na imprensa, Rachel sempre se considerou mais jornalista que romancista. Os romances vinham de tempos em tempos. O jornalismo era uma atividade diária, um ganha-pão”.

Figura 1 - Capa da primeira edição do
“O quinze”, de Rachel de Queiroz



Fonte: Coleção Mário de Andrade. IEB-USP.

Figura 2 - Dedicatória manuscrita de Rachel
de Queiroz a Mário de Andrade



Fonte: Coleção Mário de Andrade. IEB-USP.

Ao ler a dedicatória manuscrita de Rachel de Queiroz para Mário de Andrade (figura 02), é observado também a sua intencionalidade com relação à divulgação do livro. É ainda constatado que a escritora com isso buscava construir uma rede de relacionamentos com renomados literatos brasileiros, a fim da obtenção de prestígio e status entre eles, ao que, Mário de Andrade a priori não reagiu com parcimônia, classificando o gesto de Rachel como um ambicioso exagero de principiante, em suas palavras no Diário.

Acrescente-se a isso, que a prática cultural do envio de seus livros com dedicatórias manuscritas para personalidades das Artes, Literatura e Política foi uma constante na vida literária de Rachel de Queiroz, assim como descortinou a autora Fernanda Mendes Coelho (2017), ao analisar a atuação política e intelectual de Rachel de Queiroz entre os anos de 1960 a 1985, através das cartas trocadas pela escritora, organizadas pelo Instituto Moreira Salles (IMS). De acordo com Mendes (2017, p. 67), “a forma de agradecimento que mais aparece é a referente ao envio de obras literárias escritas por Rachel para seus amigos, outros intelectuais e políticos”.

No tocante à iniciativa de divulgação do seu primeiro livro por conta própria, a autora Natália Guerellus (2011) argumenta que Rachel de Queiroz encarava a literatura, para além da visão romântica do século XIX que estabelecia a literatura como algo acima de dinheiro e de recompensa material. Rachel queria dar-se a ver, acreditava em si mesma. Então, a divulgação intencional⁹ para escritores do Centro-Sul revela o modo profissional com que Rachel encarava a literatura (Guerellus, 2011, p. 75).

Nessa perspectiva, é ressaltado que anterior a publicação de “O quinze”, considerado o marco do romance regional brasileiro que impulsionou a profissionalização de Rachel de Queiroz, a autora já frequentava — por volta dos seus quinze anos de idade quando diplomada pelo Curso Normal — os cafés da Praça do Ferreira em Fortaleza se inserindo nos ciclos literários da sua cidade natal. Sendo, segundo o biógrafo José Luís Lira (2003), a primeira “mocinha” a frequentar esses cafés onde se reuniam os intelectuais da Terra, representando uma espécie pioneira.

Em vista disso, Lira (2003, p. 44) relata que “naquela época, a jovem se iniciava na literatura e era a única, entre as de seu sexo, que frequentava os cafés da Praça do Ferreira, especialmente o Café Globo, o que era um escândalo para a sociedade de então”. Assim, é

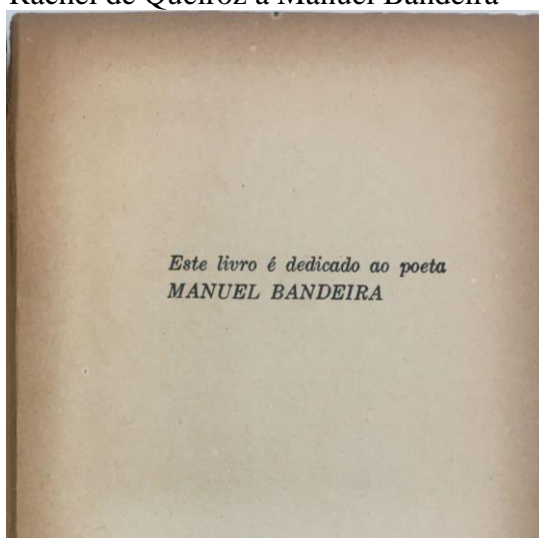
⁹ A respeito da distribuição intencional de uma obra por parte do autor, Guerellus (2011, p. 78) sinaliza que “a distribuição por conta própria, permeada pelos laços de amizade que então se desenvolviam ao longo do caminho, poderia ser utilizada como estratégia dos autores para dar-se a conhecer ou uma forma de distribuição da obra, na intenção de vendê-la”.

observado que a jovem Rachel já buscava adentrar nos círculos literários compostos precipuamente por escritores do “sexo masculino”, estreitando laços sociais com estes. O que, aliás, foi frequente ao longo de sua trajetória como escritora. Portanto, sinalizando o modo profissional com que Rachel encarava a literatura apontado por Guerellus (2011).

Destarte, a vida e obra de Rachel de Queiroz se entrelaçam. Para Rachel, a ligação de amor que o nordestino tem com a sua terra vem na composição do sangue (Queiroz, 1993, p. 19). Assim é concebido o vínculo sanguíneo e afetivo de Rachel com o sertão nordestino, em particular com Quixadá no Ceará, cidade em que ficava a sua fazenda “Não Me Deixes”, a qual a autora relata “Por mim eu digo: toda vez que o destino me fere mais duro, me maltrata mais fundo, é para lá que eu fujo” (Queiroz, 1993, p. 19), sendo esta conforme Lira (2003, p. 75) “sua verdadeira Pátria”.

Nesse contexto, é observado que a ligação de Rachel com o sertão cearense, exerce influência na sua escrita sertaneja, e nos temas políticos sociais de seus romances (Duarte, 2005; Abreu, 2016) desde “O quinze” (1930) ao “Memorial de Maria Moura” (1992), exceto no romance encomendado “As três Marias” (1939)¹⁰, dedicado ao poeta Manuel Bandeira. Obra essa considerada por Guerellus (2011, p. 18) como um marco da profissionalização de Rachel na escrita, por ocasião de seu estabelecimento no Rio de Janeiro e das relações firmadas com importantes editores e jornalistas. Por seu turno, cabe apresentar abaixo a imagem da dedicatória de Rachel a Manuel impressa na primeira edição do livro “As três Marias”.

Figura 3 - Dedicatória impressa de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira



Fonte: BECE.

¹⁰ Sobre a obra “As três Marias”, Guerellus (2011, p. 160) relata que Rachel “manifestou seu receio em lançá-lo, uma vez que mudava radicalmente, da terceira para a primeira pessoa, num tom claramente autobiográfico”.

No que tange a produção literária da escritora, é sublinhada a presença predominante de personagens femininas nas obras de Rachel — “a marca da sua produção literária: a mulher” (Acioli, 2016, p. 52), que embora não se considere feminista no sentido político da palavra, essa predominância de personagens femininas e fortes, bem como a sua divulgação da escrita feminina fez dela uma propulsora do feminismo no país.

De modo complementar, outro fator preponderante na produção de Rachel é a influência da família que, conforme pontua a autora Laile Ribeiro de Abreu (2016, p. 73), “reside no uso da oralidade em todos os gêneros produzidos com o resgate da memória familiar e coletiva, pois essa é a chave operacional da memória racheliana. Isso se constata desde ‘O quinze’, marco zero dessa escrita, indiscutivelmente”. Sem desconsiderar a produção precedente a referida obra¹¹.

A respeito do estilo da escrita racheliana, o autor Eduardo de Assis Duarte (2005, p. 110), caracteriza-o como “simples e direto, calcado na oralidade nordestina”. Essa característica peculiar da obra romanesca de Rachel, pode ser constatada logo no excerto textual anteposto no início da primeira edição do “O quinze” (1930), transcrito abaixo:

AS CLASSICAS
 "DUAS PALAVRAS"
 Respeitavel publico:
 Eu achava infinitamente comicas as arengas
 dos emprezarios de circo, no sertão, quando fa-
 lavam ao respeitavel publico, antes da função co-
 meçar...
 E agora, aqui estou, repuxando as mangas,
 temperando a garganta, com a voz commovida
 e o gesto tremulo, fazendo também minha apresentação...
 Respeitavel publico:
 (Queiroz, 1930)

A partir do excerto reproduzido e apresentado acima, é possível evidenciar, como assinala Duarte (2005), o uso por parte da escritora de uma linguagem próxima da realidade, que vem simples e livre. Tal como, observar a valorização de Rachel “do modo particular nordestino de articular-se oralmente, enraizando-se na tradição oral sertaneja”, conforme alude Abreu (2016, p. 29).

Assim sendo, é ratificado que tendo o sertão como fonte de inspiração, a escrita dos romances de Rachel de Queiroz sempre recorre à linguagem oral, posto que suas narrativas são,

¹¹ Em 1930, data de publicação do “O Quinze”, Rachel “acumulava uma experiência de quase três anos na imprensa cearense, absolutamente reconhecida no meio profissional e também social” (Abreu, 2016, p. 73).

sobretudo, de origem popular que se propagam pela oralidade, colocando a mulher sertaneja com seus costumes e tradições como foco de atenção (Abreu, 2016, p. 220).

Outro ponto observado na produção literária de Rachel, é a influência política, que converge entre a vida e obra da escritora, podendo ser constatada em torno da circunstância da publicação do seu segundo livro, “João Miguel” (1932), e na redação do terceiro, “Caminhos de Pedra” (1937), “romance conscientemente político” (Bosi, 1994, p. 321). Assim, ambas as obras coincidem com a época de participação ativa de Rachel na vida política do Brasil, a qual usava a palavra como instrumento (Acioli, 2016). A respeito disso, Lira (2003, p. 49-51) revela que:

Rachel permaneceu no Partido Comunista (Partidão) até 1932, quando de retorno ao Rio, levando consigo os originais de “João Miguel”, uma exigência do Partido para que mudasse o livro, a fez sair. Ela conta que a censura ao livro foi apresentada durante uma reunião com líderes do Partidão, num galpão na zona portuária do Rio. [...] Como resposta ao PCB, escreveu Caminho de Pedras (1937), em que denunciava a pressão do partido contra os intelectuais (Lira, 2003, p. 49-51).

Tendo isso em vista, é observado que Alfredo Bosi (1994), em seu livro História concisa da literatura Brasileira, aborda sobre as duas militâncias políticas paradoxais de Rachel: “Já a curva ideológica da escritora poderá parecer estranha, paradoxal mesmo: do socialismo libertário de ‘Caminhos de Pedra’ às crônicas recentes de caráter conservador” (Bosi, 1994, p. 322). Logo, as crônicas mencionadas refletem a mudança de ideologia política adquirida por Rachel nos seus tempos de maturidade, tal mudança até hoje divide opiniões sobre ela.

Quanto às relações literárias, Rachel de Queiroz conviveu com uma geração de renomados escritores. Segundo Acioli (2016, p. 13), Rachel “acompanhou a gestação de grandes obras da literatura brasileira, entre conversas animadas e xícaras de café com José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Jorge Amado”.

No que concerne a relação entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, investigada na presente pesquisa, evoca-se o cinquentenário da escritora, que para comemorá-lo a Editora José Olympio lançou no fim do ano de 1960, sem o conhecimento de Rachel, a coletânea “Quatro romances: o quinze, João Miguel, caminhos de pedras e as três Marias” (Guerellus, 2015)¹². Logo, é notabilizado que na ocasião, Bandeira associou-se à homenagem e escreveu o poema “Louvado para Rachel de Queiroz”, que foi publicado pela primeira vez na referida obra:

¹² Nesta edição, constou pela primeira vez o “Louvado para Rachel”, poema escrito por Manuel Bandeira, sendo bastante reproduzido (Guerellus, 2015, p. 292). Sobre o original do “Louvado”, a escritora Elvia Bezerra, em

Louvo o Padre, louvo o Filho, o Espírito Santo louvo.
 Louvo Rachel, minha amiga, nata e flor do nosso povo.
 Ninguém tão Brasil quanto ela, pois que, como ser do Ceará,
 tem de todos os Estados do Rio Grande ao Pará.
 Tão Brasil, quero dizer Brasil de toda maneira-bráslica,
 brasiliense, brasiliana, brasileira.
 Louvo o Padre, louvo o Filho, o Espírito Santo louvo.
 Louvo Rachel e, louvada uma vez, louvo-a de novo.
 Louvo a sua inteligência e louvo o seu coração.
 Qual maior? Sinceramente, meus amigos, não sei não.
 Louvo os seus olhos bonitos, louvo a sua simpatia.
 Louvo a sua voz nortista, louco o seu amor de tia.
 Louvo o Padre, louvo o Filho, o Espírito Santo louvo
 Louvo Rachel, duas vezes, louvada, e louvo-a de novo.
 Louvo o seu romance: O Quinze e os outros três: louvo
 As três Marias especialmente, mais minhas que de vocês.
 Louvo a cronista gostosa.
 Louvo o seu teatro: Lampião e a nossa Beata Maria.
 Mas chega de louvação, porque por mais que louvemos,
 nunca a louvaremos bem.
 Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.
 (Bandeira, 1960, p.43)

Em virtude dessa canonização de Bandeira a Rachel, atribuindo a ela um lugar diferenciado no “mundo das letras”, e do fato do poeta, que fazia parte dos quadros da Academia Brasileira de Letras (ABL) já há duas décadas, ter lançando mão de recursos, tais como de exposição pública de suas características “sobre-humanas”, conforme sugere a autora Fanini (2009, p. 234) “essa ovação, de certa forma, se traduz como um curioso prenúncio, que viria a se concretizar com a transformação de Rachel de Queiroz em uma ‘imortal’”.

Contudo, quando da publicação do “Louvado”, Rachel de Queiroz, já possuía há quase três décadas os resultados da consagração procedente de sua atuação no campo literário brasileiro (Fanini, 2009). No qual desde jovem se propôs a construir e manter relações sociais com literatos.

Nessa conjuntura, destaca-se o ápice da vida literária da escritora cearense, a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras em 1977, que durante as primeiras oito décadas de sua existência nenhuma mulher havia feito parte da instituição. Reforçando o pioneirismo de Rachel sendo a primeira mulher a entrar para a ABL, Lira (2003, p. 88) aponta que Rachel foi eleita para a Cadeira da instituição quatro anos antes da Academia Francesa de Letras, que serviu de modelo às demais mundo afora, empossando Marguerite Yourcenar, em 23 de janeiro de 1981.

entrevista concedida ao jornal G1 no ano de 2017, lembrou a visita que fez a Rachel de Queiroz em 1993, no apartamento da escritora no Leblon: “Fui entrevistá-la para a redação de um ensaio sobre Manuel Bandeira, de quem era amiga. Ela me recepcionou com um sorriso acolhedor e me mostrou, emoldurado na parede, o original do ‘Louvado para Rachel de Queiroz’, que o poeta lhe tinha dedicado” (Bezerra, 2017).

Ainda no que diz respeito à relação entre Rachel e Bandeira, e a sua entrada para a ABL, é sublinhado o seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, onde, apreciadora da poesia, Rachel diz que desde muito cedo foi apaixonada pela poesia de Raimundo Correia. Porém, “poeta era um só”, e por muito tempo Raimundo ficara sendo seu poeta, até que apareceu Manuel Bandeira (Lira, 2003, p. 88). Segue trecho do discurso de posse na ABL de Rachel o qual referencia a Bandeira:

Acho que, como eu, há pessoas de um só poema, de um só poeta. Poetas, para elas, são como namorados, pode-se ter muitos sucessivos, mas nunca muitos, simultâneos. Anos e anos fiquei fiel a Raimundo, até que descobri Manuel Bandeira e foi aquele alumbramento... (Queiroz, 1977).

Ante o fragmento exposto, é observado que Rachel utiliza o termo “alumbramento” para se reportar ao seu descobrimento do poeta Manuel Bandeira, fazendo alusão ao poema “Alumbramento” escrito por Bandeira e publicado no seu segundo livro, “Carnaval”, em 1919. Sobre o termo, cumpre evocar o autor Davi Arrigucci Jr. (1987) quando explana sobre a arte de Bandeira, “a poesia se dá, pois, no mesmo plano da materialidade do corpo, como uma autêntica “iluminação profana”, um *alumbramento*. É quando se subverte a banalidade da existência, o lugar comum se muda insólito mais real do que o real e se produz o estranhamento do novo” (Arrigucci Jr., 1987, p. 12). Assim, é descrito o momento de alumbramento de Rachel pela poesia bandeiriana.

Logo, é percebido que Rachel de Queiroz teve uma relação literária preponderante com Bandeira, seu poeta predileto de longa existência que, diga-se de passagem, nutria de igual sentimento experimentado pela escritora com os versos de Raimundo Correia (Bandeira, 1961). Ressalte-se que Manuel Bandeira foi figura presente na trajetória de vida, literária e pessoal de Rachel.

Outro destaque da vida literária de Rachel veio com a homenagem da Academia Brasileira de Letras pelos seus noventa anos. Sobre a celebração ocorrida em 16 de novembro de 2000, no Salão Nobre da ABL, Lira (2003) discorre que:

O Presidente da Academia, Tarcísio Padilha, em tom sereno, deu início à Sessão lembrando a biografia da Rachel e sua ligação às conquistas da mulher brasileira, não deixando de falar na menina que firmou o romance regional no Brasil, tornando-se uma referência internacional, tanto intelectual quanto eticamente, denominando-a de “Grande Dama da Literatura Brasileira”. Quase todos os imortais presentes, falaram da importância da RQ enquanto pessoa, amiga e escritora (Lira, 2003, p. 146).

Assim, com a homenagem de noventa anos da Associação Brasileira de Letras para Rachel é percebido a influência da escritora para a cultura e literatura brasileira e para outros escritores também.

Em suma, hoje é possível afirmar que Rachel de Queiroz foi uma personagem plural: militante política, escritora, grande divulgadora da cultura nordestina e da valorização da mulher. Com a obra “O quinze”, Rachel trouxe novos panoramas sociais e de gênero, tendo em vista que na época de sua publicação, o cenário literário nacional era de rejeição à produção intelectual oriunda da mulher – para agravar – uma mulher nordestina. Após a publicação, Rachel tornou-se sensação no meio literário, passando a frequentar círculos intelectuais na região Centro-Sul e criar laços com escritores cultuados. Tal acontecimento fortaleceu o seu pertencimento aos grupos de escritores e intelectuais no país, que apesar de serem predominantemente masculinos aceitaram Rachel com suas ideias e atitudes à frente do seu tempo.

Assim, a vida e obra de Rachel de Queiroz foram marcadas pelo pioneirismo que fez desta uma das mais importantes escritoras do Brasil do século XX. Já com sua carreira como escritora bem estruturada no país, devido a sua influência entre intelectuais e políticos, teve apoio de figuras importantes que impulsionam Rachel como uma das primeiras mulheres romancistas aceita como representante do movimento modernista brasileiro (Moita, 2017) e a primeira a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira de n.º 5. Além disso, ganhou diversas premiações, dentre elas o Prêmio Machado de Assis (1957), da ABL, pelo conjunto de sua obra e o Prêmio Camões (1993), o maior da Língua Portuguesa, sendo, portanto, a primeira mulher a recebê-lo.

Rachel de Queiroz, como uma grande apreciadora da literatura nacional e internacional, para além da sua própria escrita, era dona de um valioso acervo bibliográfico pessoal, como afirma sua irmã, Maria Luiza de Queiroz:

Em todas as casas onde Rachel morou, ou mora, no Rio ou no sertão, as paredes que não abrigam quadros são cobertas por estantes de livros. Livros de toda espécie, nacionais, portugueses, franceses, inglês, antigos e novos, livros dos amigos escritores, numa certa miscelânea, mas tem de tudo. E mais os clássicos — literatura, história, arte, biografias (uma das suas leituras prediletas, desde as cabeças coroadas da Europa às estrelas de cinema) (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 226).

Segundo a pesquisadora Elvia Bezerra (2020), Alba Frota, amiga de infância de Rachel de Queiroz, era a responsável por administrar e preservar a biblioteca particular da escritora no Rio de Janeiro. Alba organizou minuciosamente o acervo da autora, tendo sido encarregada pela preservação de documentos de extrema importância na história de Rachel.

Após o falecimento de Rachel de Queiroz, em 2003, a família doou para o amigo pessoal e bibliófilo, José Augusto Bezerra, uma parte das obras da biblioteca pessoal da escritora cearense que estavam na casa do Rio de Janeiro. Depois do apoderamento deste acervo, o mesmo foi dividido com o museu Rachel de Queiroz, no município de Quixadá e com seu próprio Instituto José Augusto Bezerra e o restante foi adquirido pelo Instituto Moreira Salles (IMS), em 2006 (Gomes; Lima, 2017, p. 2). Por conseguinte, a parte adquirida pelo IMS seria doada para a Universidade de Fortaleza no ano de 2017, fazendo parte de uma coleção especial no nome da escritora cearense na biblioteca central da universidade.

2.1.1 A biblioteca particular de Rachel de Queiroz na Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Em janeiro de 2017, a biblioteca particular de Rachel de Queiroz, salvaguardada no Instituto Moreira Salles (IMS), na sede da Gávea, Rio de Janeiro, foi deslocada para a cidade de Fortaleza. Devido à parceria entre o IMS e a Fundação Edson Queiroz, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), que é conhecida por seu trabalho no fomento às artes, acolheu esse patrimônio bibliográfico, tendo a missão de preservá-lo e difundi-lo. A intermediação da transferência desse acervo foi realizada pela coordenadora de Literatura do Instituto Moreira Salles, Elvia Bezerra. Antes de homologar a doação, o IMS submeteu a decisão a Maria Luíza de Queiroz, irmã da escritora, a qual concordou com o destino do acervo (Gomes; Lima, 2017).

A chegada de parte do acervo bibliográfico particular de Rachel de Queiroz à Universidade de Fortaleza foi concretizada em 9 de janeiro de 2017, em alusão aos 40 anos da imortalidade de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras. Após a sua chegada, a Biblioteca Central acolheu e acomodou esse patrimônio (Gomes; Lima, 2017). Desde então, a coleção especial da escritora cearense passou a compor o acervo da Biblioteca Central da Universidade, e devido à sua relevância, este encontra-se fisicamente separado do acervo geral.

A Biblioteca instituída em 1973, concomitantemente com a Universidade de Fortaleza, localizada em uma área de 5 mil m², dispõe de vasto acervo com mais de 136 mil títulos, em um total de mais de 281 mil documentos/obras nas áreas de ciências jurídicas, tecnológicas, da saúde, da comunicação e gestão (Unifor, [2024a]). Nestes últimos anos, a Biblioteca Central da UNIFOR continua em expansão, e com o diferencial da Coleção Rachel de Queiroz obteve um ganho cultural o qual proporciona a todos os interessados mais conhecimento sobre a cultura nordestina e brasileira.

A Coleção Rachel de Queiroz encontra-se situada no segundo piso da Biblioteca Central da UNIFOR, é composta de 3.100 itens (Unifor, [2024b]), sendo obras impressas entre

os séculos XIX, XX e XXI, pertencendo na sua maior parte ao século XX, constituindo, portanto, um acervo de publicações modernas. O montante bibliográfico é formado por volumes de literatura, poesia, críticas e estudos literários (Gomes; Lima, 2017, p. 3), em grande parte são livros de autores contemporâneos de Rachel e de escritores que marcaram sua trajetória, o que reflete as influências literárias nos processos criativos da escritora.

Além da presença de um significativo número de obras de literatura no acervo da imortal, é evidenciado, em sua composição, a existência de dicionários e biografias nacionais e estrangeiras, inclusive, alguns destes raros volumes eram provenientes da biblioteca pessoal da mãe de Rachel de Queiroz, a quem lhe orientava nas leituras enquanto jovem (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 33). Posto isso, é observado a preocupação da escritora com a gramática e o bom uso das palavras, não por acaso Rachel exerceu um papel significativo como tradutora, sendo uma ponte entre a literatura mundial e o público leitor brasileiro.

Diante disso, é também sublinhado que o acervo de Rachel de Queiroz contempla obras estrangeiras de sua tradução para o português, as línguas abrangem o francês, alemão, sueco, russo e maiormente o inglês, norte americano e britânico. Destacam-se livros traduzidos de renomados nomes da literatura russa, como Dostoiévski e Tolstoi, diga-se de passagem, ambos os escritores preferidos do pai de Rachel, a quem lhe indicará a leitura ainda aos quinze anos de idade (Acioli, 2016, p. 45).

Vale mencionar que a biblioteca de Rachel de Queiroz também contém obras de sua autoria traduzidas, dentre outras, enfatiza-se o exemplar do seu primeiro romance “O quinze” traduzido para o idioma japonês. Assim, a existência deste raro exemplar disposto no acervo da escritora, demonstra a ampliação, o alcance e a visibilidade de sua obra, bem como da literatura brasileira.

Uma outra característica da biblioteca da literata, consiste no fato de conter primeiras edições, obras autografadas e dedicadas pelos principais escritores do século XX, como: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, dentre outros (Gomes; Lima, 2017, p. 3). Dessa forma, a coleção particular de Rachel possibilita desvelar as suas conexões intelectuais.

Tendo isso em vista, a Universidade de Fortaleza firma a Coleção Rachel de Queiroz como um espaço cultural diferenciado, com formas específicas de atender e de receber seu público, apresentando o livro enquanto símbolo à testemunhar uma época, onde foi feita essa pesquisa sobre a vida da escritora e de seu amigo e também escritor, Manuel Bandeira.

Em resumo, a vida e obra de Rachel de Queiroz refletem sua influência pioneira no cenário literário brasileiro do século XX. Sua trajetória como escritora e jornalista, marcada por

obras como “O quinze”, revelou seu compromisso com temas sociais e de gênero, desafiando as normas da época. Sua participação ativa no campo literário, suas relações com figuras como Manuel Bandeira e sua entrada na Academia Brasileira de Letras evidenciam sua influência e contribuição à cultura nacional. A preservação de sua biblioteca pessoal na Universidade de Fortaleza destaca sua importância como guardião da memória literária e cultural do Brasil, perpetuando seu legado para as gerações futuras.

2.2 Perfil biobibliográfico de Manuel Bandeira

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu em Recife, em 1886, no dia 19 de abril, e faleceu em decorrência de uma hemorragia digestiva no dia 13 de outubro de 1968 no Hospital Samaritano, em Botafogo, bairro do município do Rio de Janeiro, cidade onde viveu desde parte da sua infância. Ao mesmo tempo nordestino e carioca, Bandeira viveu em si dois brasis bastantes diferentes. Em vida foi “antes de tudo e acima de qualquer coisa, poeta”, sublinha Baciú (1966, p. 31), sendo também cronista, tradutor, professor de literatura, crítico literário e de arte.

Já pequeno, entre os oito e nove anos de idade, Bandeira tinha interesse pela poesia. Data desse período o seu primeiro contato com ela sob forma de versos dos contos de fadas e da carochinha, juntando aos das cantigas de roda, assim rememora o poeta no livro autobiográfico “Itinerário de Pasárgada”¹³, publicado em 1954 (Bandeira, 1984, p. 18-20). No seu “Itinerário”, ele também lembra que foi seu pai quem o iniciou na aventura literária durante a primeira infância, contando casos e recitando versos.

Na companhia paterna ia-me eu embebendo dessa idéia que poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatas. O próprio meu pai era um grande improvisador de nonsense líricos, o seu jeito de dar expansão ao gosto verbal nos momentos de bom humor (Bandeira, 1984, p. 19).

Assim, tanto pelo lado paterno quanto materno, a família de Manuel Bandeira era formada por intelectuais e figuras de renome¹⁴. Portanto, é compreensível que por motivo de

¹³ Sobre o livro “Itinerário de Pasárgada”, Franklin Oliveira (1980) desvela ser a “primeira biografia estritamente literária que se publica no Brasil - história da formação de uma inteligência poética e não apenas um relato da vida de um poeta” (Oliveira, 1980, p. 235).

¹⁴ De acordo com Freire (2013, p. 47), Bandeira “era neto paterno de Antônio Herculano de Sousa Bandeira, advogado, professor da Faculdade de Direito do Recife e deputado geral da 12ª legislatura. Seu avô materno, Antônio José da Costa Ribeiro, era também advogado e político. Um dos tios de Bandeira, Antonio Herculano de Sousa Bandeira, foi procurador da Coroa, Presidente das Províncias da Paraíba e do Mato Grosso e autor de expressiva obra no campo jurídico. Outro tio, João Carneiro de Souza Bandeira, foi professor de direito e membro da Academia Brasileira de Letras”.

ter nascido numa família letrada, Bandeira viesse a ampliar sua condição de leitor e de escritor (Freire, 2013). Sua mãe, Francelina Ribeiro de Souza Bandeira, era dona de casa e, a qual Bandeira julgava ser “cem por cento semelhante fisicamente” (Bandeira, 1998, p. 73). De seu pai, Manuel Carneiro Souza Bandeira, engenheiro, herdou o nome e a “consciência moral” (Bandeira, 1998, p. 73), bem como o ingresso ao mundo das letras.

A respeito do início de sua formação intelectual, merece ser recordado o ano de 1896, quando Bandeira, aos dez anos de idade, passou a residir no Rio de Janeiro, no Bairro Laranjeiras, por motivo de transferência de sua família para a cidade. A partir desse momento, segundo Baciú (1966, p. 9), começa, de fato, a sua erudição através de novas leituras, onde encontram-se “autores como François Coppée, Baudelaire, Leconte de Lisle, ao lado dos clássicos portugueses, entre os quais Camões, uma das paixões poéticas de Bandeira”.

Por conseguinte, entre os anos de 1897 a 1902, Bandeira cursou o secundário no Externato do Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II)¹⁵, concluindo o seu bacharelado em Letras. Conforme destaca Freire (2013, p. 47) “seu gosto por idiomas e muitas de suas amizades teriam origem naquela destacada escola da capital do país, responsável por boa parte da formação intelectual do escritor”.

Entretanto, ainda jovem, não era sua ambição ser poeta e sim arquiteto por incentivo do pai (Bandeira, 1984, p. 27). Assim, em 1903, logo após a conclusão do seu curso secundário, Bandeira matriculou-se na Escola Politécnica de São Paulo, intuindo licenciar-se em Arquitetura. Porém, ainda no começo do curso, ao final do ano de 1904 adoeceu gravemente e teve de abandonar os estudos.

Nesse ínterim, é acentuado que a vida de Manuel Bandeira foi marcada, desde cedo, pelo sinal da morte devido à tuberculose, doença lhe acometida no final da adolescência, aos 18 anos, que à época não se opunha a eficaz terapêutica de hoje, ocasionando-lhe ao longo da existência, conforme aponta Baciú (1966, p. 7) “uma luta contra a morte e uma espera da morte”. Por essa espera, não constituiu uma família, ainda sim teve significativas amizades que supriu a ausência dela.

Em relação a isso, entre os anos de 1904 a 1917 em que Manuel Bandeira foi tolhido pela tuberculose, requer ser evidenciado o ano de 1913, o qual, em busca pelo tratamento da doença, foi conduzido ao Sanatório de Clavadel, na Suíça, onde permaneceu por cerca de dezessete meses (Cervinskis, 2010). Esse período no Sanatório possibilitou à Bandeira travar

¹⁵ Mais adiante, em 1937 Bandeira passa a ministrar aula de Literatura no Colégio Pedro II (Baciú, 1966, p. 15). Já em 1943, assumiu um cargo de professor de Literatura Hispano-Americana na Faculdade Nacional de Filosofia (no mesmo ano, ele deixou de lecionar no Colégio Pedro II) (Freitas, 2013, p. 55).

relações literárias com jovens poetas estrangeiros tais como: o francês, Paul Éluard que, mais tarde, já poeta de fama mundial, viria a declarar em dedicatória de um livro a influência do amigo na sua formação poética (Baciu, 1966), e o húngaro, Charles Picker, que à época veio a falecer da doença e, de quem transcreveu alguns poemas em alemão. Segundo Cervinskis (2010, p. 18) esse momento da vida de Bandeira “foi imensamente rico para a sua formação literária. Leu muito, a fim de dominar a arte da poética”.

Embora Bandeira tenha afirmado que essa sua estada de pouco mais de um ano em Clavadel quase nenhuma influência exerceu sobre ele literariamente, tendo em vista que já tinha lido os modernos poetas franceses no Brasil. Foi entre os anos de 1904 a 1917 que tomou consciência de suas limitações, desvelando em seu “Itinerário”: “nesses treze anos formei a minha técnica” (Bandeira, 1984, p. 53-29).

Sendo assim, notadamente a doença mudou o curso da vida de Manuel Bandeira que, se por um lado, teve que encerrar seus estudos e esforços, cuja pretensão era tornar-se arquiteto, por outro, vendo-se obrigado a uma vida de repouso, porém lendo e escrevendo sempre (Baciu, 1966, p. 10), deu-se a conhecer como poeta. Escolhendo a arte da escrita por ofício a fim de não sucumbir à moléstia.

Diante disso, é no cenário das duas primeiras décadas do século XX, momento de uma acentuada produção cultural no Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, que Bandeira inicia sua carreira literária (Cervinskis, 2010, p. 19). Publicando seu primeiro livro, “A cinza das horas”¹⁶, em 1917, e, posteriormente, “Carnaval”, no ano de 1919, peça literária considerada precursora do Modernismo, como afirma Baciu (1966, p. 13): “foi uma das obras responsáveis pela corrente de renovação literária, artística e espiritual que o Brasil vive após haver estado, durante decênios, prisioneiro de seu espírito provinciano”. Desvelando, assim, o caráter contemporâneo do pensamento e da produção artística de Bandeira na acepção do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009): o intempestivo que desestabiliza os tempos pela inovação.

Trazendo, novamente, o segundo livro do poeta, “Carnaval”, é sobressaído o poema “Os sapos”, apresentado por Ronald de Carvalho na Semana de Arte Moderna, em 1922. Este poema “tornou-se símbolo do novo, do que estava por vir” (Cervinskis, 2010, p. 25), e conjuntamente, responsável pela consagração de Bandeira entre seus pares, designado por um deles, Mário de Andrade, um dos insígnies responsáveis pela Semana de 22 e, de quem foi amigo

¹⁶Em relação ao seu livro de estreia, Bandeira “iria enfatizar, em seu testamento literário, que esse não provinha de uma proposta “tipicamente literária”, mas como um simples preenchimento do vazio que a doença veio a impor-lhe” (Cervinskis, 2010, p. 20).

por toda a vida¹⁷, como o “São João Batista do modernismo brasileiro” (Baciu, 1966, p. 13), devido ao seu pioneirismo.

Outro fator significativo quanto à iniciação de Manuel Bandeira no Modernismo foi a publicação de seu terceiro livro, “O ritmo dissoluto”, no ano de 1924, “considerado pelo próprio poeta como sua obra de transição para o Modernismo”, conforme salienta Cervinskis (2010, p. 26). Somando a isso, é destacado seu quarto livro, o disruptivo “Libertinagem”, publicado, sob a influência de amigos, em 1930. A obra contém poemas escritos entre os anos 1924 a 1930, “anos de maior força e calor do movimento modernista [no Brasil]” (Bandeira, 1997, p. 333). Estes poemas se notabilizam por serem valorosos tanto para a obra do poeta, quanto para a poesia brasileira, distinguem-se alguns deles: “Pneumotórax”, “Evocação do Recife” e “Vou-me embora pra Pasárgada”, ao eviscerarem os sentimentos mais seminais vividos pelo escultor da palavra poética.

Contemplando as relações literárias de Bandeira, delineia-se oportuno lembrar o lugar dos amigos na sua obra e vida, excepcionalmente após a perda de sua família¹⁸. À vista disso, faz-se necessário reportar o período que corresponde aos anos de 1919 a 1921 em que o poeta começou a consolidar algumas de suas amizades, cujos vínculos se estenderam por décadas (Baciu, 1966), impactando, por meio desses laços sociais, de maneira definitiva, a cena das Artes e da Literatura até o contemporâneo.

No tocante a sua afetividade, além da amizade com Ribeiro Couto, veio juntar-se a ela a de Mário de Andrade (Bandeira, 1984, p. 69), já mencionada, iniciada em 1921, datam-se, igualmente, do mesmo período, outros de seus vínculos tão íntimos quanto Couto e Mário, são eles: Rodrigo de Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Jaime Ovalle e, também, Homero Icaza Sánchez, Pedro Dantas, Odylo Costa Filho, Paulo Gomide, Dante Milano, Afonso Arinos de Melo Franco e Pedro Nava, como nomeia Baciu (1966, p. 13). Adicionando a essa lista, depois de 1925, cita-se o nome de Gilberto Freyre¹⁹ (Bandeira, 1984, p. 72).

Por seu turno, Baciu (1966, p. 13) antevê: “Um dia alguém haverá de escrever a geografia das amizades de Bandeira, e então esses nomes, e alguns outros mais, constituirão

¹⁷ “Uma das mais notáveis amizades da história da literatura brasileira, que durou, quase sem nuvens, até o dia da morte do poeta de ‘Paulicéia Desvairada’”, conforme aponta Baciu (1966, p. 13).

¹⁸ A morte de seu pai, em 1920, a última em uma trágica série de mortes da família: mãe, irmãos e pai, em menos de seis anos, gerou em Bandeira um sentimento de solidão no mundo, que o fez encontrar na poesia e nos amigos seu refúgio (Baciu, 1966).

¹⁹ Ao discorrer sobre a influência de amigos, Bandeira (1984, p. 72) relata “lista que devo juntar, depois de 1925, o nome de Gilberto Freyre, cuja sensibilidade pernambucana concorreu para me reconduzir ao amor da província, e a quem devo ter podido escrever naquele mesmo ano a minha ‘Evocação do Recife’”.

capítulos à parte, cada um com suas peculiaridades, suas afeições e ternuras [...]”. Pressupondo o estudo de Stefanie Freire, de 2013, que mapeou a rede de sociabilidade do poeta, a partir das dedicatórias manuscritas encontradas em sua biblioteca. Como também, o presente estudo que, por sua vez, dá sequência ao de Freire (2013), por investigar, em particular, a relação interpessoal e profissional entre Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz, através das dedicatórias manuscritas entre ambos os escritores identificadas em suas bibliotecas, respectivamente. Portanto, constituindo um dos “capítulos à parte” antevisto por Baciú (1966), potencializando a realização de vindouras cartografias dos afetos.

Acerca da relação entre Bandeira e Rachel, escritora associada a uma geração²⁰ que, na verdade, não era a dele, a autora Elvia Bezerra, em seu livro “A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira”, de 1995, menciona os primeiros encontros entre ambos os literatos²¹. A autora não afirma exatamente o dia ou mês, mas, a julgar pela ida de Rachel de Queiroz ao Rio de Janeiro para receber o Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha, em 1931, por motivo de seu primeiro livro “O quinze”²², concebe ser esse o ano provável em que se conheceram.

²⁰ Sobre isso Bandeira (1984, p. 130) discorre no “Itinerário de Pasárgada”, “estreei com uma geração que não era a minha, e nas gerações seguintes vim encontrando grandes amigos em suas maiores figuras. Agora está aí roncando bravura a chamada geração de 45[...]”. Para mais, cabe salientar que Bandeira foi “acolhido pelo grupo da Semana de Arte Moderna, de 1922, como um irmão mais velho (tinha 36 anos em 1922)” (Bandeira, 1984, p. 133).

²¹ Outro frequentador [do restaurante Reis, no centro do Rio] do início da década de 1930 foi o poeta e jornalista argentino Raúl González Tuñón, que cantou o Reis em versos considerados “magníficos” por Bandeira [...] Tuñón alugava um quarto no número 56 da rua do Curvelo, no mesmo casarão em que moravam Nise da Silveira e Mário Magalhães da Silveira. Enviado ao Rio de Janeiro em 1931 para cobrir a Revolução de 30, Tuñón veio como correspondente do jornal argentino *Crítica*, onde, na época, trabalhava também Jorge Luis Borges. No Curvelo, o jornalista escreveu grande parte do livro *El otro lado de la estrella*, e dedicou-o aos amigos do Curvelo. Entre eles, como era de se esperar, Manuel Bandeira, que ele chamava *El Gobernador de la Provincia del Curvelo*. Em entrevista concedida a Horácio Salas, descreve: *Vivíamos en la casona de un matrimonio de inquieto médicos jóvenes, Nise y Mario Magalhães, frente a la casa del gran poeta Manuel Bandeira. Con frecuencia venía a reunirse-mos por la noche una muchacha novelista, Rachel de Queiroz, y con ella contemplábamos desde la altura, pues la casona estaba situada en el Morro de Santa Teresa, en Curvello, la distante Curva nocturna de la bahía. [...] O outro bar muito frequentado pela turma era o Nacional, na Galeria Cruzeiro, que também não existe mais. Foi lá que, segundo o próprio Bandeira, “me relumiou de repente a célula de muito poema de *Libertinagem* e *Estrela da manhã*”. Em 1931, juntou-se ao grupo a então jovem escritora cearense Rachel de Queiroz. Havia publicado *O Quinze* em 1930. No ano seguinte ganhou, ao lado de Cícero Dias e Murilo Mendes, o Prêmio da Fundação Graça Aranha. Chegou ao Rio, portanto, em clima de festejos, e foi, naturalmente, levada à rua do Curvelo. Mais naturalmente ainda, aos bares da cidade. Estava com 21 anos apenas e espantava-se de ver como aquele grupo a acolhia bem. Quando saíam do bar Nacional ou do restaurante Reis, ela e Jayme Ovalle acompanhavam Manuel Bandeira até a estação da Carioca, onde o poeta pegava o último bonde para o morro do Curvelo (Bezerra, 1995, p. 74).*

²² Em seu livro de memórias “Tantos anos” Rachel discorre “como já falei, minha viagem ao Rio de Janeiro, em 1931, tinha como motivo receber o prêmio de literatura da Fundação Graça Aranha dado ao Quinze. Hospedei-me na casa de tio Esperidião — uma pequena casa em Santa Teresa, na Rua Petrópolis” (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 48).

Por falar nisso, é evidenciado que Rachel de Queiroz, recém chegada ao Rio de Janeiro, no ano de 1931, juntou-se ao grupo de “amigos do Curvelo” do qual o jornalista argentino Raúl González Tuñón denomina, e de que Manuel Bandeira fazia parte (Bezerra, 1995). Desde então, iniciou vínculos com o poeta. Cabe salientar que no ano de 1933 Rachel e o seu primeiro marido, o poeta José Auto da Cruz Oliveira, mudaram-se para o Rio passando a morar por alguns meses na Rua do Curvelo, na casa onde Bandeira havia morado²³ (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 67).

Assim, o florescimento da relação entre Bandeira e Rachel foi estabelecido em meio a ciclos de intelectuais e grupos de amigos em comum. A esse propósito, Guerellus (2015, p. 188) destaca que entre os anos de 1939 e 1940, Rachel tornara-se amiga de Pedro Nava²⁴, de quem tinha como amigo Afonso Arinos de Melo Franco e Manuel Bandeira, com quem a escritora passou a conviver nos “sagrados domingos” na casa de Aníbal Machado, onde se reunia um grande grupo de intelectuais. Vale ressaltar que, com outra roda de amigos, Rachel frequentava a casa do pintor Cândido Portinari, onde se agrupavam Carlos Drummond de Andrade e Carlos Leão (Guerellus, 2015, p. 180).

Outrossim, a trajetória relacional entre Bandeira e Rachel, a priori, foi marcada pelo fato de a escritora dedicar-lhe o livro “As três Marias”, em 1939. A propósito disso, Guerellus (2015) discorre que, em março de 1939 Rachel conseguiu terminar o romance que prometera à José Olympio. “O livro mantinha o título de ‘As três Marias’ e foi dedicado ao poeta Manuel Bandeira que, apesar de ter quase a idade do Dr. Daniel [pai de Rachel], era um dos melhores amigos da escritora no Rio de Janeiro desde 1931” (Guerellus, 2015, p. 177).

Uma outra aproximação literária entre ambos os escritores foi descrita pelo poeta em seu “Itinerário de Pasárgada” (1954), ao rememorar o momento posterior à sua publicação “As cinzas das horas”, no qual caiu-lhe um sentimento de “vazia inutilidade”. Sentimento que só começou a se dissipar quando foi tomado pela consciência da ação dos seus versos sobre os seus amigos, e cita um encontro com Rachel.

Uma tarde voltei para casa seriamente impressionado de ter ouvido, na Livraria José Olympio, Rachel de Queiroz me dizer: Você não sabe o que a sua poesia representa para nós. Foi na força de testemunho como esse, às vezes de gente quase alheia à literatura, que principiei a aceitar sem amargura o meu destino. Hoje me sinto em paz com ele e pronto para o que der e vier (Bandeira, 1984, p. 131).

²³ Depois da morte de seu pai, em 1920, Bandeira “mudou-se para a Rua do Curvelo, em Santa Teresa, Rio de Janeiro, e lá viveu 13 anos” (Cervinskis, 2010, p. 28).

²⁴ Nava tornara-se amigo da autora no Rio, mas era sobrinho de Antonio Sales, um dos “padrinhos literários” e gurus de Rachel em Fortaleza (Guerellus, 2015, p. 188).

Além dessa, outras aproximações entre os dois escritores são retratadas por Cunha (2011), nas crônicas de Rachel de Queiroz, publicadas na “Última Página”, da revista O Cruzeiro: a primeira, “O caminho de Pasárgada²⁵” (Queiroz, 1954, p. 98), de 1954, em que Cunha (2011, p. 151) relata haver “uma declaração de amor ao poeta Manuel Bandeira”. Já a segunda, “Livros” (Queiroz, 1955, p. 98), de 1955, onde Rachel tece uma peça publicitária em prol do lançamento de “Poesia”, de Bandeira. Revelando-se uma propagadora da obra do poeta.

Sob distinta perspectiva, a autora lembra uma crônica de Bandeira, de 1956, em que o poeta escreve para comentar uma resposta de Rachel a um “questionário” (Queiroz, 1956, p. 118) sobre a figura histórica com a qual mais antipatizava. Ao responder ser a Maria Stuart, rainha da Escócia a quem o poeta tinha afeição e, ainda, realizado a tradução de sua biografia em livro e peça de teatro, em 1955. Bandeira, na verdade, “procura demonstrar que Rachel estava equivocada, pois considera muito mais antipática realmente Rainha Elisabeth, a querida de Rachel, uma das inspirações dela para elaboração do seu romance Memorial de Maria Moura, publicado em 1992”, enfatiza Cunha (2011, p. 152). Logo, é observado que houve entre eles uma situação inusitada, provavelmente uma troca de críticas.

Seguindo a trilha das crônicas de Rachel de Queiroz para O Cruzeiro, é possível perceber a influência literária de Manuel sob Rachel, particularmente para a escrita de sua peça de teatro “A beata Maria do Egito”, publicada em livro, no ano de 1958. Em vista disso, em “História de Beata” (Queiroz, 1959, p. 114), de 1959, Rachel explica como a sua obra liga-se à “Balada²⁶”, escrita por Bandeira: “Tomei como ponto de partida uma velha lenda cristã (Santa Maria Egipcíaca) que sempre me invocara, e que depois de posta em balada por Manuel Bandeira — o Bardo grande entre todos —, tomara formas de fascinante beleza e crescera na sua sedução e mistérios” (Queiroz, 1959, p. 114).

De outra ótica, cabe mencionar, a contribuição de Rachel para a vida literária de Manuel Bandeira ao escrever prefácios em seus livros, como em “Estrela da vida inteira”, de 1966. Obra denominada por Ribas (2013, p. 109) como “um livro de livros”, em que reúne todas as poesias de Bandeira, e até mesmo as de poetas estrangeiros por ele traduzidas.

Posto isto, um dos pontos em comum entre Rachel e Manuel, no âmbito literário, é o fato de terem atuado significativamente em traduções, chegando a serem considerados os dois grandes nomes de tradutores da Literatura no Brasil, nos anos posteriores aos trinta do século

²⁵ Trecho de “O caminho de Pasárgada”: “Faz medo escrever confissões e faz medo lê-las. quem se confessa equilibra-se a dois dedos da omissão ou do excesso e quem lê confissões é sempre inquieto que abre o livro perigoso, sem saber se o seu ídolo vai sair da prova mais ídolo – ou mostrando pé de barro, perna de barro, cintura de barro e até cabeça de barro” (Queiroz, 1954, p. 98).

²⁶ O poema Balada de Santa Maria Egipcíaca está incluído no seu livro “Ritmo Dissoluto”, de 1924.

XX (Cunha, 2011). Desse modo, ambos os escritores contribuíram para a transformação do sistema literário brasileiro — entendendo que “a tradução pode ser considerada como um agente de transformação de um sistema literário. Sendo esta, uma ‘ponte necessária’ para a cultura brasileira, por transformar a atividade da leitura na sociedade” (Cunha, 2011, p. 157), tal como no método denominado de transcrição desenvolvido pelo também poeta e tradutor Haroldo de Campos (2020).

No que tange ao ciclo de amigos de Bandeira e suas contribuições literárias, não se pode deixar de evocar o cinquentenário do poeta, em 1936. Momento comemorativo em que seus amigos, parte da grande força da literatura brasileira, publicam “Homenagem a Manuel Bandeira”²⁷. Para Baciú (1966, p. 15), nesse livro pode-se encontrar “alguns dos mais preciosos estudos sobre a obra do poeta [...]. Aí estão trabalhos de louvável espírito crítico que, pela primeira vez, fixaram de modo definitivo o lugar de Bandeira na Literatura do Brasil e na América Latina”.

Logo, a legitimação da excelência na sua produção literária veio com Manuel Bandeira, que após ceder à instância de amigos, tornou-se eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1940. Sobre isso, Baciú (1966, p. 16) revela que na época “muitos acreditavam que o poeta antiacadêmico por excelência, o poeta livre, não se enquadraria na casa de Machado de Assis”. Mas, ao contrário do que se acreditava, Bandeira se portou como um acadêmico-modelo, entretanto “acadêmico à sua maneira”, pontua Baciú (1966).

Face ao exposto, aludindo a Homenagem que lhe foi concedida por amigos, que, por sua vez, impulsionou o seu ingresso na ABL, o poeta iniciou o seu Discurso de posse da seguinte forma:

A comoção com que neste momento vos agradeço a honra de me ver admitido à Casa de Machado de Assis não se inspira somente na simpatia daqueles amigos que a meu favor souberam inclinar os vossos espíritos. Inspira-se também na esfera das sombras benignas, a cujo calor de imortalidade amadurece a vocação literária [...] (Bandeira, 1940).

Uma curiosidade posta por Rachel de Queiroz, em seu livro de memórias “Tantos anos” (1988), a respeito da ocasião de comemoração da posse de Bandeira na ABL, por parte dela e do ciclo de amigos em comum ao poeta, foi exteriorizada após a escritora comentar que nunca se meteu em bebedeiras, exceto que a única bebedeira pública que tomou foi no dia da

²⁷ Trinta e três entre os mais importantes escritores modernos do Brasil colaboraram neste livro (Baciú, 1966, p. 173).

posse de Manuel Bandeira na Academia Brasileira de Letras, “mas, então, era impossível evitar, porque se tratava de Manuel e todo mundo ficou alto, senão bêbado mesmo. Ocupamos o Bolero, em Copacabana, e foi realmente uma festa” (Queiroz; Queiroz, 2010, p. 119).

Nesse panorama dos anos de 1940, e no tocante a suas amizades; influências e produções literárias, é rememorado que já imortal da ABL, o Manú maduro, assim denominado por Wolff (2019, p. 27) — em alusão a Mário de Andrade que pronunciava simplesmente Manú —, com sua obra intitulada de “Mafuá do Malungo”, de 1948, publicou seus “versos de circunstância”. Esses versos ocasionais escritos por Bandeira, desde jovem, de acordo com Bines (2015), foram inspirados em nomes de amigos, a quem o poeta, homenageava em inspiradas zoarias sonoras, e que, por sua vez, ofertados em livro oferecido por um aniversário ou dedicatória de uma obra recém publicada, compunham um material leve e despretensioso. Ainda, conforme a autora discorreu na apresentação de Mafuá (2015).

Bandeira hesitava em divulgar amplamente, com a justificativa que não transcendiam a mera circunstância em que foram produzidos. Debochado, chegou a chamar esse conjunto de poemas de “versalhada”. Essa encenação galhofeira de desprezo pela própria obra, é parte fundamental na construção da figura do “poeta menor”, voltado para o cotidiano desimportante das coisas miúdas, convicto de que “a poesia está em tudo” - tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas (Bines, 2015, p. 12).

Assim, em seu livro de poesias de circunstâncias, o Manú maduro, com esse gênero, aparentemente fácil, via na poesia o lado jocoso, no sentido mais puro da palavra. Outrossim, com relação ao título do livro “Mafuá do Malungo”, Bandeira explicou: “‘Mafuá, toda a gente sabe’ é o nome dado às feiras populares de divertimentos. Malungo significa companheiro, camarada, é um africanismo” (Baciu, 1966, p. 93).

Destarte, o esperado livro onomástico de Manuel Bandeira — esperado ao menos pelas amigas e amigos nomeados nele, já que está recheado de poemets dedicados a gentes e situações de variados tempos (Wolff, 2015) —, foi editado e publicado por João Cabral de Melo Neto, que atuava à época como vice-cônsul do Brasil na Espanha, e foi quem solicitou a sua publicação por meio de uma carta escrita a Bandeira. Vale mencionar que a rara primeira edição de 1948 foi impressa em apenas 110 exemplares distribuídos exclusivamente entre amigos do poeta.

Trazendo novamente destaque às celebrações de amigos ao poeta, outra que merece ser destacada é quando Manuel completa oitenta anos, em 1966. Neste momento, a Editôra José

Olympio²⁸ promoveu, em sua sede, grande festa em homenagem ao seu amigo e editado, “à qual compareceram — em rara demonstração de prestígio intelectual e de bem-querer do Poeta —, mais de mil pessoas (Bandeira, 1971, p. 175). Assim, é reiterada a importância dos amigos na vida e obra de Manuel Bandeira, bem como o atravessamento do fazer artístico do poeta junto ao público leitor e admirador.

Quanto à vocação literária de Bandeira, é possível afirmar que sua vida e obra estabeleceram uma relação mútua, isto significa dizer que a poesia de Manuel Bandeira equivale ao poeta Manuel Bandeira. Conforme indica o biógrafo Francisco de Assis Barbosa, na sinopse de seu livro “Melhores poemas de Manuel Bandeira”, de 1988, “Toda a vida de Manuel Bandeira está como que refletida na sua poesia”. Do mesmo modo, Almeida (2014, p. 7), ao falar sobre os livros de Bandeira, relembra “Walt Whitman quando afirmou a respeito do seu ‘Folhas de Relva’: Quem toca neste livro, toca num homem”. Reforçando a relação de interdependência estabelecida entre a obra e o autor.

Assim sendo, no que concerne à poesia bandeiriana, o poeta revela em seu “Itinerário” que o primeiro período de sua infância, passado em Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Petrópolis, o fez nascer para a vida consciente, formando-lhe na memória um conteúdo inesgotável de emoções que o fizeram descobrir o segredo da poesia (Bandeira, 1984, p. 17). Nessa perspectiva, identificando essas emoções particulares da sua primeira meninice com outra, a de natureza artística, e ainda, verificando que essas reminiscências eram as mesmas de certos raros momentos de sua vida adulta, segundo concebe Marozo (2011, p. 14-15), “Bandeira introjeta, na sua poesia, o passado no presente, como algo vivo, que dinamiza as realidades” e o ajuda a constituir seu discurso poético — em que se implica o conceito de contemporâneo desenvolvido no pensamento de Agamben (2009).

Ribas (2013), em confluência com Marozo (2011), contribui com o descortinar do segredo da poesia bandeiriana, ao asseverar que Bandeira “é exatamente aquele que ele traz para a sua poesia: o passado; mas por mais que ele, poeta, nos traga o passado, este é presentificado em nível de discurso poético” (Ribas, 2013, p. 112). Com base no que foi exprimido pelos autores, é plausível contemplar o surgimento da maneira própria de Bandeira traçar as letras, ou melhor, do seu estilo²⁹ enquanto escultura estética singular.

²⁸ Fundada em 1931 na cidade de São Paulo por José Olympio Pereira Filho em 1931. Em 1934, José Olympio mudou a sua livraria-editora para a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país e ponto de encontro de intelectuais e artistas, uma espécie de um salão literário permanente. A editora José Olympio participa da história editorial brasileira em muitas fases (Cunha, 2011, p. 144). Foi considerada a maior editora do país nas décadas de 1940 e 1950.

²⁹ “A palavra estilo deriva do grego, onde significava o ponteiro com que os antigos escreviam sobre a cera. Com o estilo na cera ou com pena no papel, cada pessoa tem a sua maneira própria de traçar as letras. Vem daí

A respeito da sua produção poética, conforme Cavalcanti (2006, p. 157), inicialmente “foi influenciada pela estética parnasiano-simbolista, que utiliza da linguagem de estilo elevado e de metáforas penumbristas”. Todavia, ao se dissociar desse estilo da poética tradicional, Bandeira se distingue pelo estilo simples por “incorporar à sua poesia elementos da linguagem prosaica e conversacional utilizados no dia-a-dia, o verso livre³⁰, etc.” (Cavalcanti, 2006, p. 157) e elementos da cultura popular. Sendo, sobretudo, considerado revolucionário ao fazer a fusão destes estilos. Sobre isso, é rememorado Baciú (1966, p. 18) quando compreende ser “impossível imaginar a evolução da poesia e da literatura brasileiras sem a presença de Bandeira”.

Reforçando o exposto por Cavalcanti (2006), Cervinskis (2010) aponta duas marcas registradas de Bandeira: a observação do cotidiano e a escrita coloquial. A primeira, vinda com as figuras do povo do Rio de Janeiro respaldando a criação poética quase artesanal de Manuel. Já a segunda, origina-se da valorização do imaginário popular de quando era menino. Nela, o poeta “torna a palavra, antes oral e espontânea, em matriz do texto escrito. Com isso, há a sacralização da letra, palavra escrita que nasce da fala. Isso sendo verificável ao reproduzirem-se falas de personagens nos versos” (Cervinskis, 2010, p. 13), destrinchando o procedimento criativo do autor, que, inclusive, possui nexos e similitudes com o de Rachel.

De modo consequente, integrada a simplicidade³¹, característica de seus poemas, que utiliza a linguagem coloquial como elemento de criação literária e a incorporação de elementos da cultura popular. Pode, também, ser constatada na obra poética de Manuel Bandeira, consoante Cavalcanti, (2006, p. 157), “a valorização do “pequeno” (entendido como o detalhe, o humilde e as coisas consideradas simples e banais do cotidiano) e do desqualificado³².

dar-se o nome de estilo à linguagem considerada no que ela tem de característico e inconfundível na obra de um artista. João Ribeiro, nas Páginas de Estética, salienta a diferença que vai do estilo à forma literária. O estilo não é o enfeite; o estilo nasce do caráter mesmo do escritor e é a marca da sua personalidade” (Bandeira, 1940, p. 18).

³⁰ O “verso livre” se caracteriza como uma ruptura da ordem métrica e demais excentricidades formais (Coelho, 2013, p.820).

³¹ Característica básica do movimento modernista brasileiro dos anos de 1920 e 1930, que objetivou recuperar a cultura popular, tradicionalmente excluída pelo conceito de cultura elitista tradicional, e assim derrubou as categorias até então consideradas símbolos do valor artístico, como a do “sublime” e do “vulgar”, da “alta” e da “baixa cultura” (Cavalcanti, 2006, p. 157).

³² O termo “desqualificado” é compreendido dentro do contexto apresentado por Cavalcanti (2006, p. 157) o “da emergência do Modernismo, como um valor questionador de toda uma tradição que historicamente via como “arte superior” somente a arte associada à cultura branca europeia, que coloca em pauta todo um repertório popular anteriormente desqualificado, nesse momento posto como matéria artística”. Vale salientar que, a partir desse entendimento, a produção poética bandeiriana, mesmo sem nenhuma intenção modernista por parte do poeta (Bandeira, 1984, p. 65), impulsionou a entrada de Bandeira no movimento modernista brasileiro.

Nessa conjuntura, Bandeira se autocaracteriza como poeta menor, tal como se vê em Manoel de Barros (2016), sendo este o poeta das miudezas. Contudo, Cavalcanti (2006, p. 157) adverte sobre um equívoco cometido por Bandeira ao se autocaracterizar como poeta menor por não escrever versos políticos³³. Isto foi expresso em seu “Itinerário” (1954):

Tomei consciência de que era poeta menor; que me estaria para sempre fechado o mundo das grandes abstrações generosas; que não havia em mim aquela espécie de cadinho onde, pelo calor do sentimento, as emoções maiores se transmudam em emoções estéticas: o metal precioso ou teria que sacá-lo a duras penas, ou melhor, a duras esperas, do pobre minério das minhas pequenas dores e ainda menores alegrias (Bandeira, 1984, p. 30).

Perante o descrito, o autor refuta a caracterização por parte de Bandeira, a qual aborda a poesia lírica e a poesia social (solidária) como maior e menor. Baseando-se em Péricles da Silva Ramos (1980) quando afirma que o critério que preside a essa distinção do poeta “nada tem de comum com a História nem com a Teoria da Literatura, que não pode sequer levá-la a sério” (Ramos, 1980, p. 141), de sorte que a sua poesia, ao versar sobre o cotidiano, não se esvazia de grandeza, especialmente estética.

Acrescentando, Cavalcanti (2006) fundamenta, através dos estudos do crítico literário alemão Erich Auerbach (1971), que, no contexto do cristianismo, o estilo de linguagem elevado e sublime (poesia lírica), bem como o baixo (poesia social) são fundidos, ambos, no mais alto grau. Assim sendo, “as coisas menores são tão valorizadas quanto às elevadas” (Cavalcanti, 2006, p. 157). Dessa forma, o autor esclarece o estilo humilde³⁴ da poesia bandeiriana, cujos versos aparentemente simples agregam aquilo que é de mais profundo e sofisticado.

Aliás, a propósito da afirmação de sua estética da simplicidade, principal linha de força de seu projeto literário, é destacado o poema “Consoada”³⁵ em que Bandeira exprime em um mínimo de palavras uma profunda reflexão sobre a vida.

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
— Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.

³³De acordo com Cavalcanti (2006, p. 157), “Manuel Bandeira não é um poeta engajado, não fez poesia participante”, mesmo tendo ele desejo de participação mais efetiva.

³⁴ Este estilo humilde que se aproxima à maneira franciscana, pode ser notado tanto em Manuel Bandeira como também em alguns escritores modernistas brasileiros que rejeitavam a tradição bacharelesca (Cavalcanti, 2006, p. 158).

³⁵poema publicado pela primeira vez no livro “Opus 10”, em 1952.

(A noite com os seus sortilégios.)
 Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
 A mesa posta,
 Com cada coisa em seu lugar (Bandeira, 1955, p. 385).

A despeito da leitura desse poema – relacionando-o à sua obra literária – Baciú (1966, p. 37) observa que “Com cada coisa em seu lugar” não é apenas o retrato material de uma vida, mas também a visão de um mundo poético, de um mundo interior sobre o qual o poeta confessa: “De fato cheguei ao apaziguamento das minhas insatisfações e das minhas revoltas pela descoberta de ter dado à angústia de muitos uma palavra fraterna” (Bandeira, 1984, p. 132). Revelando o lado humano do universo poético de Bandeira, interna e externamente.

Acrescente-se a isto que, a teoria da atitude humilde e da estética da simplicidade imbricada na vida e obra de Manuel Bandeira foi, por assim dizer, elaborada e documentada pelo próprio poeta, por pelo menos dez anos antes de escrita da sua autobiografia “Itinerário de Pasárgada” (1954), no seu Caderno de Anotações, como desvelado por Daniel da Silva Moreira (2017). Esse documento, também chamado por Francisco de Assis Barbosa de Caderno de celibatário³⁶, datado do final dos anos de 1940, foi encontrado nos catálogos do acervo da Fundação Rui Barbosa por Moreira (2017), sendo analisado por este.

Assim, ao examinar o Caderno de Anotações de Manuel Bandeira, onde o poeta fez uma reconstituição de sua biografia e de sua obra literária, Moreira (2017) considerou que a atitude do poeta de deixar permanecer esse tipo de documento, organizado e selecionado por ele mesmo, sem quaisquer alterações em seus arquivos, o fez pensar como isso “pode fazer parte de todo um ‘teatro da simplicidade’ em suas representações de sua própria vida/obra” (Moreira, 2017, p. 20), logo o remeteu ao curta-metragem O poeta do Castelo (1959).

Já no que se reporta ao filme O poeta do Castelo, que se estruturou sobre a vida cotidiana de Manuel Bandeira, e que foi rodado, em grande parte, em seu apartamento na Avenida Beira-Mar, na região do Castelo, no Centro do Rio, Moreira (2017) inferiu que cada pequeno gesto da existência do poeta como a compra do leite, o preparo do próprio café ou o cuidado com o espaço em que morava, foi preenchido com uma considerável carga de poeticidade. Além disso, tendo a ciência de que o poeta elaborou parte do curta, Moreira, (2017, p. 20) refletiu que “isso pode muito bem ter sido visto por Bandeira como a possibilidade de realizar um prolongamento da imagem de si esboçada no Itinerário de Pasárgada”.

³⁶ “Pois seria a partir desse pequeno caderninho que Bandeira organizaria sua vida de solteiro, sua vida solitária” (Moreira, 2017, p. 19).

Em suma, Manuel Bandeira foi marcado por uma atitude humilde, como atesta o modo que expressa sua vida e suas obras, desde as poesias impressas em “A cinza das horas” (1917) a “Estrela da vida inteira” (1966), e, também, como comprova suas amizades intelectuais, que percorreu toda a sua jornada literária — que durou mais de 60 anos. Por dedicar seu projeto de ser à Poesia e às Letras, entregando-se unicamente ao ofício de escrever, exceto por um breve período que lecionou Literatura, reafirma-se que a biografia de Bandeira é a história de seus livros.

Cumprindo ainda ressaltar que, por ser um exímio profissional da escrita ligado intrínseca e extrinsecamente tanto à literatura quanto aos literatos nacionais e estrangeiros, Manuel Bandeira utilizava o livro não somente como “ferramenta de trabalho” (Provenzano, 2021, p. 54), mas também, tal qual outros intelectuais do século XX, como veículo de comunicação entre seus pares (Venâncio, 2004; Freire, 2013).

Diante disso, convém salientar que o poeta tinha o prazer de oferecer seus livros (primeiras edições) de presente a amigos, como revela Baciú (1966):

O maior prazer de Bandeira, aliás, é oferecer presentes a seus amigos. Sente-se esse prazer quando ele passa de sua biblioteca para o quarto onde guarda os pacotes com seus livros recentes, para apanhar um exemplar que, em seguida, traz para a biblioteca, colocando-o cuidadosamente sobre os joelhos para escrever a dedicatória, sempre original, diferente em cada livro. Frequentemente, uma dessas dedicatórias constitui pequeno poema ou uma *boutade*, e algo dessa produção encontra-se reunido no livro *Mafuá do Malungo*. Infelizmente, pouquíssimo, pois assim como eu conheço dezenas de dedicatórias e quadras não incluídas no mencionado livro, existem, seguramente, centenas de outras que só fazem o prazer das pessoas que receberam o presente (Baciú, 1966, p. 35).

Pode-se observar, a partir desta passagem de Baciú (1966), que Manuel Bandeira cultivava a prática de escrever dedicatórias em seus livros recém publicados ao ofertá-los a amigos. Assim, é possível deduzir a existência de uma quantidade significativa de bibliotecas particulares de ilustres escritores brasileiros do século XX que possuam livros dedicados por Manuel, incluindo a de Rachel de Queiroz.

Por outro lado, Manuel Bandeira também recebia livros dedicados de escritores amigos, conhecidos e admiradores. Foi dono de uma valiosa biblioteca particular, dotada desses e de outros livros compreendidos como raros por serem primeiras edições, por possuírem dedicatórias manuscritas, dentre outros atributos que os classificam como raros (Biblioteca Nacional, 2021).

Ainda em vida, o imortal doou a sua biblioteca particular para a Academia Brasileira de Letras por meio de testamento³⁷, lavrado no 8o Ofício de Notas no dia 17 de outubro de 1967, quase um ano antes de sua morte. Isso se deu talvez pela provável consciência da importância e preservação de sua memória ou mesmo pela relação afetiva que tinha com a instituição (Freire, 2013, p. 63). Atualmente o acervo bibliográfico de Bandeira compõe uma coleção especial em nome do poeta na ABL, sendo a maior em termos de quantidade de volumes, informação a ser resgatada doravante.

2.2.1 A biblioteca particular de Manuel Bandeira na Academia Brasileira de Letras (ABL)

Deixada como um legado de sua vida profissional e pessoal, a biblioteca particular do ilustre poeta brasileiro Manuel Bandeira está localizada no 2º andar do Petit Trianon, em uma sala especial da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça³⁸, equipamento que desde a sua fundação na Academia Brasileira de Letras (ABL), recebe doações de coleções particulares de acadêmicos, assim como de personalidades do universo literário, artístico e cultural.

³⁷ Conforme salienta a pesquisadora Elvia Bezerra, em matéria publicada no site do Instituto Moreira Salles, “Nota-se que familiarizado com a Indesejada das Gentes, Bandeira soube calcular bem o momento de sua chegada: apresentou-se ao 8o Ofício de Notas no dia 17 de outubro de 1967, data em que foi lavrado seu testamento. Morreria em 13 de outubro de 1968, apenas quatro dias antes de o documento completar um ano”. Ademais, é retificado que o referido documento se encontra sob a tutela do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Matéria disponível em: <https://correio.ims.com.br/uncategorized/manuel-bandeira-o-legado-maior-por-elvia-bezerra/>. Acesso em: 07 jan. 2024.

³⁸ A Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça (antiga Biblioteca Acadêmica) teve sua origem na época de criação da Academia Brasileira de Letras, em 28 de dezembro de 1896, com a doação do romance “Flor de sangue”, por Valentim Magalhães. Porém, sua criação oficial deu-se em 13 de novembro de 1905 por proposta de Rodrigo Octavio, seu primeiro diretor, sob a presidência de Machado de Assis. Hoje o acervo bibliográfico é formado por aproximadamente 20.000 volumes e abriga as coleções: Acadêmica, ABL, Referência, Camoniana, Periódicos e Obras raras dos séculos XVI a XVIII. Além de coleções particulares de Alberto de Oliveira, Afrânio Peixoto, Domício da Gama, Machado de Assis, Manuel Bandeira e Olavo Bilac. Ao longo de sua existência, as coleções da Biblioteca Acadêmica ultrapassaram sua capacidade de armazenamento, não havendo espaço necessário para abrigá-las e permitir o crescimento do acervo. Assim, em 1999, na presidência do Acadêmico Arnaldo Niskier, decidiu-se criar uma nova biblioteca, denominada Biblioteca Rodolfo Garcia, por sugestão do Acadêmico Josué Montello. A nova biblioteca somente seria construída na gestão do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e foi inaugurada em 22 de setembro de 2005 na presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, sob a direção do Acadêmico Murilo Melo Filho. Atualmente a Biblioteca Rodolfo Garcia conta com aproximadamente 70.000 volumes compostos pelas coleções: Geral, de Referência, de Obras raras dos séculos XIX e XX – com destaque para Brasiliana e Camiliana – e também por coleções particulares que pertenceram a Agliberto Xavier, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Arthur Vautier, Ary de Andrade, Carlos Magalhães de Azeredo, Celso Vieira, Fernando Nery, Franklin de Oliveira, Frédéric Mauro, Marcos Carneiro de Mendonça e Silvio Neves. Ambas as bibliotecas são enriquecidas por doações efetuadas pelos próprios acadêmicos.

De acordo com a jornalista Talita Duvanel (2022), a biblioteca de Bandeira é a maior coleção particular de um acadêmico na ABL³⁹. São mais de 3 mil volumes, doados em vida pelo poeta, que morava perto do Petit Trianon, na Avenida Beira-mar, e costumava ir a pé para as sessões e circular pela Lúcio de Mendonça (Duvanel, 2022).

A respeito da Coleção Manuel Bandeira na ABL, e para uma melhor compreensão do acervo bibliográfico do poeta, especialmente no que tange às dedicatórias manuscritas apostas em seus livros, em específico, as trocadas entre o poeta e a escritora Rachel de Queiroz, objeto de estudo desta pesquisa, fez-se necessário recorrer às investigações de Stefanie Freire (2013) sobre as características da biblioteca particular do poeta.

Em seus estudos, Freire (2013) aponta que o acervo bibliográfico de Bandeira é composto por 3.236 obras. Contempla mais de 70% de títulos relacionados à área de literatura brasileira e estrangeira (literatura francesa, inglesa, alemã, portuguesa, italiana, espanhola e grega), atestando que “o critério determinante para a sua construção foi a trajetória profissional do poeta” (Freire, 2013, p. 57).

Além da presença de um grande número de obras de literatura no acervo do imortal, Freire (2013) evidencia, em sua composição, a existência de enciclopédias, bibliografias nacionais e estrangeiras, dentre outros livros relacionados a distintas áreas do conhecimento. Posto isto, a autora observa que “a preocupação do poeta com a gramática e o bom uso das palavras é refletida nos dicionários técnicos e gerais, livros de gramática e linguística, não por acaso Bandeira era sempre requisitado para traduzir livros” (Freire, 2013, p. 57).

Outra característica apontada por Freire (2013), consiste no fato de um terço das obras presentes no acervo do poeta ter sido escrito em idiomas estrangeiros, em línguas como espanhol, francês, inglês, italiano e alemão, as quais Bandeira teve contato durante a época do Colégio Pedro II e em sua estadia na Suíça (Freire, 2013, p. 58).

Algumas peculiaridades apresentadas pela autora foram postas através das cartas trocadas entre Bandeira e literatos que compunham seu ciclo de amizade, os quais residiam no estrangeiro durante as décadas de 1930 a 1940, em específico, Gilberto Freyre e João Cabral de Melo Neto. No que diz respeito às referidas comunicações, Freire (2013) desvela ser possível constatar que por motivo da doença e das dificuldades financeiras que impossibilitavam suas viagens ao exterior, o poeta recorria aos amigos para ter acesso às obras que não encontrava nas

³⁹ A veracidade da informação foi apresentada à pesquisadora pelo bibliotecário e funcionário ABL, Renato Ramos, através de um email datado em 28 de maio de 2024. Na correspondência eletrônica, Renato reafirma que a Coleção Manuel Bandeira foi deixada em testamento pelo próprio escritor e está registrada na Ata da Sessão realizada em 2 de outubro de 1969. Hoje é registrado no catálogo da ABL 3.500 exemplares da coleção, sendo esse o maior acervo particular doado e catalogado.

livrarias e sebos do Rio de Janeiro; para além disso atualizava seu acervo por meio da troca de livros; e da mesma forma enviava suas publicações para os amigos mais próximos (Freire, 2013, p. 58-60).

Tendo isso em vista, a autora afirma que por ser um amante da leitura, e um exímio estudioso da língua e da literatura, Bandeira tinha uma relação ímpar com seus livros, assim sendo, tal qual Rui Barbosa o poeta “formou uma biblioteca destinada para seu estudo e prazer intelectual e não pelo deleite que a posse do livro pode oferecer” (Freire, 2013, p. 59). Entretanto, é observado que pelo fato de não ter sua vida motivada pelo constante desejo em adquirir livros por motivo de posse, Bandeira “não pode ser considerado um bibliófilo”, infere Freire (2013, p. 60).

Assim, ressalta-se o desprendimento do imortal pela posse de objetos, afora seus livros que mantinha o hábito de emprestá-los, inclusive quase perdeu uma biblioteca inteira por esse motivo (Baciu, 1966, p. 43); também às cartas enviadas por seus amigos que não as guardava; e por fim às obras de arte que ganhava de jovens artistas tais como Portinari, Pancetti e Di Cavalcanti, detendo a prática de oferecê-las de presente a outros amigos, fatos revelados por Baciu (1966) na biografia “Manuel Bandeira de corpo inteiro”, e rememorado por Freire (2013).

Outro hábito de Bandeira, um tanto inusitado, e que possivelmente deixaria vários bibliófilos repletos de espanto e sobressaltados, desvelado por Baciu (1966, p. 44) e lembrado por Freire (2013, p. 60), era que “quando se irritava com seus amigos ‘por lhe faltar com amizade’, ou se sentia de alguma forma traído ou desrespeitado, jogava os livros escritos ou dados por esses ‘falsos amigos’ do oitavo andar do edifício na Avenida Beira Mar onde morava”. Como provavelmente fez com os livros que ganhara de Paul Éluard, quando se aborreceu com o amigo (Baciu, 1966, p. 44). Logo, essa era uma maneira que o poeta encontrava para se libertar de relações indesejadas.

Ainda assim, embora os desapegos e os ímpetos de fúria de Bandeira, Freire (2013, p. 63), afirma que “sua biblioteca preserva grande parte de sua memória intelectual e social”, como pode ser constatado através das dedicatórias manuscritas encontradas nela, conjuntamente com a análise destas realizada pela autora.

Acerca das dedicatórias identificadas nos livros da coleção do poeta, Freire (2013) relata que do total de 3.236 títulos encontrados na biblioteca de Bandeira, 1.065 possuem dedicatórias manuscritas (964 escritas pelos autores do livro e 101 redigidas por terceiros), constatando que provavelmente a presença desse número significativo de dedicatórias “seja o

maior indicativo do respeito, admiração e amizade que personalidades do mundo das artes e da política tinham por Bandeira” (Freire, 2013, p. 75-78).

Todavia, mediante a análise das dedicatórias manuscritas presentes na coleção do poeta, Freire (2013, p. 80), por um lado, pode comprovar algumas de suas amizades postas por Baciú (1966, p. 13) tais como Afonso Arinos, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Dante Milano, entre outras. Já, por outro lado, a autora esmiuçou outras não informadas por Baciú, como a da escritora Rachel de Queiroz (Freire, 2013, p. 41).

Por oportuno, destaca-se que do universo das dedicatórias manuscritas oferecidas a Bandeira, e analisadas por Freire (2013), a quantidade expressiva delas aponta para as relações do poeta com outros literatos, autores, editores, revisores e tradutores. Em vista disso, a autora adverte que 90% das dedicatórias foram elaboradas por autores dos livros, logo, as relações do poeta com músicos ou então com o dono da padaria da esquina de sua residência passam despercebidas com a exclusiva utilização das dedicatórias” (Freire, 2013, p. 81). Como foi o caso do músico Jaime Ovalle, um dos grandes amigos de Bandeira (Baciú, 1966) que não apareceu em nenhuma dedicatória.

Cumprir ratificar que tal como a obra de Manuel Bandeira não deve ser dissociada da sua vida, a sua biblioteca tampouco delas, visto que esta é um reflexo da história de sua biografia profissional e pessoal, servindo como uma formação da própria existência do poeta. Desse modo, ela preserva parte da memória profissional e das relações sociais de Bandeira (Freire, 2013).

Em síntese, a vida e obra de Manuel Bandeira refletem sua influência pioneira na evolução da poesia e da literatura brasileiras do século XX a partir do modernismo enquanto movimento estético e intelectual. Sua trajetória como poeta evidencia um domínio pleno e singular da escrita e da língua, como também a sua erudição ao tematizar a cultura em sua amplitude, compondo uma estética da simplicidade que atravessa toda a tecitura de sua obra, por meio da qual Bandeira cria poesia com a vida e o que de mais simples ela tem em si mesma. A esse propósito, a escritora Clarice Lispector ratifica que para se obter o simples há um laborioso caminho a ser percorrido: “Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho” (Lispector, 2020, p. 4). A participação de Manuel Bandeira na cena das artes e da intelectualidade, suas relações com figuras importantes das artes e da política demonstram seus contributos para a construção de uma identidade nacional. A inserção e a preservação de sua biblioteca particular na Academia Brasileira de Letras trazem à tona a sua contribuição enquanto alicerce na memória da literatura e da cultura do Brasil, prolongando seu legado para as gerações vindouras.

3 A DEDICATÓRIA MANUSCRITA COMO FONTE DE PESQUISA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

As dedicatórias impressas e manuscritas, enquanto práticas sociais na história do livro dentro da sociedade letrada, contêm informações significativas. Elas podem ser utilizadas como fontes de pesquisa para compreender a relação entre indivíduos e a sociedade. Ao analisar as dedicatórias manuscritas, é relevante considerar a função delas como reflexo da evolução da história do livro, abrangendo a transição do livro manuscrito para o impresso.

Em vista da contribuição das dedicatórias manuscritas em livros provenientes de bibliotecas particulares para o campo de estudos da Ciência da Informação, toma-se estas dedicatórias enquanto marcas de proveniência e informação em evidência, a fim de investigar as redes de sociabilidade e afetivas, bem como os aspectos históricos e memorialísticos nelas imbricados. Com isso, distinguindo-se da compreensão das dedicatórias manuscritas na sua dimensão documental, como vista na seara da História.

Ademais, ressalte-se que esta investigação só se tornou possível mediante a compilação das coleções especiais dos escritores Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, cujas relações advêm a pesquisadora por intermédio da análise atenciosa do conteúdo das dedicatórias manuscritas que constam nos exemplares de livros coligidos nessas coleções. No entanto, vale salientar que, em caso de dispersão desses exemplares, compromete-se o caráter singular e personalístico revelador da sociabilidade e da afetividade entre dedicador e dedicatário⁴⁰, nesse caso os supramencionados literatos.

Acrescente-se ainda que a presente dissertação buscou analisar os livros dedicados enquanto fonte de informação e documento, sendo as dedicatórias manuscritas que neles constam possíveis informações em evidência. Nesse sentido, os livros com dedicatórias mostraram-se potencializadores para ativação da memória, para rememoração, bem como para ressignificação das memórias, da cultura e das identidades pessoais e coletivas, quando no âmbito de uma biblioteca particular — tomada como um “lugar de memória” nos termos do historiador francês Pierre Nora.

⁴⁰ Note-se que são utilizadas as variáveis dedicador e dedicatário para denominar os interlocutores da dedicatória. A palavra dedicador é dicionarizada e significa “que ou aquele que dedica; ofertante” (Ferreira, 1999, p. 612); dedicatário significa “pessoa ou pessoas a quem é dedicada uma obra” (Faria; Pericão, 2008, p. 224).

3.1 A dedicatória e sua função ao longo da história do livro

Para suscitar a origem da palavra dedicatória, é recorrido primeiramente ao verbete relativo à designação do termo *dédicace* (dedicatória) no *Le Nouveau Larousse illustré* de 1900, sendo este descrito como “homenagem que o autor de um livro ou objeto de arte faz a alguém” (Augé, 1900, p. 570). Para além de associar o termo ao gesto de oferecer livros e conceber homenagem a indivíduos, é acrescentado no corpo do verbete informações sobre diferentes atos de oferecimento de livros em épocas distintas.

Diante disso, é observado que as práticas das dedicatórias no transcorrer da história do livro florescem nos impressos entre os séculos XVI e XVII, chegando ao seu apogeu sob forma impressa no século XVIII na Europa, numa época em que os escritores viviam precipuamente da benevolência de figuras importantes (Augé, 1900). Logo, as práticas das dedicatórias tomam forma especificamente durante o complexo contexto do Antigo Regime na França, onde o sistema de mercês e concessões se manifesta através destas práticas como reflexo das relações de mecenato e de demonstração de hierarquia social vigente.

À face do exposto, os historiadores culturais Roger Chartier (1998; 2008) e Robert Darnton (1996; 2016) ratificam que as dedicatórias são espelhos das circunstâncias vividas na época. Para Chartier (2008, p. 186) “a origem da palavra dedicatória (do latim *dedicatio*) está associada ao verbo ‘dedicar’ que em francês, são os mesmos termos (*dédier* [dedicar], *dédicace* [dedicatória]) que designam a consagração de uma igreja e o oferecimento de um livro”. Assim, etimologicamente a dedicatória está associada ao Divino. Desta maneira, a Igreja de cunho sagrado, está ligada e simbolizada no livro. Esta acepção dicionarizada é posta por Chartier (2008), citando o *Dictionnaire Universél* de 1690⁴¹.

Isto posto, é observado que o gesto de homenagear o soberano por meio da dedicatória e, em geral, “esperar dela, *em vão*, uma recompensa” (Chartier, 2008, p. 186), representa uma prática relativa a sociedade de trocas, cuja dedicação beneficia aquele que oferece a homenagem e, por conseguinte, ao soberano, homenageado e enaltecido pelo o seu poder de rei.

Perante essa concepção, Roger Chartier (2008) evoca o jogo do gesto do livro oferecido ao príncipe, expondo a dedicatória incorporada a esse livro manuscrito, inicialmente,

⁴¹ Dedicare: Consagração de uma igreja (...) É também o texto liminar de um livro, dirigido à pessoa a quem se dedica esse livro para pedir-lhe proteção; Dédier: Consagrar uma igreja [...] Significa também oferecer um livro a uma pessoa para homenageá-la e ter ocasião de elogiá-la, e, muitas vezes para esperar dela, *em vão*, uma recompensa (Chartier, 2008, p. 186).

como uma imagem que espelha a relação entre o soberano e o escritor, e a consagração do livro. Assim, Chartier (2008, p. 186) conta que “na era do livro manuscrito, numerosos são os frontispícios que representam o “autor”, ajoelhado, oferecendo ao príncipe, sentado no trono e provido dos atributos de sua soberania, um livro”.

Desse modo, é visto que a dedicatória enquanto imagem nos manuscritos configura um gesto de subserviência do autor ao príncipe que aceita sua obra, sendo concebida como um “elogio público em forma de imagem”, conforme destaca Stefanie Freire (2013, p. 27). Sobretudo, a dedicatória ilustrada simboliza uma forma de consagrar ao divino, representado pela figura do rei, servindo de indício de uma época marcada pela dependência e submissão do autor à realeza. De modo igual, esta noção de dedicatória subsiste até o século XVIII como “uma das melhores maneiras de captar benevolência real” (Chartier, 2008, p. 190).

Nessa conjuntura, é entendido que a função da dedicatória ilustrada se estende à imprensa, sendo esta última considerada por Ana Carolina Delmas (2008, p. 2) como “a personificação da troca de benefícios por prestígio e afirmação de poder; manifestação textual dessa relação de interdependência, da troca de poder simbólico por privilégios com rendimentos materiais”. Para a autora, essas características da dedicatória impressa somam-se à capacidade de produzir um bem cultural digno de ser oferecido, no caso do objeto livro — que simboliza sabedoria e status, exercendo força e influência psicológica, cultural e política na sociedade vigente à época (Canfora, 2003) —, e que também fizesse uma declaração pública do poder real expressiva a ponto de ser recompensado por isso (Delmas, 2008).

Destarte, Roger Chartier (1998) ratifica a função da dedicatória impressa vinculada à prática do mecenato, explanando sobre esta fusão, aponta que o gesto que inicia as relações de clientela, ou de patrocínio, é o da dedicatória. Nela, o autor oferece um livro contendo o texto que escreveu e, em troca, recebe as manifestações da benevolência traduzida em termos de proteção, emprego ou recompensa (Chartier, 1998, p. 39).

Dito isto, é atestado o uso das dedicatórias por parte dos autores como forma de obter patrocínio. Por vezes estas forjam reciprocidade, a exemplo Chartier (2008) menciona a dedicatória de *Horace*, tragédia representada em 1640, dirigida ao cardeal de Richelieu. Quando nela, Corneille proferiu que Richelieu lhes facilitou os conhecimentos da arte do teatro, pois eles não precisavam mais de outro estudo para adquiri-los, senão fixar nossos olhos no cardeal. “É aí que, lendo em seu rosto o que lhe agrada e o que não lhe agrada, que podem ser deduzidas regras infalíveis a respeito do que é preciso seguir” (Chartier, 2008, p. 193). Assim, bajulando o ministro ao declarar que suas ideias e seus julgamentos expressam os princípios da prática do teatro.

No exemplo acima, Roger Chartier nota que “a tragédia que Richelieu recebe em homenagem é, pois, no fundo, o produto de seu próprio ensinamento; por conseguinte, ela é sua criação, tanto ou mais que de Corneille” (Chartier, 2008, p. 193). Demonstrando que a retórica utilizada por Corneille é um espelho de si mesmo. Assim, Chartier esclarece alguns aspectos distintos do funcionamento das relações de cliente/patrono em torno das práticas de dedicatórias.

Nessa linha de pensamento, Robert Darnton (1996; 2016), evidenciou tal como Roger Chartier (1998; 2008) as práticas das dedicatórias no livro impresso como representações⁴² simbólicas das relações de força e poder, política e social na França do século XVIII, especificamente durante o Antigo Regime, período anterior à Revolução Francesa (1789) que abalou as estruturas das dedicatórias.

Ao tecer sobre a difusão do Iluminismo na sociedade europeia pré-revolucionária através da Enciclopédia (compilação de verbetes), em específico a *Méthodique*, do influente editor *Panckoucke*, Robert Darnton (1996) expõe uma parte da obscuridade que circunda a história do livro. O autor mostra uma proporção do alcance de como o pensamento dos filósofos materializado nos livros revela um processo de transmissão de ideias, considerado uma grande fonte de valor econômico.

Nessa perspectiva, Darnton (1996) retrata por meio de fontes históricas como funciona a atividade editorial enquanto negócio e como ela se insere nos sistemas políticos e econômicos vigentes à época. Sobre a *Méthodique*, Darnton (1996, p. 420) argumenta que “a cultura oficial do reino imprimiu diretamente sua influência sobre a obra”, sendo isto constatado a partir dos comentários dos editores sobre suas obras, assim como pelas dedicatórias impressas nelas.

Dessa forma, as dedicatórias aparecem com a função de angariar proteções e benefícios econômicos. Podendo ser atestado, por exemplo no último processo de reimpressão da Edição *in-folio* de Livorno (1770-8), cujo editor Giuseppe Aubert, persuadiu três burgueses abastados a fornecer o capital, enfatizando que “mais importante foi ter o esclarecido arquiduque de Toscana, Pedro Leopoldo, aceito a dedicatória da obra, protegendo-a do papa e chegando mesmo a providenciar empréstimos e um local para a instalação dos prelos” (Darnton, 1996, p. 37).

⁴² O termo “representações” é compreendido como “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (Chartier, 1992, p. 17). Esse conceito é posto no campo da história cultural, que tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.

Somando-se a isto, é observado que as dedicatórias aparecem como indícios que confirmam a influência da cultura oficial do reino sobre a Enciclopédia *Méthodique*, como denota Darnton (1996, p. 380) que “na década de 1780, as páginas de rosto vinham ornadas com dedicatórias a ministros e ostentavam o *imprimatur* real, ‘AVEC APPROBATION ET PRIVILÈGE DU ROI’”, evidenciando nas páginas de rosto a condição semioficial da Enciclopédia.

Tendo isto em vista, Robert Darnton assevera que após 1789, as formas oficiais pareciam incompatíveis com o conteúdo da Enciclopédia. Panckoucke eliminou da obra as dedicatórias à ministros e o *imprimatur* real e a vendeu como uma expressão da superioridade nacional em questões de intelecto (Darnton, 1996, p. 420)). Então, legitimando a função das dedicatórias como práticas sociais, e ao mesmo tempo como documentos, servindo de vestígios das relações de poder entrelaçadas por interesses políticos e econômicos, e por intelectuais.

De semelhante modo, o historiador descreve como os censores atuam durante a repressão de livros que ambicionam restringir a expressão literária, na França do século XVIII. Nesse panorama, Darnton (2016) mostra que a “polícia do livro” retrata a censura no referido sistema, e mostra o perfil de censores e autores literários, bem como das redes que compunham as concessões e negociações de privilégios a estes. Destacando a importância das dedicatórias para obter “proteções”⁴³ e privilégios.

Assim, Darnton (2016) rememora a história de sucesso de Chevalier de Mouhy, romancista de aluguel que tinha pouco talento e fortuna, porém havia construído um capital na forma de “proteções”. Nessa história, Mouhy utilizou em sua obra *Tablettes dramatiques* a introdução e a dedicatória como trunfos para obtenção de proteção e de privilégio para pôr o livro à venda. Dessa forma, a primeira foi dirigida ao Chevalier De Pons, um dos conselheiros do duque de Chartres, que viabilizou a apresentação do seu manuscrito ao duque, e a segunda foi redigida logo após de algumas negociações sobre a bajulação ao duque em uma das linhas da dedicatória, persuadindo De Pons a convencer o duque a aceitá-la (Darnton, 2016, p. 24).

No episódio citado, o historiador exprime como a dedicatória constitui um elemento valioso utilizado para obtenção de proteção e privilégio, entretanto é notável que ela também forja uma relação por meio de bajulações. Isso mostra que o gesto de oferecer um livro estava intrinsecamente associado às transações das relações sociais da época.

⁴³ Para fins deste estudo entende-se “proteções” como termo do século XVIII para designar o tráfico de influência que fazia *le monde* rodar (Darnton, 2016, p. 24).

Já em outra história, Darnton (2016) reporta ao caso de insucesso de Guillaume Poncet de la Grave, advogado e homem de letras de baixo escalão, era um personagem muito mais substancial do que o Chevalier de Mouhy, mas de muito menos sucesso no que diz respeito a mobilizar seus protetores, apesar de, mais tarde, ter ele mesmo se tornado censor. Neste exemplo, o escritor não teve o apoio do censor, muito menos o apoio de um padrinho influente, o que o impediu de prosseguir com a publicação de seu livro. Tendo em vista que “aceitar a dedicatória de uma obra significaria dar a ela a aprovação pública” (Darnton, 2016, p. 25), comprometendo o nome e a imagem daqueles que o apoiassem.

Quanto a essa circunstância, Darnton (2016, p. 25) afirma que “Poncet passou por cima de Moncrif e apelou a Malesherbes. É duro para um autor se ver exposto a tantas dificuldades na França. Eu nunca soube como representar o papel de cortesão. Tanto pior para mim”. Em vista disto, é perceptível a insatisfação de Poncet ao retratar uma época em que os autores se viam dependentes de práticas como as das dedicatórias entrelaçadas às redes de influências de autoridades para publicar seus livros e obter recursos financeiros por meio destes para viver.

Assim, Robert Darnton chama atenção para uma questão delicada subordinada às dedicatórias, isto é, o fato de uma personalidade pública aceitar uma dedicatória de um livro simboliza que ela o endossa e se identifica com ele. Posto que os escritores buscavam com insistência as entidades públicas na expectativa de que uma dedicatória ocasionasse um patrocínio, ela somente era aceita se o autor apresentasse uma carta comprovando que ela havia sido aceita (Darnton, 2016, p. 35).

Logo, é possível inferir que quando tomados juntos e correlacionados, Chartier (1998; 2008) e Darnton (1996; 2016) manifestam a função da dedicatória — desde o tipo ilustrada nos manuscritos ao tipo imprensa nos impressos — dentro da história do livro, e associada às práticas sociais, como um gesto de oferecimento de um livro e concomitantemente de homenagear um indivíduo a fim de obter benefícios na forma de proteções e privilégios.

Ademais, é também plausível aferir — levando em consideração as particularidades observadas em cada um dos estudos de ambos os autores —, que as dedicatórias por um lado podem, na qualidade de documento, ser “um testemunho precioso da época” (Le Goff, 2003, p. 85). Já por outro lado, consideradas como marcas de proveniência, enquanto informações extrínsecas nos livros, podem indicar relação social, usos e circulação, questão a ser abordada no próximo subcapítulo (Azevedo; Torres; Okuzono, 2020).

Trazendo a abordagem da dedicatória para o Brasil, Ana Carolina Delmas (2008) fundamenta que a prática da dedicatória impressa que tomou forma durante o contexto

complexo do Antigo Regime, deixou permanências no ambiente da Europa do século XIX e também no Brasil no mesmo período (Delmas, 2008, p. 30). Então, confirmando a prática feita pela sociedade da época.

Nesse panorama, analisar as dedicatórias impressas, em específico nas obras publicadas durante o período do governo de D. João (1808-1821) estendendo-se ao ano seguinte a este (1822), constitui segundo Delmas (2008, p. 14) “um dos meios de análise do significado dos livros dentro de uma sociedade, das relações desse impresso com os demais e das próprias relações de sociabilidade”. Entendendo que as dedicatórias e os jogos envolvidos nessas práticas são carregados de significados políticos e de identidade cultural.

Desse jeito, a autora alega que as dedicatórias como “homenagens presentes nas páginas dos livros são ligadas às idéias, ao poder e à cultura” (Delmas, 2008, p. 15), tal como mostram os estudos de Chartier (1998; 2008) e Darnton (1996; 2016).

No que concerne às dedicatórias impressas nas obras da sociedade luso-brasileira, inicialmente publicadas em Portugal, Delmas (2008) enfatiza a existência de um número significativo de textos elogiosos. Destarte, ao analisar obras da Impressão Régia de Lisboa publicadas entre os anos de 1768 e 1800, a autora ressalta os mais elogiados: D. José I, o Marquês de Pombal, D. Maria I, D. Pedro III e D. João VI, além de outros membros da elite portuguesa (Delmas, 2008, p. 77). Fato que atesta a continuidade da circulação de livros exclusiva às elites e as homenagens em forma de elogios restritos a estas.

Com relação às dedicatórias impressas presentes em obras do Brasil colonial, durante o período de 1808 a 1822, Delmas (2008, p. 81) certifica que a “Impressão Régia do Rio de Janeiro publicou, já em uma de suas primeiras obras, de 1808, uma dedicatória impressa”. A autora assevera que do montante total de 1.428 obras publicadas no referido período, 228 destas foram oferecidas em homenagem a alguém, ou seja, cerca de 15% do total. E coloca da seguinte forma:

Dentre as obras oferecidas em homenagem, a maior parte foi direcionada a alguma figura social ou política de destaque, mas também foram encontradas obras direcionadas a amigos do autor (especialmente de poesias e cantigas), ou ainda diretamente relacionada com algum acontecimento (e indiretamente relacionada com alguém envolvido com tal fato) (Delmas, 2008, p. 81).

Perante a colocação acima, é perceptível uma sinalização de que singelas mudanças nos gestos de dedicar aconteciam no Brasil, a exemplo o aparecimento de obras dedicadas a

amigos de autores, bem como relacionadas a algum conhecimento, conforme aponta Delmas (2008).

Ainda no tocante às primeiras homenagens, Delmas (2008, p. 238) observa que o maior número destas foi reservado ao monarca D. João. Situação que marca o início da prática das dedicatórias em obras publicadas no Brasil, logo “comprovando traços da cultura do Antigo Regime, que se transferiram para os trópicos” (Delmas, 2008). A título de exemplo, segue a dedicatória de António José de Lima Leitão feita a D. João, no segundo tomo, de 1819, da obra “Monumento a elevação da colônia do Brasil a reino, e ao seu estabelecimento da tríplice Império-Luso”, tradução de De Publio Virgílio Maro:

Figura 4 - Dedicatória impressa de António José de Lima Leitão feita a D. João

SENHOR,

COM o Beneplácito de VOSSA MAJESTADE
tenho a honra de pôr aos Pés do Trono a minha
Tradução da Encida, Poema, com que Roma brin-
dou os séculos futuros, communicando-lhes assim com
impulsão perenne a sua Heroicidade na Moral priva-
da, e pública.

A Posteridade, que nem aos Reis perdôa, appon-
tará em VOSSA MAJESTADE um nunca visto
número de pontos de contacto Moraes, e Politicos com
o Heroe desta Epopcia, o qual lançou os cimentos á
mais primorosa Nação do Glóbo, e que em filial pie-
dade, e em Reaes virtudes passará sempre por modé-
lo. Eis o maior título por que a VOSSA MAJES-
TADE è devido este debil tributo da gratidão, com
que me glorio ser

SENHOR.

DE VOSSA MAJESTADE

Muito fiel, e respeitôso vassallo.

António José de Lima Leitão.

Fonte: Google Livros⁴⁴

⁴⁴ LEITÃO, Antonio José de Lima. “Prefácio e notas à tradução”. Monumento à elevação da colônia Brasil a Reino, e ao estabelecimento do tríplice Império Luso. As obras de Públio Virgílio Maro, traduzidas em verso português, e anotadas pelo Doutor Antonio José de Lima Leitão. Tradução: Antonio José de Lima Leitão. Rio de

Transcrição da dedicatória impressa na íntegra:

Senhor,
Com o Beneplácito de VOSSA MAJESTADE tenho a honra de pôr aos Pés do Trono a minha tradução de Eneida Poema com que Roma brindou os séculos futuros, comunicando-lhes assim com implosão perene a sua Heroicidade na Moral privada, e pública.

A posterioridade, que nem aos Reis perdoa, apontará em VOSSA MAJESTADE um nunca visto número de pontos Morais, e Político com os Herói desta Epopéia, o qual lançou os cimentos a mais primorosa Nação do Globo, e que em fiel piedade, e em Reais virtudes passará sempre por modelo. Eis o maior título por que a VOSSA MAJESTADE é devido este débil tributo da gratidão, com que me glorio de ser

SENHOR.
DE VOSSA MAJESTADE

Muito fiel, e respeitoso vassalo,
António José de Lima Leitão.

A referida dedicatória impressa, em sua forma tradicional, direciona a aclamação do soberano representando um indício de que Antônio José de Lima Leitão buscava benefícios por meio desta. Conforme constata Delmas (2008, p. 166), logo após a homenagem feita a D. João, Leitão “foi nomeado Intendente de Agricultura nos estados da Índia e três anos depois deputado às cortes ordinárias pelo estado de Gôa, e posteriormente pelo Reino dos Algarves” (Delmas, 2008, p. 166). Para além destes, continuou a receber cargos e benesses se utilizando de dedicatórias para obter destaque.

Tendo em vista a relação estabelecida entre autores e o soberano por meio de homenagens em páginas de livros, com o prestígio e os privilégios delas decorrentes “as dedicatórias assumem, então, o papel de impulso a uma trajetória mais próxima da vida política, a uma carreira mais proveitosa e engajada com tais elites e ao estreitamento dos laços com o círculo social da família real” (Delmas, p. 238). Abrindo, dessa forma, caminhos para estudos e pesquisas com temáticas que abordam dedicatórias e relações de sociabilidade.

Por seu turno, as análises das dedicatórias impressas feitas por Delmas (2008) alicerçam as análises das dedicatórias manuscritas realizadas por Freire (2013), as quais apontam estas práticas como símbolos de relações políticas no Brasil joanino. Em seu estudo,

Janeiro: Typographia Real, [entre 1818 e 1819]. 3 t. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=ZnA9AAAcAAJ&pg=PR3&lpg=PR3&dq=Monumento+a+eleva%C3%A7%C3%A3o+da+col%C3%B4nia+do+Brasil+a+reino,+e+ao+seu+estabelecimento+da+tr%C3%ADplice+Imp%C3%A9rio-Luso&source=bl&ots=z9e37ZSP1F&sig=ACfU3U1xqYYqKxHwvFyKoYmWqaJHppjstA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi7hbPSqMuAAxWKqJUCHdy8C0EQ6AF6BAgdEAM#v=onepage&q&f=false>
Acesso em: 07 ago.2023.

Freire (2013) tem como um dos principais objetivos averiguar a rede de sociabilidade do poeta Manuel Bandeira por meio das dedicatórias manuscritas, encontradas em sua biblioteca.

A priori, ao perscrutar alguns aspectos da prática do oferecimento e a representatividade das dedicatórias ao longo da história do livro, Freire (2013, p. 15) infere que: “a dedicatória deixou de ser um ato de submissão do súdito perante o rei para ser um ato de ‘submissão’ ou demonstração de carinho e consideração de um cidadão perante um ente querido ou autoridade literária”. Sublinhando transformações no que tange a função da dedicatória, por efeito de substituição de regimes políticos. Logo, “a dedicatória se ressignifica e reverbera essa mudança na transição da sua forma impressa para a manuscrita” (Bastos; Nunes; Filgueiras; Lima, 2022, p. 445), assumindo relevância no século XIX, e atingindo seu ápice no século XX.

Destarte, ao passo que a dedicatória impressa abre espaço para a manuscrita, os longos textos elogiosos e laudatórios começam a dar cada vez mais lugar a pequenos escritos, direcionados a pessoas do mesmo ciclo social. A “bajulação real” passa a dar espaço para homenagens despretensiosas, tais como demonstrações de admiração, afeto ou gratidão (Freire, 2013).

Nessa conjuntura, o gesto de oferecimento de um livro em homenagem a um indivíduo, passa a ser concebido como um meio de compartilhar sentimentos emocionais⁴⁵ ou até mesmo intencionar atingir o indivíduo (dedicatário), ideia reforçada por Grauz (2015) ao colocar que as dedicatórias manuscritas: “[...] mais do que falar das escolhas literárias do homenageado [...] expõem relações pessoais, evidenciam situações, trazem luz a fatos e levantam questões. Dedicar um livro a alguém pode revelar a intenção de quem o faz”.

Entretanto, a dedicatória manuscrita desempenha função díspar da impressa, ainda assim é utilizada como meio para angariar respeito e favores do homenageado. Dessa forma, é compreendido que toda dedicatória, seja ela impressa ou manuscrita, se reveste de particular importância, visto que “independente de quem a elaborou e/ou recebeu, têm um valor histórico único e insubstituível, pois é capaz de representar o contato e as trocas sociais realizadas entre o dedicador e o dedicatário” (Freire, 2013, p. 15). Então, possibilitando estudos sobre a personalidade e a trajetória de vida tanto do dedicador, quanto do dedicatário, bem como da relação entre estes interlocutores.

Todavia, são diversos os fatores que distinguem os dois tipos de dedicatórias, um deles se dá ao fato de: “enquanto a dedicatória impressa, de modo geral, apresenta um texto

⁴⁵ Neste trabalho o termo “sentimentos emocionais” é compreendido como componentes fundamentais dos afetos, como: amor, alegria, tristeza, raiva etc., sendo estes todos compostos por dor, prazer e desejo, assim como foi descrito no livro *Ética*, do filósofo Spinoza (2009).

quase que protocolar, a manuscrita pode ser, por exemplo, uma poesia, uma pequena obra literária inserida no começo da obra propriamente dita”, segundo apontamentos de Freire (2013, p. 38). Vale ressaltar o fato desta última, propiciar a criação de uma identidade ao exemplar, por ter uma escrita singular e única presente somente na obra do dedicatário.

Outra distinção entre as dedicatórias, conforme as observações de Freire (2013, p. 35-39) é que “a impressa pode ser feita em memória de alguém já falecido, enquanto que a manuscrita é feita diretamente para quem irá receber a obra. [...] Além de que, a dedicatória manuscrita pode ser elaborada por alguém que não seja o autor da obra”. Portanto, de tipos e funções distintas, a dedicatória ocupa espaço próprio, reservado à oferta de livros.

Em linhas gerais, consoante os apontamentos colocados anteriormente, Freire (2013, p. 35) define as dedicatórias manuscritas da seguinte forma:

Como um gesto baseado na teoria da reciprocidade, pois responde a uma necessidade social e cultural tanto daquele que homenageia como do homenageado. A dedicatória pode ser caracterizada, dessa forma, como uma relação de interdependência que tenta combinar amizade, admiração, respeito e interesses, pois através dela o autor pode constituir, reforçar ou forjar laços e relações de sociabilidade o que poderia representar um aumento de prestígio e, por conseguinte, de status pessoal, social e profissional para o dedicador (Freire, 2013, p. 35).

De maneira complementar, a dedicatória manuscrita em si, é formada com uma estrutura padrão por componentes como local, “de”, “para” e saudação. Geralmente esses elementos, conforme aponta Freire (2013, p.40) “são seguidos por ‘declarações de afetividade’ que inferem a relação entre quem escreve e quem recebe a dedicatória, como por exemplo: ‘ao querido amigo’ e ‘à prezada professora’”. Esses elementos e outros, que compõem a dedicatória manuscrita fazem desta uma valorosa marca de proveniência bibliográfica, viabilizando seu estudo como fonte e objeto de pesquisa, o que será abordado no próximo subcapítulo.

Cabe salientar que, corroborando com Freire (2013), a autora Joice de Medeiros (2020) define que a dedicatórias manuscritas são um tipo de marca de proveniência bibliográfica que consiste em mensagens escritas à mão por um indivíduo e inseridas em um livro como forma de homenagem, agradecimento, reconhecimento ou expressão de sentimentos. Juntando-se a isso, a autora pontua que, geralmente, as dedicatórias manuscritas contêm informações como o nome do dedicado, a data, o local e a assinatura do autor da dedicatória. Esses elementos proporcionam insights sobre as relações sociais, afetivas e culturais entre as pessoas envolvidas, além de acrescentar um valor sentimental e histórico ao exemplar em questão (Medeiros, 2020, p. 28).

Acrescente-se a isso que, diferentemente de Manuel Bandeira, que se desfazia de seus livros dedicados quando do tensionamento das relações afetivas com os dedicadores (Freire, 2013, p. 60), o mecenas e bibliófilo Francisco Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo) guardava os livros com as dedicatórias, a despeito de eventuais provocações ou rompimento de amizades (Bastos; Nunes; Filgueiras; Lima, 2022, p. 445), supostamente em vista do valor histórico e cultural que vislumbrava nesses livros dedicados, o que permitiu acúmulos plurais em termos de afetividade em sua coleção bibliográfica, que se torna ainda mais rica e especial do ponto de vista dos afetos, compreendidos a partir da teoria do filósofo Baruch Spinoza (2009), cuja obra “Ética” amplia o entendimento acerca do termo afeto.

Diante do exposto, apresenta-se a evolução e função das dedicatórias ao longo da história dos livros. Inicialmente, ela é utilizada para prestar homenagem do autor a alguém. No entanto, observa-se que as práticas evoluíram entre os séculos XVI a XVIII, atingindo seu auge no século XVIII na Europa, refletindo as circunstâncias políticas e sociais.

A dedicatória, palavra de origem latina, estava associada à consagração religiosa e ao oferecimento de livros. Destacando-se as críticas apontadas aos escritores em busca de recompensas por meio de dedicatórias. Ao longo do tempo, a dedicatória ilustrada espelha a relação autor-príncipe, simbolizando a dependência do autor à realeza. Reforça-se, com isso, como as dedicatórias refletem relações de poder, relações políticas e econômicas.

Considerando isso, as dedicatórias, em sua forma impressa ou manuscrita, foram utilizadas como instrumentos para angariar proteções e privilégios. No Brasil, por outro lado, observa-se a continuidade das homenagens e como essas práticas evoluem com o tempo, demonstrando afeto, carinho e consideração.

É, então, possível inferir que não se pode negar o caráter histórico das dedicatórias. A prática da dedicatória, ao longo da história, moldou-se pelas transformações políticas e sociais, passando de uma estratégia de busca de favores para um gesto de afeição e respeito. Sendo, a partir disso, possível observar as relações afetivas de um autor, através das suas dedicatórias manuscritas.

3.2 A dedicatória manuscrita como marca de proveniência e informação em evidência: um caminho para análise de redes de sociabilidade

O termo sociabilidade equivale aos laços que unem um pequeno grupo de pessoas ao qual um indivíduo pertence, e também se interpenetram o afetivo e o ideológico, conforme define Jean-François Sirinelli (1996, p. 253). Esta acepção é aplicada na investigação de fontes,

no caso das dedicatórias manuscritas. Entendendo que através da análise da troca de dedicatórias é possível inferir a sociabilidade presente na rede formada pelo dedicador e pelo dedicatário.

Assim, é concebido que as dedicatórias manuscritas se constituem de uma importante ferramenta de interação social (Freire, 2013), uma vez que possibilitam reconstruir redes de sociabilidade. Enquanto marcas de proveniência do livro, as dedicatórias manuscritas indicam a origem relacionada à propriedade anterior (Pearson, 1998), permitindo estabelecer o itinerário geográfico do livro — trajetória e identificação do dono originário. Além disso, contêm singularidades inerentes ao seu uso, o que as individualizam.

Quanto à “proveniência”, Faria e Pericão (2008, p. 605) a define como:

informação acerca da transmissão de propriedade de um manuscrito ou impresso. Uma encadernação especial com super-livros, ex-libris, carimbo, selo branco ou qualquer inscrição de anteriores possuidores pode indicar a proveniência da espécie na qual o exemplar em questão pertenceu a uma personalidade conhecida [...]. Pertence. Marca de posse. Origem [...] (Faria; Pericão, 2008, p. 605).

Dessa maneira, é entendido que as dedicatórias manuscritas na qualidade de marcas de proveniência do livro compõem-se de informações extrínsecas que revelam “quem possuiu”; “como chegou” e “por onde passou” (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 17), reverberando práticas de sociabilidade, circulação de gostos e ideias numa determinada sociedade e época (Pearson, 2005). Logo, as dedicatórias dispõem de componentes que “evidenciam as relações entre objetos, pessoas, lugares, períodos de tempo e outros objetos” (Leung, 2016, p. 13). Portanto, são significativas para serem analisadas como fonte e objeto de pesquisa.

Outrossim, é necessário considerar que as marcas de proveniência “revelam traços biográficos do exemplar com a trajetória de seus ex-donos [...]” (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 17). Para mais, Freire (2013) confirma que as marcas de proveniência podem refletir os interesses do dono originário do livro, bem como colaborar na composição do perfil e de sociabilidade de uma personalidade.

Ante o exposto, convém pontuar, que as marcas de proveniência bibliográfica se referem às evidências físicas ou documentais⁴⁶ deixadas em um livro ou objeto que indicam sua origem, propriedade ou história de posse ao longo do tempo, conforme define Joice de Medeiros (2020). Essas marcas podem ser de origem pessoal, como dedicatórias manuscritas e

⁴⁶ A caracterização de um tipo de marca de proveniência, em específico, a dedicatória manuscrita, como um documento, é apresentada por Freire (2013).

assinaturas⁴⁷, ou de origem institucional, como carimbos de bibliotecas ou fichas de consulentes, entre outros elementos que fornecem informações sobre o histórico do exemplar e sua trajetória (Medeiros, 2020).

Isto posto, é ressaltado que Medeiros (2020) caracteriza as marcas de proveniência bibliográfica como informação e também um documento que transcende o conteúdo do livro, ou se quiser, do suporte onde foi registrada. Confere-lhe um status de “objeto aurático⁴⁸”. Logo, a identificação e a análise das marcas de proveniência viabilizam a ressignificação das obras, sendo esta última primordial para entender a história e a significância de um determinado item dentro de um acervo, possibilitando reconstruir sua trajetória e valorizar sua relevância cultural e histórica (Medeiros, 2020, p. 22-26).

Nessa ótica, Azevedo, Torres e Okuzono (2020), trouxeram como contribuição e fundamentação metodológica uma proposta de análise das marcas de proveniência, para a área da Ciência da Informação (CI), abordando estas como informação em evidência. Aproximando a discussão das marcas de proveniência aos teóricos da CI, ao categorizá-las como fontes de informação. Entendendo estas como todo tipo de documento em qualquer suporte e “tudo o que fornece a informação requerida por qualquer pessoa, seja uma instituição, um documento ou uma pessoa” (Rodriguez, 1998, p. 30, tradução nossa), tendo ou não sido criados para essa finalidade.

Sob esse aspecto, é importante destacar que as marcas de proveniência têm um potencial informacional no contexto da investigação das fontes de informação, compreendendo estas últimas como ferramentas de pesquisa essenciais para poder alcançar a informação requerida por qualquer pessoa. Tendo isto em vista, ao propor a análise das marcas de proveniência enquanto fontes de informação, os autores Azevedo, Torres e Okuzono (2020) caracterizam as dedicatórias como informação, quanto ao tipo de informação equivale à relação social e usos, e aos tipos de fontes de informação como pessoal, documental e primária.

No que se refere aos tipos de fontes de informação em relação à procedência e origem da informação, recorre-se a Rodriguez (1998, p. 31-34) que as define como:

a) pessoais referem-se a pessoas ou grupos de pessoas entre as quais existe uma relação geralmente profissional. Oferecem informação sobre si próprios [...]; b) institucional são aquelas que fornecem informações sobre uma instituição. Essa

⁴⁷ O conceito de assinatura em livro foi posto por Job Kwakman (2020) no texto “*Inscriptions, dedications and other types of signatures that affect the value of books*”. Para Kwakman (2020), a assinatura em livro refere-se à prática de uma pessoa autografar um exemplar, deixando sua marca pessoal no mesmo.

⁴⁸ Objetos auráticos são concebidos como itens que transcendem sua função primária, sendo únicos, singulares e autênticos devido às marcas de proveniência bibliográfica que carregam, bem como a significância que assumem no contexto em que estão inseridos (Medeiros, 2020, p. 96).

instituição, seja ela qual for, torna-se objeto de interesse e é ela mesma que fornece as informações solicitadas [...]; e c) documental são aquelas que fornecem informações de ou sobre um documento; a origem da informação e o meio pelo qual ela é transmitida é o documento e, às vezes, a informação que eles fornecem é também sobre um documento [...] (Rodríguez, 1998, p. 31-34, tradução nossa).

Se por um lado, as dedicatórias manuscritas na qualidade de marcas de proveniência exercem a função de fontes — quando abordadas a partir da sua condição de informatividade — elas também podem ser o próprio objeto de pesquisa. Uma vez que, conforme os autores Azevedo, Torres e Okuzono (2020, p. 18) afirmam estas marcas “alcançam variadas informações obtidas por meio de suas análises e inferências”.

Estende-se a isto, as reflexões de Azevedo, Torres e Okuzono (2020) pertinentes em particular as análises de dedicatórias manuscritas, que em função de sua natureza documental, fornecem por meio da escrita, informação sobre indivíduos, conjunto de indivíduos e possíveis relações entre si. Assim, as dedicatórias “podem indicar a proveniência, memória individual, coletiva e demais informações sobre os indivíduos que possuíam o livro” (Azevedo, Torres, Okuzono, 2020, p. 18).

Na mesma linha teórica de Azevedo, Torres e Okuzono (2020) que propõe que as marcas de proveniência são fonte de informação, Bibas e Azevedo (2022) em seus estudos adotam o paradigma indiciário como um dos caminhos na construção dessa abordagem. Entendendo o livro como artefato, os autores utilizam para a sua análise os princípios científicos e metodológicos da Bibliografia Material⁴⁹. Assim, abrem caminho tanto teórico quanto metodológico para endossar estudos nesse campo de investigação.

Dessa forma, Bibas e Azevedo (2022) em seus estudos tomam como base o artigo “Informação como coisa”, do *Journal of the American Society for Information Science*, de 1991, de Michael Buckland, sobressaído por sua importância para a área da Ciência da Informação. Nele, três significados de “informação” são discutidos: “informação como processo”; “informação como conhecimento” e “informação como coisa”, atribuindo o uso de “informação” para denotar coisas consideradas como informativo (Buckland, 1991).

Diante dessa visão, os autores Bibas e Azevedo (2022) concentram seus estudos no ponto da “informação como uma evidência”. Então, num sentido significativo, a informação passa a ser usada como evidência. Sendo este o termo apropriado, pois denota algo relacionado ao entendimento, algo que, se encontrado e compreendido corretamente, poderia mudar o

⁴⁹ Nessa abordagem a Bibliografia Material está relacionada à materialidade do livro, sendo compreendida por Varry (2011) como o estudo e a identificação de elementos intrínsecos e extrínsecos presentes nos livros.

conhecimento de alguém, suas crenças, a respeito de algum assunto (Buckland, 1991, p. 4, tradução nossa). Portanto, Bibas e Azevedo (2022) reforçam o pressuposto que as marcas de proveniência enquanto informação tem “algo a dizer”.

Cumpramos enfatizar que, fundamentada nos estudos de Buckland (1991) e de Bibas e Azevedo (2022), a presente dissertação buscou sustentar a caracterização de um tipo de marca de proveniência, em específico, a dedicatória manuscrita, como uma informação que pode ser vista como evidência. Adotando, conforme opta Buckland (1991, p. 352), o sentido de “evidência” no contexto de uma pista, similar ao uso desse termo por policiais. Onde ele faz essa associação para destacar a natureza da informação como algo que pode ser usado para inferir ou deduzir algo, assim como as pistas são usadas para resolver um caso ou chegar a uma conclusão.

Atestando o que foi exposto, Stefanie Freire (2022) ratifica que as marcas de proveniência, em particular as dedicatórias manuscritas tanto podem ser fonte quanto objeto de pesquisa, mas também mostra como a sua proveniência pode fornecer informações sobre a origem do livro e como isso pode favorecer a análise das redes de sociabilidade.

Nesse sentido, Freire (2022, p. 720) aponta que “independentemente de seu conteúdo, as dedicatórias manuscritas apresentam uma estrutura formal, composta por elementos de ocorrência comum”. Dito isto, a autora apresenta e descreve estes elementos presentes nas dedicatórias manuscritas. São eles:

a) as preposições “à”, “ao”, “de” e “para” – usadas pelo dedicador no início do texto. As preposições “à” e “ao” ajudam o leitor a identificar de imediato o gênero do dedicatário; b) a declaração de afetividade usada pelo dedicador, logo após as preposições. Exemplos: querido, meu amigo, prezado professor; c) o local onde o oferecimento foi escrito; d) a palavra “oferece”, como fechamento do texto; e) a data da emissão do registro manuscrito, que aparece no final do texto; e f) a assinatura ou rubrica do dedicador, encerrando a dedicatória (Freire, 2022, p. 720).

Os elementos descritos acima, atestam que “há a identificação da procedência (o dedicador), do destino (o dedicatário), e do itinerário (data e local) do livro” (Freire, 2022, p. 720), sendo concebidos como marcas de proveniência do livro, portanto, são fontes e objetos de investigação.

Entretanto, ao servir de fonte e objeto de pesquisa, Freire (2022) adverte que “A dedicatória manuscrita como informação deve ser documentada, mediante transcrição do original, procedimento de salvaguarda essencial em acervo de memória” (Freire, 2022, p. 724). Preservando-as para estudos e pesquisas das gerações vindouras.

No mais, considera-se o fato das dedicatórias manuscritas tornaram-se um hábito entre os autores e aqueles que presenteiam alguém com um livro, durante o século XX. Assim, é aludido a existência de uma página do livro “Sôneto da buquinagem”, na qual Carlos Drummond de Andrade reserva um espaço exclusivo às dedicatórias. Demonstrando que o poeta as enxergava como potenciais fontes de poesia (Freire, 2022), o que afirma a importância das dedicatórias na literatura como uma forma de expressão literária.

Quanto ao poeta Carlos Drummond de Andrade e às dedicatórias manuscritas de sua autoria, Freire (2022) revela que devido ao hábito de reuni-las em um caderno, o poeta inseriu essa coleção no livro “Versos de circunstância”. Logo, a obra ilustra, por intermédio dessas poesias, as relações de Drummond com outros escritores e personalidades da época, como Manuel Bandeira (Freire, 2022, p. 725). Nesse caso, a autora exemplifica como as dedicatórias manuscritas podem revelar as relações entre autores da literatura brasileira, podendo auxiliar na reconstrução de redes de sociabilidade.

Já em outro caso, relacionado ao poeta Manuel Bandeira, Freire (2022, p. 725) analisa duas dedicatórias que Bandeira recebeu do escritor Gilberto Freyre. Alicerçada em sua interpretação, a autora mostra como “as dedicatórias manuscritas podem ser usadas para demonstrar afeto, gratidão, respeito e reciprocidade entre os autores”. Pode-se ver no exemplo entre os escritores, onde as dedicatórias mostravam o nível de amizade entre ambos através das escritas, o que também causava ciúmes a outros amigos que não tinham o mesmo tratamento vindo de Freyre.

Perante o evidenciado acima, é percebido a importância que os intelectuais dão às dedicatórias como forma de declaração de afetividade, distinguindo o grau de intimidade entre eles (dedicadores e dedicatários). Deste modo, os elementos utilizados tais como “caro”, “prezado”, “querido” no início dos textos, desvelam os laços afetivos entre os autores, e viabilizam explorar a relação entre estes, sua amizade, colaboração e influência mútua, ressaltando a importância das dedicatórias na literatura.

Assim, a partir dos estudos entre os autores Azevedo, Torres e Okuzono (2020); Bibas, Azevedo (2022) e Freire (2022) sobre as dedicatórias manuscritas consegue-se compreender que estas marcas de proveniências se constituem de informações em evidências que permitem traçar o caminho para a análise de redes de sociabilidade. Como foi trazido por Freire (2022) no caso entre Manuel Bandeira e Gilberto Freyre que mostra a relação de afetos entre os escritores da literatura brasileira. Essas dedicatórias “quando reunidas numa biblioteca particular, [...] podem ser analisadas como objetos de práticas simbólicas capazes de auxiliar,

[...] [n]a construção de redes de sociabilidade[...]” (Freire, 2013, p. 15), assim como no caso citado acima, as quais foram encontradas na biblioteca particular de Manuel Bandeira.

Em síntese, a dedicatória manuscrita, enquanto marca de proveniência do livro, constitui uma valiosa fonte de informação e, ao mesmo tempo, de informação em evidência para entender a história daqueles que as escrevem e as recebem. Na medida em que sua procedência é composta por informações extrínsecas que permitem estabelecer a trajetória e identificação da relação entre esses indivíduos. Assim, é definido a dedicatória manuscrita como fonte de informação importante no processo do entendimento do livro e daqueles que o dedicaram e que foram dedicados nele.

A propósito dos livros dedicados que podem ser encontrados nas bibliotecas particulares, vale resgatar que os seus valores simbólico, documental e informacional se explicitaram mais ricos e prolíficos para o desenvolvimento desta pesquisa. Uma vez que, agrupados, esses exemplares de livros com as dedicatórias manuscritas forneceram a pesquisadora alguns dos aspectos mais profundos quanto a redes de sociabilidade, memória, afetividade e, no limite, às diferentes espécies de inter-relações entre dedicador e dedicatário, no caso da presente investigação entre os escritores Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira.

3.3 Apontamentos sobre bibliotecas particulares e coleções especiais bibliográficas no Brasil

A origem das bibliotecas no Brasil se situa com o aparecimento de livros e instituições de ensino, a partir da segunda metade do século XVI, surgindo por volta de 1549 quando se instala o Governo-Geral, em Salvador, na Bahia, sendo formadas por livros necessários aos padres e magistrados. Para Moraes (2006, p. 2) ao final da era quinhentista, já se nota certa vida intelectual na Bahia, em Pernambuco e no Rio de Janeiro, podendo-se notar também a existência de várias outras bibliotecas no país.

De modo consequente, nas primeiras décadas do século XVII os livros se multiplicam nas mãos de particulares e bibliotecas aumentam seus acervos. À vista disso, “o movimento academicista do século XVIII que se espalhou pelos centros mais ricos da colônia — Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e até Cuiabá — já demonstra a existência de uma vida cultural significativa” (Moraes, 2006, p. 30).

Assim, entre o fim do século XVII e o início do século XVIII, especialmente em Minas Gerais, há registros de uma vivência cultural com a existência de diversas bibliotecas particulares, as quais “continham livros publicados em vários países da Europa, porém

encontrados em Portugal” (Moraes, 2006, p. 54). Desse modo, a leitura e os livros se expandem entre as classes sociais mais abastadas do Brasil.

Já no século XIX as grandes bibliotecas vão surgindo, a exemplo da Biblioteca Nacional (BN), fundada em 1810, que teve sua origem de coleções e bibliotecas particulares, tal como as grandes bibliotecas nacionais europeias. Conforme Bastos, Nunes, Filgueiras e Lima (2022, p. 445) “a Biblioteca Nacional teve sua origem a partir da vinda da família real portuguesa para o Brasil, ocasião em que D. João VI trouxe consigo sua biblioteca pessoal, a “Real Bibliotheca” e posteriormente incorporou coleções significativas e de grande valor”.

Tendo isso em vista, Moraes (2006, p. 97) reforça que no “Rio de Janeiro do tempo de D. João VI havia boas bibliotecas oficiais e particulares”. Assim sendo, é a posteriori, na transição do século XIX para o século XX, que os livros vão tomando espaço no cotidiano das principais cidades do Brasil, com lugares reservados no interior das casas da elite e de intelectuais brasileiros, com mobílias e cômodos específicos. E são esses lugares, as bibliotecas particulares cheias de vestígios de memória que possibilitam os estudos e pesquisas sobre as práticas sociais em torno do livro e da sociabilidade no país.

Nessa perspectiva, ao longo do século XX, estudiosos da história do livro como Roger Chartier, Robert Darnton e outros, privilegiam a formação das bibliotecas particulares. Assim, para a autora Tania Ferreira (1999) as abordagens destes estudiosos despertam o interesse de outros pesquisadores que tratam o livro como objeto histórico em questões enunciadas na escolha de seus objetos de estudo, tais como as sociabilidades intelectuais, a história da leitura e a história do livro.

Diante disso, Ferreira (1999) examina diversas fontes tais como testamentos, correspondências particulares, inventários post-mortem existentes no Arquivo Nacional, onde os livros tinham importância. Buscando dessa forma explorar o nascimento, ascensão, e morte de diversas bibliotecas particulares, e as características dos distintos leitores, cujos empenhos permitiram a formação dos importantes acervos particulares ainda presentes no Brasil.

Assim, na procura por bibliotecas ‘desaparecidas’, ou seja, “bibliotecas pessoais, domésticas e profissionais, além de coleções de livros, postas em estantes ou armários, de pessoas que cultivavam a leitura ou amavam os livros, [...]” (Ferreira, 1999, p. 13), conduz Ferreira (1999) ao entendimento da biblioteca particular como uma biblioteca que possui conjuntos mais sofisticados, com possibilidades de consultas diversificadas, sendo utilizada por pessoas que pertencem aos mesmos círculos de sociabilidade.

Desse modo, o entendimento de biblioteca particular que orienta este estudo parte da proposta de Ferreira (1999, p. 22) ao conceber que:

Uma biblioteca não é simplesmente o somatório de livros. O fato do indivíduo ter escolhido aquelas obras, entre tantas outras, de preservá-las em casa, guardá-las em móveis especialmente construídos, demonstra uma preferência, uma forma de atribuir determinado valor aos livros, não apenas por suas qualidades implícitas. A seleção pode ser feita por escolha profissional, afetiva, ou mesmo por status, define uma razão que ajuda a fazer a diferença entre livros esparsos e espalhados e uma biblioteca, mesmo que pequena (Ferreira, 1999, p.22).

Isto posto, é percebido que as bibliotecas particulares se formam a partir de escolhas pessoais, logo está implícito que elas têm muito a dizer sobre seus donos originários. Outrossim, considerando que todo intelectual possui uma biblioteca particular como extensão e reflexo de si mesmo, Moles (1978, p. 40) comenta que esta “diz muito sobre o que ele é, o que pensa, o que faz, sobre suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos recentes, pois ela é uma testemunha de sua atividade mais específica”.

Corroborando com Moles (1978), Manguel (2006, p. 162) enfatiza o caráter identitário da biblioteca particular, ao dizer que “Toda biblioteca é autobiográfica”. Portanto, indicando que esta pode contribuir para a construção do perfil de uma personalidade. De visão semelhante, Darnton (1992) conduz a ideia de que por meio das bibliotecas particulares pode-se traçar o perfil de seu proprietário leitor, tendo no catálogo desta o reflexo de suas escolhas, e manifesta que a biblioteca particular pode servir como um perfil do leitor, tendo a vantagem de unir o “o quê” com “quem” da leitura.

Estas colocações reverberam na fala de Azevedo e Lino (2008). Segundo os autores, quando estamos na presença de uma biblioteca pessoal cujo proprietário faleceu, a durabilidade e poder dos livros em relação a nós se evidenciam. Enquanto o dono se vai, os livros permanecem, como herdeiros irônicos daquele que os nutriu ao longo da vida. O colecionador dominava em vida, mas na morte, sua essência vive através dos livros, que se tornam a extensão da sua memória. Dedicatórias, anotações e objetos perdidos entre as páginas testemunham sua experiência. A biblioteca se revela como um “código genético”, isto é, um genoma intelectual do dono, desvendando sua identidade através dos autores e arranjos (Azevedo; Lino, 2008, p. 226).

Em função disso, pode-se aferir que uma biblioteca particular é inerente à identidade e aos hábitos do seu dono originário. Todo livro que integra um acervo particular é, em tese, um objeto de interesse de seu dono, por mais que em tempo algum o tenha lido e sua presença nesse lugar o legitima como parte de um “genoma intelectual” (Zaid, 2004, p. 14). Portanto, ratifica o que Ferreira (1999) entende ser o âmago de uma biblioteca particular.

Sob este olhar, para compreender o universo que circunda a formação das bibliotecas particulares no Brasil, cabe suscitar Ferreira (1999) que ao examinar o livro e sua inserção na sociedade carioca no período de transição do século XIX para o século XX, atenta às práticas sociais em torno deste objeto e da sociabilidade estabelecida entre grupos letrados, que ocupam um elevado nível dentro da sociedade desde os séculos do Brasil colonial seguindo no transcurso do século XIX até a modernização.

Dentro desse enfoque, Ferreira (1999) rememora a supremacia da “cidade letrada”⁵⁰ (Rama, 1984, p.41) a fim de situar a força do grupo letrado através da sua longevidade no Brasil, em particular na cidade do Rio de Janeiro. Ressalta-se, portanto, que durante a colônia “a razão fundamental dessa supremacia se deve ao paradoxo de que seus membros foram os únicos excitantes da letra num meio desguarnecido de letras, os donos da escritura numa sociedade analfabeta” (Rama, 1984, p. 50). Tendo o Rio de Janeiro como exemplo típico do que Angel Rama (1984) denomina de ‘cidades das letras’, Ferreira (1999, p. 19) discorre que:

aquela que, entre outras, vinha-se definindo desde o início da colonização da América como o espaço mais adequado à vivência do ‘setor letrado acadêmico’, e que ainda lutava para se impor, com seu discurso cultural autônomo, criando valores e símbolos próprios. Era nesse tipo de cidade que a ascensão social, possibilitada pelo domínio das letras e o status cultural por ele proporcionado, tinha grande peso (Ferreira, 1999, p. 19).

Em virtude do exposto, a autora destaca que ao longo do século XIX a cidade do Rio de Janeiro assumiu de forma hegemônica o papel de capital cultural (Ferreira, 1999, 85). Isso se deu devido à consolidação da existência de amplo círculo de leitores segmentado em diversos núcleos por ‘afinidades eletivas’. Tendo então, além do interesse comum por livros, outras similitudes de hábitos e identidades que colaboram no estreitamento de laços.

Sobressaindo-se o núcleo específico de médicos e advogados, categorias socioprofissionais com grande participação no conjunto de atividades político-administrativas, considerada por ela como representantes ativos da cidade das letras (Ferreira, 1999, p. 19).

Outro ponto desvelado por Ferreira (1999) referente ao círculo de leitores no Rio de Janeiro, é o fato de este mostrar-se bastante eclético na sua composição. Dele participaram jornalistas, literatos, *bon vivants*, *flâneurs*, comerciantes, políticos e boêmios, além das categorias de profissionais mais afetivos aos livros, notabilizando-se advogados e médicos

⁵⁰ O termo “cidade letrada” é compreendido por um sistema ordenado da monarquia absoluta para facilitar a hierarquização e concentração do poder, para cumprir sua missão civilizadora, onde as cidades que eram a sede da delegação dos poderes, dentre elas o Rio de Janeiro, dispusessem um grupo especializado ao qual encomendar esses encargos (Rama, 1984, p. 41).

(Ferreira, 1999, p. 28). Logo, a autora evidencia que esses ciclos sociais de leitores adquiriram obras e formaram acervos domésticos, que em muitos casos eram contabilizados entre bens deixados em inventários, testemunhos e verbas testamentárias.

Perante o contexto apresentado, Ferreira (1999) enfoca que alguns acervos particulares são doados a instituições, formando nestas coleções especiais. Mostra disso é a biblioteca particular de Francisco Ramos Paz doada à Biblioteca Nacional, em 1920. Ramos Paz (1838-1919) chegou jovem ao Brasil como imigrante português, constituiu ao longo de sua trajetória fortunas nas atividades de bibliófilo. Tornou-se consultor obrigatório para assuntos bibliográficos. Sua importantíssima biblioteca, teve extrema utilidade para todos os amigos, nas mais diversas áreas de interesse: médicos, advogados, administradores, poetas, todos os procuravam para consultas e empréstimos (Ferreira, 1999, p. 23).

Ao contrário de muitas bibliotecas desfalecidas e dispersas, a biblioteca particular de Ramos Paz contou com a solidariedade dos amigos, que através de um mecenas, influíram para a preservação da mesma, ainda após a sua morte. Desta maneira, Ferreira (1999, p. 23) observa que “o exemplo de Francisco Ramos Paz é o único que pode ser estudado a partir de um catálogo completo, com acervo recolhido nas Seções de Manuscritos e Obras Raras na Biblioteca Nacional”.

Baseando-se na formação inicial do acervo bibliográfico da Biblioteca Nacional, e considerando o caso da biblioteca particular de Ramos Paz doada à BN, pode-se inferir que a fundação dela constitui um marco das coleções especiais no Brasil, sendo a primeira biblioteca particular e pessoal a ser custodiada pela BN.

Refletindo sobre a denominação do termo coleções especiais no âmbito bibliográfico, recorre-se inicialmente aos princípios norteadores do termo coleções apresentados por Murguia e Yassuda (2007, p. 73), discorrendo que “as coleções de livros se sustentaram com base em dois princípios: o primeiro como símbolo de ostentação e poder e o segundo como desejo de reunir em um único espaço o maior conhecimento possível”.

Por sua vez, o termo “coleções especiais” pode designar o lugar “onde se guardam os livros que, por qualquer razão, merecem o qualificativo de raros”, conforme a concepção de Faria e Pericão (2008, p. 637). Para mais, a coleção especial está apartada do acervo geral de uma biblioteca devido à sua raridade, fragilidade ou importância.

Nessa perspectiva, e em resgate ao que já foi pontuado sobre a dispersão de bibliotecas particulares, é ressaltada a definição do termo coleções especiais exposta por Letícia Krauss Provenzano (2021). A autora, ao sublinhar a importância do processo de institucionalização, por instituições públicas ou privadas através de doação ou compra, para a

sobrevivência de bibliotecas particulares, compreende que geralmente esse processo faz com que elas adquiram o status de coleções especiais. Definindo-as como “conjuntos bibliográficos que pertenceram a uma pessoa ou a uma entidade e que usualmente são armazenados em área separada do acervo geral na biblioteca que passou a custodiá-los” (Provenzano, 2021, p. 34).

Ainda no que concerne à institucionalização de uma biblioteca particular, em específico, a biblioteca da casa, isto é, contemporânea do seu proprietário, uma biblioteca do espaço privado domiciliar. Provenzano (2021, p. 84), levanta a questão de que “ela perpassa por um processo que despe a mesma do papel de biblioteca pessoal, passa a configura como uma Biblioteca, ou coleção especial que é toda a memória de um só homem, perpetuada ao longo de páginas de papel impresso”. Todavia, a autora alerta um ponto sensível, a dissociação a que pode ser submetido um acervo particular quando institucionalizado, uma vez que a coleção se despersonaliza (Provenzano, 2021).

Esses conceitos são pertinentes para os objetivos deste estudo, entretanto o termo “coleções especiais bibliográficas”, é entendido como coleções de livros formadas a partir da dispersão de bibliotecas particulares ou pessoais, podem pertencer a personalidades públicas, escritores, artistas, magistrados ou até de pessoas indistintas. Faz parte das coleções especiais bibliográficas as bibliotecas particulares que pertenceram a literatos brasileiros.

Partindo desse entendimento, cabe evocar o sociólogo e crítico literário brasileiro Antonio Candido (1990) que atentou para o estudo das coleções especiais como instrumento útil para averiguar a formação das mentalidades de uma época. Argumentando que o estudo de tais coleções vem a ser um instrumento útil para investigar a formação das mentalidades num dado momento histórico. A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. Através desta cultura é possível esclarecer a história intelectual de um período (Candido, 1990, p. 82).

Entre os critérios definidos para a formação de coleções especiais presentes na literatura especializada, pode-se destacar como principais, em regra geral: exemplares com belas encadernações e ex-libris, e com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias). Evidencia-se que as obras que compõem essas coleções são qualificadas como raras⁵¹, distinguindo que “muitas vezes uma obra não é considerada rara isoladamente, mas o fato de pertencer a um fundo faz com que se torne rara, pelo conjunto e pelas suas histórias” (Biblioteca Nacional, 2021).

⁵¹ Para Pinheiro (1989), “de maneira simplificada, pode-se dizer que livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, contudo os elementos qualificadores de raridade envolvidos são diversos”.

A partir do externado, faz-se necessário complementar que as coleções especiais bibliográficas são de significativo interesse para as instituições públicas e privadas que se envolvem com o conhecimento científico, cultural, literário e artístico.

A exemplo das universidades, essas coleções tornam-se atrativas por questões que envolvem a memória⁵² e a viabilidade de produção de novos conhecimentos. Logo, Neumann (1995, p. 590) ratifica que “em geral essas coleções adquiridas pela Universidade são mantidas em sua unidade, com os nomes dos antigos proprietários preservando as características de cada conjunto e suas diferenças”.

Portanto, perante o panorama descrito neste estudo, exprime-se a denominação da biblioteca particular da escritora cearense Rachel de Queiroz como Coleções Especiais Bibliográficas, por se tratarem de livros enquanto obras que chegaram à Universidade de Fortaleza por fazerem parte de acervos especiais. Assim como a palavra “Coleções” é implicada por virem de seus donos originários.

3.4 Biblioteca particular, livro dedicado e dedicatória manuscrita: lugar, objeto e registro de memórias

Os “lugares de memória”, termo cunhado pelo historiador Pierre Nora (1993), são concebidos a partir da premissa de que a memória⁵³ tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas, e dessa forma ela pendura-se em lugares. Esses lugares de memória, segundo Nora (1993, p. 13) “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”.

Em conformidade com a concepção de Pierre Nora, entende-se bibliotecas como “lugares de memória”, sendo esses lugares compreendidos como instrumentos de base de um estudo histórico e informacional nos quais encontram-se objetos simbólicos da memória coletiva, que são os livros.

⁵² Considera-se o termo memória, tendo em vista o caráter social – Memória social: memória socialmente construída, representada e compartilhada por um grupo, estejam eles institucionalizados (compondo os acervos de arquivos, bibliotecas e museus) ou não (Oliveira; Rodrigues, 2011, p. 315).

⁵³ Nesse contexto o que Nora (1993, p. 17) chama de memória é “a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar”.

Na perspectiva da memória coletiva⁵⁴, os estudos de Nora (1993) demonstram que por trás dela não há alma coletiva e nem espírito coletivo algum, mas tão somente a sociedade com seus signos e símbolos. Por meio dos símbolos em comum, o indivíduo toma parte de uma memória e de uma identidade tidas em comum, conforme aponta Aleida Assmann (2011, p. 145). Assim, as bibliotecas são consideradas como “lugares de memória”, Jacob (2006, p. 10) pondera que a biblioteca é um “lugar de memória no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas”. Outrossim, Azevedo (2011, p. 54) sob a ótica de Maurice Halbwachs (2006) replica que “a biblioteca é um local de memória porque abriga memórias coletivas, que são os livros”. Logo, são lugares de rememoração individual e coletiva.

Isto posto, para efeito desta pesquisa, entende-se que os livros integrantes das bibliotecas, em específico das bibliotecas particulares não são a memória em si, mas sim fonte e documento que podem “ativá-las, rememorá-las e ressignificá-las a partir de seus usos” (Silva; Martins, 2022, p. 404).

Este entendimento supracitado reverbera-se nos estudos de Provenzano (2021), que ao abordar sobre as bibliotecas particulares/pessoais/privadas domiciliares⁵⁵ como lugares de registros memoriais e para memoração, tece sobre os livros que fazem parte desses lugares, considerando que eles “podem também portar vestígios memoriais externos, isto é, aqueles registrados neles ou incorporados a eles, conscientemente ou não, por nós mesmos ou ao passarem pelas mãos de outras pessoas” (Provenzano, 2021, p. 45).

Por conseguinte, a autora contempla a ideia de que os livros deixam marcas e rastros de seus donos originários, bem como de seus leitores prévios, podem ser: bilhetes, anotações manuscritas à margem, a marca de gordura do dedo ou da gota de café, uma dedicatória, os sublinhados, a folha da árvore deixada entre duas páginas. Alguns sinais, como cicatrizes, outros, marcas de uso e de proveniência, testemunhando a trajetória de cada exemplar (Provenzano, 2021).

De modo complementar, ressalta-se o artigo intitulado “Afim, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória”, de Azevedo e Loureiro (2019) que serve de fundamentação teórica à presente pesquisa. Nesse artigo, os autores consideram o universo das bibliotecas particulares e indagam sobre o que contam os livros provenientes destas coleções, à medida que trazem consigo o lastro de seus donos e de suas memórias.

⁵⁴ A expressão “memória coletiva” foi cunhada pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), na metade do Século XX, que contribuiu de forma pioneira para a expansão do conceito de memória.

⁵⁵ Ressalte-se que o termo domiciliar foi utilizado pela autora para enfatizar a sua abordagem a biblioteca pessoal/particular/privada mantida no(s) domicílio (s) de quem a formou e a possuiu (Provenzano, 2021, p. 27).

A importância do estudo de Azevedo e Loureiro (2019) se dá pela discussão do livro enquanto objeto, dentro da abordagem das marcas de proveniência bibliográfica⁵⁶ inserida no campo da História do Livro e da Bibliografia Material, que individualiza um exemplar. A partir desse enfoque, os autores consideram a ideia de que “o livro impresso se configura como um objeto cuja materialidade dialoga conosco e a informação vai além do texto registrado e, por fim, que esse livro como objeto é também fonte e documento com possibilidades múltiplas” (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 11).

Portanto, compreendendo as bibliotecas particulares como lugares nos quais mais comumente se encontram livros com marcas que narram sua história social. Azevedo e Loureiro (2019) ao partirem do questionamento acerca da fala simbólica dos objetos assentando a ideia de que estes estão relacionados às coleções — abordadas como representações da memória — inferem que os livros enquanto objetos, dentro do universo bibliográfico, implicitamente transmitem algo além de seu conteúdo impresso. Dessa forma, discorrem:

Os livros que fazem parte de coleções falam em coro ou individualmente. Em grupo podem falar, guardar e revelar as memórias de seus donos, mesmo que não participem de uma família transgeracional. Sozinhos, os livros falam de suas próprias histórias até integrar o grupo. Seja como for, é um deslindar de trajetórias e memórias de tempos, indivíduos, espaços e lugares (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 6-7).

À luz do exposto, nota-se que a viabilidade de investigar a história do exemplar por meio da Bibliografia Material abre caminho para perscrutar também a trajetória de vida, obra e as memórias de seu dono originário. Esse pressuposto, instiga a análise das características materiais que tipificam o livro como objeto, dentre outras para a presente pesquisa se distinguem as marcas de proveniência bibliográficas, em especial as dedicatórias do tipo manuscritas.

Nesse sentido, ao se olhar para um livro dedicado, considerando sua materialidade, observa-se que a informação e sua função como documento vão além do conteúdo impresso (Azevedo; Loureiro, 2019). Sendo essa informação percebida como potencial de memória, entendendo que, conforme o disposto por Silva e Martins (2022, p. 404) os “registros informacionais custodiados pelas instituições não são a memória, mas sim fontes que podem ativá-las, rememorá-las e ressignificá-las a partir do uso dos registros que permitem que a memória seja constantemente atualizada, fortalecendo as identidades culturais”.

⁵⁶ Para Pearson (1998), as marcas de proveniência bibliográfica estão associadas tanto à origem ou ao proprietário, como aos aspectos que evidenciam o uso do exemplar de um livro.

Dessa maneira, reitera-se a importância do livro dedicado, ao conceber este artefato como “uma soma de valores, onde a dedicatória e o livro se fundem e constituem um objeto de memória valoroso” (Castro, 2014, p. 49). Quanto à dedicatória acrescentada ao livro, como documento ela atribui a este objeto um registro de memória de seu dono originário. Então, constituindo-se como “um testemunho precioso da época [...]” (Le Goff, 2003, p. 109) “capaz de representar um indivíduo nas suas práticas e relações sociais” (Freire, 2013, p. 14).

Corroborando com esse percebimento, pensa-se na ideia de que a memória individual e coletiva pode ser transmitida através de gestos simbólicos, como as dedicatórias. Isso se deve porque as lembranças dos acontecimentos vivenciados pelos indivíduos são enraizadas nas dedicatórias manuscritas e também em outras marcas de proveniência bibliográficas. Essa ideia fomenta o que foi dito por Maurice Halbwachs (2006):

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2006, p. 30).

Essa troca pode ser vista nas dedicatórias manuscritas entre os escritores Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira que são relembradas e estudadas até os dias atuais. De modo igual, dentro do contexto das dedicatórias dos escritores pode-se examinar a memória cultural aplicada nas relações sociais de ambos. Conforme Aleida Assmann (2011, p. 24) define: “a memória cultural é constituída por indivíduos e culturas, estes constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e as organizam com o auxílio de mídias e práticas culturais”.

Destarte, a memória cultural, na qual dedica-se a fala de Assmann (2011), concerne às lembranças estatizadas, que são arquivadas, transmitidas e reincorporadas ao transpor gerações e épocas. Sendo ela formada por heranças simbólicas materializadas em suportes mnemônicos (textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos e outros) que atuam como estímulo para evocar o que passou (Assmann, 2011). Nessa perspectiva, Jan Assmann (2016), corrobora sublinhando que tal tipo de memória está associada à construção de identidades coletivas, à preservação de heranças simbólicas e à manutenção de narrativas históricas que moldam a compreensão do passado, presente e futuro de uma comunidade (Assmann, 2016).

Somando-se a isto, faz-se necessário uma breve incursão no universo das práticas das dedicatórias manuscritas entre literatos no Brasil do século XX, dentro da perspectiva da “memória coletiva” (Halbwachs, 1993) e da “memória cultural” (Assmann, 2016) aplicada nas

redes de sociabilidade deste grupo. Visando perscrutar o contexto social, cultural e temporal que antecede e circunda as relações profissionais e pessoais entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, na conjuntura das dedicatórias manuscritas identificadas nos acervos particulares de ambos os escritores, corroborando com os objetivos desta pesquisa.

Para tal, recorre-se às autoras Angela Gomes (2004) e Giselle Venancio (2004) que trazem contribuições importantes do campo da História para a área de arquivos privados e pessoais — aqui alude-se às bibliotecas particulares e pessoais — no que tange aos estudos sobre a “memória de si”, “escrita de si” e redes de sociabilidade de intelectuais.

Assim sendo, haja vista que no século XX, no meio literário escrever dedicatórias foi uma prática muito presente entre os intelectuais, no Brasil e no mundo, conjectura-se que as dedicatórias manuscritas entre literatos reunidas em suas bibliotecas particulares passam a constituir uma “memória de si”. Esta visão é estabelecida a partir da equiparação das práticas das dedicatórias manuscritas as práticas da “escrita de si”, delineada por Gomes (2004, p. 10-11) como uma escrita autorreferencial que se convencionou chamar de produção de si a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. Abrangendo diários, correspondências, biografias, autobiografias e outros.

Contemplando a acepção apresentada, a autora esclarece que as práticas de produção de si podem ser entendidas por um conjunto de ações que englobam, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções (Gomes, 2004, p. 11).

Face ao exposto, é notabilizado que as correspondências, em específico as cartas como “fontes de memória” possuem algumas similitudes com as dedicatórias manuscritas. Similaridades que permitem a estas últimas passarem também a pertencer ao gênero da “escrita de si”. Segundo denota a historiadora Giselle Venancio (2004, p. 111), “para que as correspondências se tornem ‘fontes de memória’ e objeto de análise histórica precisam ser seriadas, ordenadas em sequências cronológicas e/ou temáticas”. De modo igual, sucedem as dedicatórias manuscritas para se tornarem objeto de análise informacional.

No que diz respeito às correspondências, Venancio (2004, p.112) as concebem como “documentos típicos de arquivos privados — são textos autobiográficos que, guardados e colecionados por seus destinatários, passam a compor suas coleções pessoais”. A partir dessa acepção, a autora desvela que as correspondências como vestígios históricos podem ser consideradas objetos passíveis de compreensão apenas como partes de um “jogo”, no qual se

tornam “fontes de memória” e objetos de análise histórica onde precisam ser seriadas, ordenadas em sequências cronológicas e/ou temáticas.

Logo, a autora ao realçar as correspondências apenas “como partes de um ‘jogo’” imprime o desejo dos historiadores em explorar esses arquivos ao nutrir a esperança de tornar o passado tangível, tocar o que real restou de um tempo pretérito, vivendo a sensação de atingir de forma definitiva e próxima os testemunhos do passado” (Venancio, 2004, p. 112). Atentando à afirmação de Chartier ao proferir que “fonte não é testemunho da realidade” (1992, p. 11).

Já no que concerne às cartas, Venancio (2004) atesta que “funcionam como uma via privilegiada para investigar relações pessoais porque permitem distinguir marcas de relações mútuas. A prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda uma resposta” (Venancio, 2004, p. 113).

Tendo isso em vista, é observado que tal como as cartas, as dedicatórias manuscritas podem ser consideradas documentos relacionais. À medida em que, por meio da leitura de um conjunto de dedicatórias apostas em livros reunidos numa biblioteca particular, a exemplo de um determinado intelectual pode-se mapear sua rede de sociabilidade e investigar relações mútuas através das dedicatórias. Assim como à carta, a dedicatória prenuncia uma intenção de troca (material, simbólica ou sentimental), no caso entre o dedicador e o dedicatário, portanto, também é uma via de mão dupla.

Vale sublinhar que, no âmbito dos arquivos privados e pessoais, onde mais comumente encontram-se os documentos denominados de “escrita de si”, “os titulares tornam-se ao mesmo tempo objetos e sujeitos de uma escrita de si convertendo-se em autores de um registro sobre sua própria história” (Venancio, 2004, p. 113). Isso também ocorre na esfera das bibliotecas particulares e pessoais, entendidas como “autobiográficas” (Manguel, 2006, p. 162).

Ainda no que se refere às cartas na qualidade de correspondência pessoal de um indivíduo, Venancio (2004, p. 113) contempla que esses documentos permitem, em síntese, esboçar a rede de relações sociais de seus titulares. Dessa forma, a análise da correspondência de um indivíduo leva ao encontro de cartas escritas por outros indivíduos e sucessivamente. Somando a isso, é percebido que as dedicatórias manuscritas na qualidade de ferramenta de interação social (Freire, 2013) possibilitam reconstruir redes de sociabilidade e são análogas às cartas. Concluindo que as dedicatórias podem ser analisadas a partir das bibliotecas particulares de intelectuais.

Ante o contexto das bibliotecas particulares de literatos, é observado que para aqueles que encaminham suas obras, o parecer de intelectuais renomados é significativo, uma vez que eles “são ‘os criadores’ e os ‘mediadores’ culturais” (Sirinelli, 2003, p. 242). Em vista

disso, a autora Venancio (2004) destaca o grupo social dos intelectuais, do qual fazem parte os literatos no Brasil, pelas práticas de trocas de informações, de opiniões através de correspondências e de troca de livros. Evidenciando que a troca de correspondência entre intelectuais permite vislumbrar a tessitura de suas redes social e profissional, teoria a qual vem ao encontro dos objetivos da presente pesquisa.

Nesse prisma, o contexto cultural, social e temporal dos intelectuais, no caso dos literatos brasileiros, tem início ao final do século XIX, assim como aponta Venancio (2004) que “Homens das letras” e “homens de ciência” formavam *petit monde étroit* da intelectualidade brasileira nos primeiros anos do século XX. Mantendo práticas de sociabilidade — canais pelos quais veiculavam suas ideias e estabeleciam suas relações com o conjunto da sociedade (Venancio, 2004, p. 115).

Diante disso, o livro como objeto literário de ofício dos intelectuais, especificamente dos literatos, tornou-se um veículo fundamental de comunicação entre os mesmos, no qual eles trocavam mensagens, informações e até mesmo se correspondiam construindo redes de sociabilidade. Logo, entende-se que a dedicatória manuscrita, trocada por esses literatos, adentra no gênero de escritos — uma escrita de si — e simultaneamente percebe-se o livro dedicado como um veículo de comunicação entre os mesmos durante o século XX.

Com essa análise foi possível perceber a importância das bibliotecas particulares, principalmente as de literatos, como lugar, objeto e registros de memórias utilizados como fontes para os estudos de dedicatórias manuscritas e redes de sociabilidade no passar das histórias dos donos originários desses livros e de suas bibliotecas particulares.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa se caracteriza, quanto aos seus fins, como pesquisa exploratória, essencial para investigar ideias e intuições, no empenho de obter maior familiaridade com as temáticas estudadas, que correspondem às dedicatórias manuscritas. De acordo com Gil (2002, p. 41), este tipo de pesquisa tem como objetivo principal “o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Quanto aos seus meios, trata-se de uma pesquisa documental que teve como material de análise o conteúdo de 23 dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, sendo 21 do poeta para Rachel e 2 da escritora para Bandeira, buscando compreender as redes de afeto e memória presentes nas mensagens e a relação entre esses escritores por meio de seus objetos literários. Destarte, trabalhou-se com livros específicos, isto é, livros de autoria, traduzido ou organizado pelos próprios escritores Rachel e Bandeira, que fazem parte de seus acervos particulares para a análise das dedicatórias, sendo ambos os acervos custodiados, respectivamente, pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e pela Academia Brasileira de Letras (ABL).

No que diz respeito à abordagem, trata-se de pesquisa indutiva e possui natureza qualitativa. Para Minayo (2007, p. 21), esta “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Na concepção da autora, há uma oposição entre quantitativa e qualitativa e os dados delas oriundos. Enquanto a primeira trabalha com representatividade numérica, a segunda aborda o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, e dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (Minayo, 2007, p. 21). Logo, considerou-se que a incidência de dedicatórias manuscritas em exemplares de livros de uma biblioteca particular representa e evidencia uma relação interpessoal dos indivíduos estudados, abordando aspectos subjetivos das mensagens.

O método aplicado a esta pesquisa foi o historiográfico. De acordo com os estudos desenvolvidos por Walter Benjamin (2007; 2011; 2016) a respeito do método e do processo historiográfico (Ramos do Ó; Vallera, 2020), pode-se depreender que uma informação disposta sobre um objeto envolve nela mesma uma metodologia historiográfica. Essa reflexão pavimentou as vias para a utilização do método historiográfico no cerne desta investigação em que as dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, tal como concebe Benjamin (2007; 2011; 2016) em sua tese, são em si, historiográficas enquanto grafia (escrita) da história.

Portanto, a pesquisa buscou investigar nas bibliotecas particulares e nos seus objetos para a identificação de dedicatórias manuscritas, objeto de estudo deste trabalho, no caso as dedicatórias entre os literatos Rachel Queiroz e Manuel Bandeira nos seus respectivos acervos particulares. Buscou identificar, coletar, documentar e mapear as dedicatórias manuscritas entre Rachel e Bandeira nos exemplares de livros das suas referidas coleções, ambas custodiados na devida ordem pela Biblioteca Central da UNIFOR (BCU) e pela Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça (BALM) da ABL, *lócus* desta pesquisa. Para tal, foi realizado um levantamento nos *catálogos online* das duas referidas Bibliotecas, que utilizam o sistema SophiA como *software* de gestão. Por meio deles foi possível obter os dados bibliográficos dos livros dedicados nos acervos particulares de cada literato.

Logo, foi utilizado como técnica de coleta de dados uma pesquisa documental. Nela, conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 174) “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Dessa forma, os dados foram colhidos (de forma física e digital) de livros dedicados. Complementarmente, foi feita uma pesquisa bibliográfica a qual “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas [...] até meios de comunicação orais [...]” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 183). Esta ajudou na análise dos dados.

Quanto à coleta de dados, visando a explorar a relação de sociabilidade entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, foram inicialmente coletados os dados a partir de uma busca no catálogo *online* da Biblioteca Central da UNIFOR (BCU). Para tal, foi utilizado o descritor “Dedicatória Manuel Bandeira” em uma busca básica, em “Todos os campos” no catálogo *online* da BCU.

Simultaneamente, em caráter excepcional, tendo em vista que o foco desta pesquisa consistiu nas dedicatórias manuscritas do acervo da coleção Rachel de Queiroz, foi realizada a investigação em *lócus* na biblioteca Central da UNIFOR para conferir outras eventuais dedicatórias. A partir disso, como resultado foram identificados e selecionados os 21 exemplares de livros dedicados, consecutivamente 21 dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz.

Por fim, foram identificadas as dedicatórias manuscritas nos livros da Coleção de Manuel Bandeira, no *catálogo online* unificado das bibliotecas da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo utilizado o descritor “Dedicatória Rachel de Queiroz”, em uma busca básica, no campo “Todos os campos”, sendo encontrados 2 exemplares de livros dedicados, por conseguinte 2 dedicatórias de Rachel para Manuel. Perfazendo o total de 23 dedicatórias

manuscritas, encontradas em exemplares de livros dedicados entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, estas a serem analisadas uma a uma.

Concomitantemente, foram utilizados critérios de inclusão para a coleta dos dados: 1) dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz e reciprocamente; 2) dedicatórias manuscritas em livros; 3) dedicatórias manuscritas em livros de autoria, traduzidos ou organizados pelos escritores Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira; 4) livros dedicados oriundos dos acervos particulares de cada escritor, levando em consideração que suas respectivas instituições de custódia garantiram que cada referida coleção permaneceu unida, sem dispersão e/ou sem acréscimo obras de origens diversas às mesmas.

Já para os critérios de exclusão, foram adotados: 1) dedicatórias manuscritas de outros indivíduos para cada escritor; 2) dedicatórias manuscritas em outros tipos de obras que não sejam livros; 3) dedicatórias manuscritas em livros que não sejam de autoria, traduzidos ou organizados pelos escritores Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira; 4) livros dedicados que não sejam originários dos acervos particulares dos respectivos escritores.

Desse modo, pode-se afirmar que, no primeiro momento, foram levantadas as dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz e reciprocamente, utilizando-se dos descritores apresentados. Logo após, foram incluídos aqueles que cumprem os critérios de inclusão determinados previamente e, por sua vez, excluídos os que não os cumprem. Os dados coletados foram tabulados, de modo que fosse possível identificar numericamente a quantidade de dedicatórias, determinando, assim, o recorte de dedicatórias a serem analisadas.

Para analisar os dados, a técnica utilizada foi a Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (2016, p. 37), “A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. O fator comum destas é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência, para a autora estas técnicas se aplicam a continentes (significantes) e conteúdos (significados). Tendo em vista que a intenção da Análise de Conteúdo é esta inferência de conhecimento relativo às condições de produção, que recorrem a indicadores apreendidos de um tratamento da informação contida nas mensagens (Bardin, 2016).

Segundo Henry e Moscovici (1968, p. 36, tradução nossa) expressaram: “tudo o que é dito ou escrito é sujeito a análise de conteúdo”. Desse modo, a dedicatória manuscrita como marca de proveniência, foi entendida como informação em evidência que possibilitou indicar relação social e usos, bem como, fonte de informação: pessoal, documental e primária (Azevedo; Torres; Okuzono, 2020, Bibas; Azevedo, 2022). Nesse contexto, as dedicatórias

foram utilizadas como fonte e objeto de investigação (Freire, 2022) na Análise de Conteúdo para a interpretação das mensagens.

Assim, perante a vertente teórica de Bardin (2016), dentro da Análise de Conteúdo a modalidade definida foi a Análise Temática que “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem uma comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, possa significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2016, p. 135). Este tipo de análise trabalha com a concepção de tema, o qual está relacionado a uma afirmação sobre um específico assunto; e envolve um conjunto de formulações singulares e pode ser simbolizado e/ou representado através de uma palavra, frase ou resumo.

Teve como base o percurso teórico proposto por Bardin (2016), o qual trabalha a Análise de Conteúdo nas referidas etapas: organização, codificação e categorização. Sendo organizado em torno dos pólos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação.

De acordo com esse caminho trabalhado, foram utilizadas *palavras* como *unidades de registro* para a Análise de Conteúdo dos códigos, trabalhando somente com algumas que serão destacadas conforme a finalidade deste estudo. O campo das unidades de registro foram as dedicatórias manuscritas nos livros. Para além das unidades de registro, foram definidas as *unidades de contexto*, a fim de possibilitar a compreensão do contexto no qual fez parte a mensagem analisada.

5 REDE DE AFETO E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS ENTRE RACHEL DE QUEIROZ E MANUEL BANDEIRA

Inicialmente, efetuou-se a identificação do conjunto de dedicatórias manuscritas situadas no escopo de parte da biblioteca particular da escritora Rachel de Queiroz, que se encontra sob custódia na Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Mediante esse trabalho, foi possível constatar que o nome do poeta Manuel Bandeira aparece mais assiduamente em meio a tais dedicatórias. Na sequência, em vista disso, coletou-se as dedicatórias manuscritas do poeta a escritora, levando a efeito a documentação desses materiais, assim como o respectivo mapeamento, de modo a pavimentar as vias para a realização da posterior análise de conteúdo.

Seguindo-se o itinerário acima descrito, foram realizados os procedimentos de identificação, coleta e documentação até culminar na análise de conteúdo das dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz para Manuel Bandeira encontradas na biblioteca particular dele, salvaguardada na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da Academia Brasileira de Letras (ABL). Note-se que nessa oportunidade não se realizou o mapeamento do conjunto de dedicatórias aglutinadas no acervo da coleção do poeta, haja vista que esse labor já foi anteriormente empreendido na dissertação de Stefanie Freire (2013). Reitera-se que se valeu desta na elaboração do presente estudo para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Nesse rumo, perfazendo o sentido para o qual se encaminha esta investigação, foram realizados a análise e o tratamento do conteúdo contido nesses escritos, os quais, por seu turno, demonstram a teia social que se constroi a partir do elo literário no caso desses insígnies artistas da palavra de língua portuguesa.

5.1 Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz

Com o objetivo de identificar; coletar; documentar e mapear as dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz, apostas nos exemplares de livros da biblioteca particular da escritora, realizou-se uma pesquisa no catálogo *online* da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), local de salvaguarda da referida coleção. O catálogo *online* da Biblioteca Central da UNIFOR (BCU) é gerido desde agosto do ano de 2023 pelo sistema SophiA. Este *software* de gestão de materiais físico e digital da BCU permitiu o

aprimoramento das atividades virtuais concernentes à coleta de dados necessária para a realização desta pesquisa, proporcionando maior liberdade e eficiência na identificação das dedicatórias manuscritas apostas nos livros em questão. Seu acesso deu-se por meio da plataforma Unifor *Online*, haja vista que a pesquisadora é bibliotecária vinculada à Divisão de Arte e Cultura desta Universidade.

Assim, a pesquisa ao acervo da Coleção Rachel de Queiroz ocorreu durante o mês de outubro de 2023 por intermédio do acesso ao catálogo *online* denominado de “Busca Integrada” da Biblioteca Central da UNIFOR disponível no site da instituição para a público externo e na plataforma Unifor *Online*, para a comunidade acadêmica e funcionários da Universidade.

Para tal, foi escolhido como tipo de busca: “Busca rápida”, em seguida selecionado o campo “Todos os campos”, sendo utilizado inicialmente o descritor “Dedicatória Coleção Rachel de Queiroz” com o intuito de recuperar os registros de dedicatórias manuscritas e averiguar os dedicadores destas, no acervo particular de Rachel de Queiroz, a fim de mapear a rede de sociabilidade da escritora; e posteriormente o descritor “Dedicatória Manuel Bandeira” atendendo aos objetivos específicos desta pesquisa de identificar os exemplares de livros dedicados de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz, bem como identificar, coletar, documentar e mapear as dedicatórias apostas nesses livros de autoria, tradução ou organização do poeta ofertados por ele a Rachel em sua coleção particular, visando subsequentemente à análise de conteúdo destas.

Logo, primeiramente, no dia 02 de outubro de 2023, foi realizada uma busca básica no catálogo *online* da BCU, utilizando o descritor “Dedicatória Coleção Rachel de Queiroz”. Dessa forma, foram recuperados o total de 1.327 registros de dedicatórias, distribuídos entre livros, folhetos, materiais de referência e dissertações, conforme consta no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Quantidade de dedicatórias por tipo de material na Coleção Rachel de Queiroz

TIPO DE MATERIAL	QUANTIDADE DE DEDICATÓRIAS
Livro	1.233
Folheto	67
Referência	22
Dissertação	05
Todo tipo de material	1.327

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Após a verificação dos registros de dedicatórias na Coleção Rachel de Queiroz, dados expostos no quadro 1, foi realizado o tratamento desses dados por meio do acesso e da leitura de cada item dos registros recuperados. Desse modo, foi constatada a procedência de cada exemplar de livro, folheto, material de referência ou dissertação dedicado conjuntamente à notação, visualizada no campo de notas do sistema, da dedicatória manuscrita aposta nesse, conferindo se de fato cada exemplar em questão se origina do acervo da biblioteca particular da escritora. Considerando que exemplares provenientes de acervos distintos através de diferentes formas de aquisição, a exemplo de doações, podem ter sido incorporados a referida coleção.

Isto posto, e a partir do entendimento de que as dedicatórias manuscritas na qualidade de marcas de proveniência do livro compõem-se de informações extrínsecas que revelam “quem possuiu”, “como chegou” e por “onde passou” (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 17), constatou-se a ocorrência de dedicatórias em obras inseridas à Coleção Rachel de Queiroz. Dentre outras, cita-se três delas encontradas nos exemplares de livros de autoria de Rachel de Queiroz dedicados à Biblioteca Central da UNIFOR pelo escritor e biógrafo cearense José Luís Lira, no dia 26 de maio de 2017, sendo a primeira na 2ª edição do livro “O quinze” (1931), a segunda na 1ª edição de “Tantos anos” (1998), e a terceira na 1ª edição de “Memorial de Maria Moura” (1992).

Assim, os exemplares de obras dedicadas que não se originaram da biblioteca particular da Rachel de Queiroz, tais como os citados acima, bem como as dedicatórias contidas nelas não foram considerados(as), tampouco contabilizados(as) nesta pesquisa.

Concomitantemente, averiguou-se dados sobre dedicadores que ofertaram obras bibliográficas a Rachel, quantidade, nomes e perfis profissionais, com a finalidade de mapear a rede de sociabilidade da escritora. Diante do exposto, segue abaixo o quadro 2 concernente à relação de quantidade de dedicadores e de dedicatórias únicas por exemplar identificados em obras bibliográficas da Coleção Rachel de Queiroz.

Quadro 2 – Quantidade de dedicadores e de dedicatórias oferecidas a Rachel de Queiroz

DEDICADORES	QUANTIDADE DE DEDICADORES	QUANTIDADE DE DEDICATÓRIAS
Dedicadores com 23 dedicatórias	01	23
Dedicadores com 15 dedicatórias	03	45
Dedicadores com 13 dedicatórias	02	26
Dedicadores com 12 dedicatórias	01	12

Dedicadores com 10 dedicatórias	01	10
Dedicadores com 9 dedicatória	02	18
Dedicadores com 8 dedicatória	04	32
Dedicadores com 7 dedicatória	13	91
Dedicadores com 6 dedicatórias	04	24
Dedicadores com 5 dedicatórias	17	85
Dedicadores com 4 dedicatórias	19	76
Dedicadores com 3 dedicatórias	27	81
Dedicadores com 2 dedicatórias	60	120
Dedicadores com uma única dedicatória	307	307
Total de dedicadores e de dedicatórias	461	950

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Portanto, o total de registros de dedicatórias recuperados no catálogo *online* da BCU foi de 1.327 (quadro 1), sendo 950 dedicatórias manuscritas (recorrentes e únicas) para Rachel de Queiroz (quadro 2). Por isso mesmo, do volume de 3.100 obras bibliográficas na Coleção Rachel de Queiroz (Unifor, [2024b]), foi constatado que em cerca de 31% deste acervo possui dedicatórias manuscritas ofertadas a Rachel, sendo um número expressivo das redes de sociabilidade da escritora.

Para este estudo não foram contabilizadas, conforme mencionado anteriormente, dedicatórias de obras inseridas à Coleção Rachel de Queiroz. Somando-se a isso, dedicatórias ilegíveis; dedicatórias com assinaturas ilegíveis e dedicatórias sem assinaturas, visto que estas impossibilitaram a identificação de seus dedicadores. Exceto aquelas cujas informações contidas nelas viabilizaram o reconhecimento destes. Também não foram contabilizadas dedicatórias que se repetiam em campos de notas do sistema, no caso de títulos de coleções com volumes ou tomos. Além disso, foram desconsideradas dedicatórias para terceiros, autógrafos e anotações diversas.

Por conseguinte, do total de 461 dedicadores (quadro 2) identificados, 415 eram autores das obras bibliográficas dedicadas e 46 terceiros, indicando um maior estreitamento relacional da escritora com personalidades da cena da intelectualidade. Além disso, dentre os diferentes intelectuais implicados nas redes de sociabilidade de Rachel, notabilizam-se os mais díspares campos de atuação profissional, a exemplo do Jornalismo, das Letras, das Artes, do Direito, da Diplomacia, das Forças Militares, da Medicina, da Política e da Teologia.

Em meio aos 46 outros dedicadores de distintos perfis, pode-se realçar os nomes de Alba Frota (Albinha), amiga de Rachel de Queiroz desde a infância; Antonieta, esposa do escritor e médico Pedro Nava; Heloisa, Clara e Ricardo Ramos, esposa e filhos do escritor Graciliano Ramos; Vilma Guimarães, filha do escritor Guimarães Rosa; Stela, esposa do escritor João Cabral de Melo Neto; Hebe, esposa do escritor Gustavo Corção; bem como Heitor Vinícius da Silveira, esposo da poeta Cecília Meireles.

Já quanto ao volume de autores, destacam-se 27 nomes que apresentaram maior incidência de dedicatórias ofertadas a Rachel de Queiroz. Adiante segue o quadro 3 com os nomes de dedicadores que ofertaram até no mínimo sete dedicatórias em distintos exemplares de obras dedicadas a Rachel encontradas em sua biblioteca particular.

Quadro 3 – Relação de dedicadores com maior incidência de dedicatórias oferecidas a Rachel de Queiroz

DEDICADORES	QUANTIDADE DE DEDICATÓRIAS
Manuel Bandeira	23
Carlos Drummond de Andrade	15
Ascendino Leite	15
Lêdo Ivo	15
Cassiano Ricardo	13
Octavio de Faria	13
Lygia Fagundes Telles	12
Josué Montello	10
Afonso Arinos de Melo Franco	09
Aurélio Buarque de Hollanda	09
Luís Jardim	08
Herberto Sales	08
Melquíades Pinto Paiva	08
Pedro Nava	08
Afranio Coutinho	07
Alceu Amoroso Lima	07
Antonio Olinto	07
Arnaldo Niskier	07
Carlos Nejar	07

Dinah Silveira de Queiroz	07
Francisco de Assis Barbosa	07
Gilberto Amado	07
Haroldo Bruno	07
Nertan Macedo	07
Odylo Costa Filho	07
Oscar Dias Corrêa	07
Paulo Rónai	07

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Dos 27 escritores com maior incidência de dedicatórias manuscritas encontradas no acervo bibliográfico particular de Rachel de Queiroz (quadro 3), 19 eram membros da Academia Brasileira de Letras (ABL), são eles: Manuel Bandeira; Lêdo Ivo; Cassiano Ricardo; Otávio de Faria; Lygia Fagundes Telles; Josué Montello; Affonso Arinos de Mello Franco; Aurélio Buarque de Holanda; Dinah Silveira de Queiroz; Herberto Sales; Afrânio Coutinho; Alceu Amoroso Lima; Antonio Olinto; Arnaldo Niskier; Carlos Nejar; Gilberto Amado, Francisco de Assis Barbosa, Odylo Costa Filho e Oscar Dias Corrêa o que corrobora com a concepção de políticas de amizade posta pelo filósofo francês Jacques Derrida (2003) que desafia as noções convencionais de amizade. Conjuga-se a isso, a possibilidade da compreensão de que as relações de amizade se reportam a uma dimensão política em que está em jogo questões de identidade, diferença e poder, como ratifica Derrida (2003), quando este argumenta que a política se imbrica com a vida íntima, como se vê no caso de Rachel e suas redes de sociabilidade.

Para além do acadêmico Manuel Bandeira (1886-1968) — maior dedicador de obras bibliográficas à Rachel de Queiroz, cujas dedicatórias manuscritas a escritora foram objeto de estudo deste trabalho —, um outro acadêmico que também se notabilizou por possuir um número expressivo de dedicatórias a Rachel chamou a atenção por motivo de uma específica dedicatória, sendo este o escritor, político e polímata mineiro Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990).

No caso desta dedicatória encontrada no exemplar do volume 1 do livro “Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo” (1973), de autoria de Afonso Arinos, ofertado por ele a Rachel de Queiroz, vale apresentá-la nos termos que seguem:

Caríssimos Rachel e Oyama aí têm vocês este calhamaço que tantas [agruras] me fez sofrer - Rachel foi testemunha do tempo de depressão que atravessei, e com o qual ela foi tão solidária nas nossas conversas do C.F.C - mas que hoje tanta alegria me traz, por me dar a [esperança] de que, já velho - sim, velho, não escondo isso! - fui ainda capaz de enfrentar as dificuldades sem [conta] de um trabalho como o que lhes envio. Que lhes envio com abundância de coração. Do velho amigo de sempre Afonso Arinos. Rio, set. 1973⁵⁷

Perante a dedicatória escrita em forma de carta, fragmento transcrito acima, é percebido que Afonso Arinos, considerado um protagonista de disputas políticas e intelectuais ao longo do século XX no Brasil (Grill, 2015), rememora os tempos difíceis que atravessou durante a escritura do livro em questão nos quais encontrou solidariedade, e porque não dizer consolo, nas conversas com a amiga Rachel de Queiroz no Conselho Federal de Cultura (CFC).

A despeito do CFC, principal órgão responsável pelas políticas culturais entre 1967 e 1975, cujo objetivo principal foi institucionalizar a ação do Estado no setor cultural brasileiro (Maia, 2010), lugar consagrado da vida intelectual do país conjuntamente a Academia Brasileira de Letras, do qual Afonso Arinos menciona na dedicatória à Rachel de Queiroz, é salutar mencionar que dentre os vinte e quatro intelectuais, nomeados por Gilberto Freyre, à época da criação do Conselho, como “os cardeais da cultura nacional”, além de Afonso Arinos e de Rachel, destacaram-se entre os conselheiros mais atuantes: Josué Montello e Octávio de Faria, e outros como o próprio Gilberto Freyre e Pedro Calmon (Maia, 2010), nomes estes identificados entre as dedicatórias recorrentes encontradas na Coleção Rachel de Queiroz, portanto parte das redes de sociabilidade da escritora.

Dentre os outros 8 dedicadores assíduos contidos no quadro 3 que não compunham os quadros da ABL, sendo eles: Carlos Drummond de Andrade; Ascendino Leite; Luís Jardim; Haroldo Bruno; Nertan Macedo; Melquíades Pinto Paiva; Pedro Nava e Paulo Rónai, distinguem-se os poetas Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Ascendino Leite (1915-2010), que juntamente com o outro poeta e acadêmico Lêdo Ivo (1924-2012), exceto o acadêmico Manuel Bandeira — maior dedicador com 23 obras bibliográficas dedicadas à Rachel de Queiroz —, constituíram igualmente os mais significativos em números de dedicatórias à Rachel, cada um dos três autores com 15 livros dedicados à escritora.

Sobre as dedicatórias manuscritas oferecidas por Carlos Drummond de Andrade a Rachel de Queiroz, nas quais se intitulava seu amigo, o poeta mineiro demonstrava afeto e modéstia em seus escritos à Rachel. Com relação a afetividade, realça-se uma dedicatória manuscrita em forma de poema encontrada no exemplar do livro “Claro enigma: poesia”

⁵⁷ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Rodrigues Alves**: apogeu e declínio do presidencialismo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; Universidade de São Paulo, 1973. v.1. (Coleção Documentos Brasileiro, v. 155).

(1951), de autoria de Drummond, onde o escritor proferiu: “Cultiva o teu jardim: Rachel o sabe, mas, na Ilha Feliz, ela não deixa de guardar em ternura quanto cabe no coração, e ouvir a humana queixa. CDA; A Rachel de Queiroz, com a admiração total e a velha estima de Carlos Drummond de Andrade. Rio, janeiro, 1952”. Cabe mencionar que nessa dedicatória, Drummond, fez referência a Ilha do Governador, à época local da residência de Rachel e Oyama de Macedo, seu então marido.

Já Ascendino Leite, denominava-se amigo e primo de Rachel de Queiroz nas dedicatórias oferecidas a ela. Assim, os manuscritos do poeta paraibano à Rachel o enunciaram com sentimentos de devoção, admiração e gratidão à escritora. Datadas maiormente na década de 1980, uma de suas dedicatórias merece ser ressaltada, sendo esta a encontrada no exemplar do livro “Visões do Cabo Branco: jornal literário” (1981), de autoria dele, onde Ascendino escreveu em tom saudoso: “Rachel e Oyama, os silêncios nunca abalam as amizades. Antes, lhes dão outra espessura: a da saudade. Abraço afetuoso do Ascendino. Rio, 30.7.81”.

De modo similar, toma-se em evidência outro dedicador assíduo nos livros de Rachel de Queiroz, que também se designava seu primo, o escritor e médico mineiro Pedro Nava (1903-1984), sobrinho do romancista e poeta cearense Antônio Sales, um dos “padrinhos literários e “gurus” de Rachel em Fortaleza (Guerellos, 2015, p. 188). Nava foi quem apresentou Rachel para o também médico Oyama de Macedo, em 1940, com o qual a escritora veio a casar-se e conviver até a viuvez. Logo, o intelectual sempre incluía, junto ao nome de Rachel, o de Oyama nas dedicatórias oferecidas à escritora. Nesse panorama, cabe rememorar que Nava foi amigo de Afonso Arinos e de Manuel Bandeira, com os quais Rachel passou a conviver também na década de 1940 (Guerellos, 2015).

Sob outra perspectiva, ainda diante do apresentado no quadro 3, uma análise mais lapidada revelou que a identificação da rede de sociabilidade da Rachel de Queiroz por meio das dedicatórias encontradas em exemplares de livros de sua biblioteca particular possibilitou constatar que a escritora cearense, carioca por empréstimo, desmanchou, na literatura, as fronteiras entre as gerações de escritores modernistas tal como se viu na arte contemporânea. Ao instante que Rachel foi disruptiva por se relacionar com intelectuais de distintas gerações do movimento modernista brasileiro. Tais como, o poeta Manuel Bandeira, pertencente a primeira geração modernista brasileira, logo após dele, o também poeta Carlos Drummond de Andrade, pertencente à segunda geração do modernismo, contemporâneo desta fase a Rachel, e a escritora Lygia Fagundes Telles, pertencente a terceira geração do movimento, dentre outros nomes.

Do universo de dedicadores recorrentes que não constam no quadro III, destacam-se, entre outros nomes: Rubem Braga (seis dedicatórias); Ana Maria Machado (cinco dedicatórias); Pedro Calmon (cinco); Mário Quintana (cinco); Graciliano Ramos (cinco); Dias Gomes (cinco); José Lins do Rêgo (cinco); Nélida Piñon (cinco); José Sarney (cinco); Dom Marcos Barbosa (cinco); Gilberto Freyre (quatro); Ribeiro Couto (quatro); Gustavo Corção (quatro); Antônio Callado (quatro); José Américo de Almeida (quatro); Murilo Mendes (três); Fernando Sabino (três); Antônio Candido (duas); Luís da Câmara Cascudo (duas); Raul Bopp (duas); Jorge Amado (duas) e Moreira Campos (duas).

Demais nomes que apareceram com dedicatórias únicas à Rachel sobressaídos foram: Oswald de Andrade; João Cabral de Melo Neto; João Ubaldo Ribeiro; Vinicius de Moraes; Ariano Suassuna; Antonio Houaiss; Carolina Maria de Jesus; Lucio Costa; Jarbas Passarinho, e nomes da cena cearense que seguem: Sinhá D'amore; Antônio Martins Filho; Adísia Sá; Natércia Campos (filha de Moreira Campos); Rubens de Azevedo; Paulo Bonavides; Juarez Távora; César Cals; Paulo Sarasate e Humberto de Alencar Castelo Branco. Esta foi uma mostra da rede de sociabilidade de Rachel de Queiroz baseada na quantidade de dedicatórias identificadas na sua biblioteca particular, em parte salvaguardada na Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza.

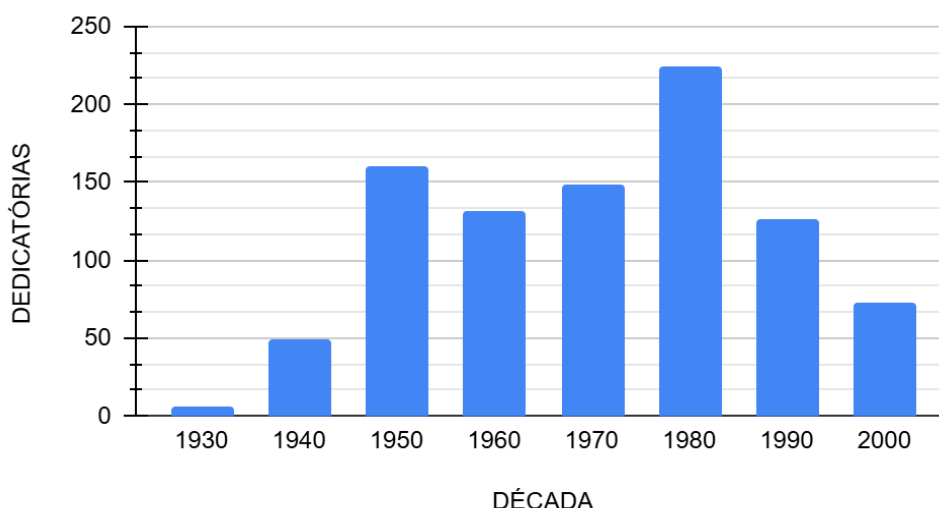
Ressalte-se que das 950 dedicatórias manuscritas (recorrentes e únicas) oferecidas para Rachel de Queiroz, distribuídas entre os 461 dedicadores que, quase em sua totalidade são autores das obras bibliográficas dedicadas a escritora, tratam de assuntos diversos que englobam arte, literatura, política, história e que, por vezes, se refletem na memória cultural do país e na identidade nacional. Além disso, vale resgatar que os valores simbólico, documental e informacional inerentes às referidas dedicatórias forneceram a pesquisadora alguns dos aspectos mais profundos quanto a rede de sociabilidade, memória e afetividade da escritora Rachel de Queiroz.

Diante do exposto, ratifica-se que as dedicatórias contidas nos livros integrantes de bibliotecas particulares, no caso de literatos, constituem fonte e documento que podem ativar as memórias das quais são investidas nelas (Silva; Martins, 2002; Assmann, 2016). Portanto, pode-se compreender que a biblioteca da escritora cearense Rachel de Queiroz, concebida como um lugar de rememoração individual e coletiva, noção explicitada no conceito de “lugar de memória”, de Pierre Nora (1993), alcança uma posição ímpar no âmbito da cultura brasileira e de fenômenos históricos.

Ademais, outra análise detalhada desvelou que o maior número das dedicatórias manuscritas oferecidas à Rachel de Queiroz, encontradas no acervo bibliográfico da escritora,

datam da década de 1980. Isso implica dizer que os intelectuais ofertaram suas obras à Rachel com maior intensidade após a sua entrada na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Das 919 obras que apresentaram dedicatórias datadas, 224 (ou seja, quase 25%) foram elaboradas durante os anos 1980. Como pode ser constatado no gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Quantidade de dedicatórias manuscritas identificadas na coleção Rachel de Queiroz por décadas



Fonte: Elaborado pela autora.

A respeito do gráfico acima, é ressaltado que as décadas de 1930, com 06 dedicatórias e de 1940, com 49 dedicatórias manuscritas ofertadas a Rachel de Queiroz, correspondem ao período de tempo do início da profissionalização de Rachel como escritora, portanto o aparecimento nos anos de 1930 e o aumento nos anos de 1940 de dedicatórias em seus livros sinalizam o princípio da construção da rede de relações literárias da escritora. Logo mais adiante, o aumento exponencial observado na década de 1950, com 160 dedicatórias marca a formação da rede de sociabilidade de Rachel, o que é corroborado pela constância dos números de dedicatórias nos anos seguintes, de 1960, com 132, e de 1970, com 149 dedicatórias. Posteriormente ao *boom* dos anos 1980, com 224 dedicatórias, marcado pela Rachel já como uma imortal da ABL, seguem os anos de 1990, com 126 dedicatórias e 2000, com 73.

Ao realizar um primeiro levantamento das dedicatórias manuscritas oferecidas a Rachel de Queiroz, estas encontradas em parte de seu acervo bibliográfico particular, foi possível mapear uma superfície da rede de sociabilidade de Rachel, e de modo consequente evidenciar que o poeta Manuel Bandeira foi o dedicador mais assíduo nas obras da coleção da escritora. Assim sendo, tomando os objetivos específicos deste estudo, buscou-se identificar,

coletar e documentar as dedicatórias manuscritas de Bandeira para Rachel, apostas nos exemplares de livros da biblioteca particular da escritora com o intuito de mais adiante analisá-las qualitativamente, em conjunto com as dedicatórias da escritora para o poeta, na biblioteca dele, a fim de perscrutar a relação profissional e interpessoal entre ambos os literatos.

Por conseguinte, conforme mencionado anteriormente, foi realizada uma segunda pesquisa no acervo da Coleção Rachel de Queiroz, ainda no dia 02 de outubro de 2023, por intermédio do acesso ao catálogo *online* da Biblioteca Central da UNIFOR disponível na plataforma Unifor *Online*. Sendo escolhido como tipo de busca: “Busca rápida”, em seguida selecionado o campo “Todos os campos”, utilizando o descritor “Dedicatória Manuel Bandeira” com o intuito de recuperar os exemplares de livros dedicados e as dedicatórias contidas neles, de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz na coleção da escritora. A partir disso, foram recuperados 21 registros listados no quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Registros de obras bibliográficas dedicadas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz

REGISTROS	REFERÊNCIA	TIPO DE MATERIAL	LOCAL
01/21	BANDEIRA, Manuel. A versificação em língua portuguesa . Rio de Janeiro: Delta, [196?].	Folheto	Coleção Rachel de Queiroz
02/21	BANDEIRA, Manuel. Alumbramento . Salvador: Dinamenes, 1960.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
03/21	BANDEIRA, Manuel. Antologia poética . Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
04/21	BANDEIRA, Manuel. De poetas e de poesia . [S.l], 1954.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
05/21	BANDEIRA, Manuel. Estrêla da tarde . Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
06/21	BANDEIRA, Manuel. Flauta de papel . Rio de Janeiro: Alvorada, 1957.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
07/21	BANDEIRA, Manuel. Gonçalves Dias : esboço biográfico. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
08/21	BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Preto . Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz

09/21	BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada . Rio de Janeiro, Jornal de Letras, 1954.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
10/21	BANDEIRA, Manuel. Mafuá do malungo : versos de circunstância Rio de Janeiro: São José, 1955.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
11/21	SIMON, Michael. Manuel Bandeira . Paris: Pierre Seghers, 1965. (Póets d'Aujord'Hui, 132).	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
12/21	BARBOSA, Francisco. Manuel Bandeira : 100 anos de poesia: síntese da vida e obra do poeta maior do modernismo. Recife: Pool Editora, 1988.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
13/21	BANDEIRA, Manuel. Oração do paraninfo . Rio de Janeiro: Pongetti, 1946. (Coleção Rubáiyát).	Folheto	Coleção Rachel de Queiroz
14/21	BANDEIRA, Manuel. Poemas traduzidos . Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. (Coleção Rubáiyát).	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
15/21	BANDEIRA, Manuel. Poesia e vida de Gonçalves Dias . São Paulo: Editora das Americas, 1962.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
16/21	BANDEIRA, Manuel. Poesias : a cinza das horas, carnaval, ritmo dissoluto, libertinagem, estrela da manhã, lira dos cinquentanos, belo belo, opus 10. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
17/21	BANDEIRA, Manuel. Poesias completas . Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
18/21	QUADRANTE: crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Porto Alegre: Editora do Autor, 1963. v. 1.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
19/21	QUADRANTE: crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Porto Alegre: Editora do Autor, 1963. v. 2.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
20/21	CONDÉ, João. Recordações de Manuel Bandeira nos "Arquivos Implacáveis" de João Condé . Lisboa: Embaixada do Brasil, 1990.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz

21/21	JUNQUEIRA, Ivan. Testamento de Pasárgada : antologia poética. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.	Livro	Coleção Rachel de Queiroz
-------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------	---------------------------

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Do total de 21 registros de obras bibliográficas dedicadas recuperadas (quadro 4), constatou-se que 19 foram de material: livro e 2 de material: folheto. Apesar deste último tipo de material não atender ao critério de seleção pré-estabelecido desta pesquisa, vale apresentar as dedicatórias manuscritas de Bandeira a Rachel encontradas nele. Ressalte-se que para exibir as respectivas dedicatórias, foram feitas fotografias das mesmas no momento das visitas *in loco* à Coleção Rachel de Queiroz na Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza, realizadas nas datas de 25 e 26 de maio de 2024.

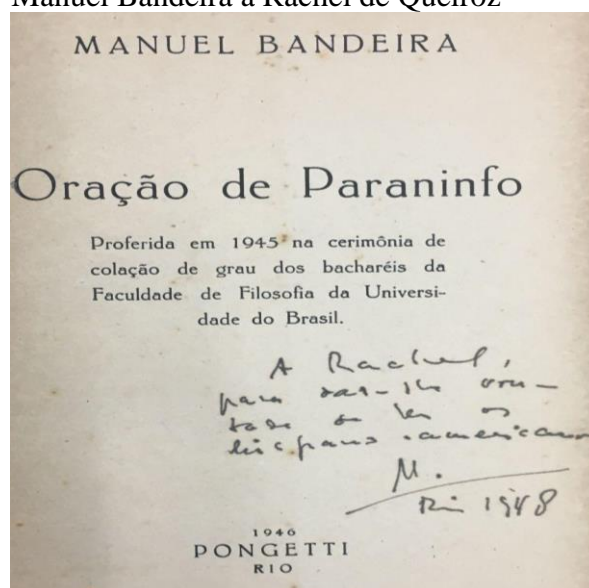
Ademais, é salientado que para a exposição das dedicatórias manuscritas neste trabalho se utilizou da transcrição quasi-facsimile, que consiste em um método aplicado por bibliógrafos e catalogadores para registrar com precisão as sutis nuances de uma folha de rosto. O objetivo dessa transcrição foi colocado por Fredson Bowers (1949), que esclareceu e codificou suas regras em seu livro “Princípios de Descrição Bibliográfica”. O método envolve o uso de um conjunto muito específico de regras para transcrever cada letra, sinal de pontuação, regra, e quebra de página na página de título, capturando o máximo de detalhes possível, até mesmo letras pequenas e itálicas (Mink *et al.*, 2020, p. 9, tradução nossa)⁵⁸.

Tal método, delineado por Bowers (1949), originalmente se volta à transcrição de folha de rosto, porém permite adequação de seus procedimentos para a análise de dedicatórias, sendo utilizado da seguinte forma no presente estudo: cópia, letra por letra, conforme maiúsculas e minúsculas, do texto manuscrito, evitando separação de sílabas; com adição de duas barras indicando a quebra de linha.

Isto posto, expõem-se as transcrições de ambas as dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz encontradas nos folhetos de autoria do poeta na coleção particular da escritora, sendo a primeira em “Oração do paraninfo”, de 1946 (figura 06) e a segunda em “A versificação em língua portuguesa” de 1960 (figura 07).

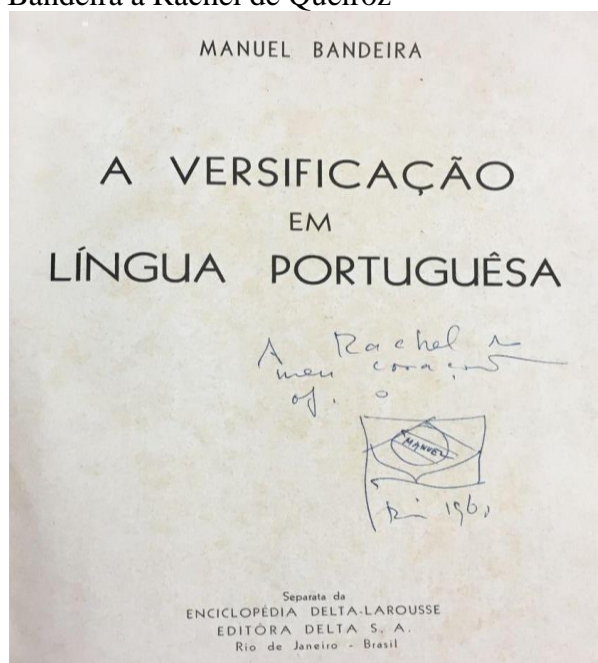
⁵⁸ In order to precisely record the ne nuances of an early-modern title page, bibliographers and catalogers have long used a method called quasi-facsimile transcription (QFT). The goal of QFT—as it was put by Fredson Bowers, who clarified and codified its rules in his magisterial *Principles of Bibliographical Description*—is “bringing an absent book before the eye of the reader” (2005). The method involves using a very specific set of rules to transcribe every letter, punctuation mark, rule, and page break on the title page, capturing as much detail as possible, down to the use of small caps and swash italics (Mink *et al.*, 2020, p. 9).

Figura 5 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz



Fonte: Coleção Rachel de Queiroz. UNIFOR.
Transcrição: Rachel, // para dar-lhe vontade de ver as // leis e [illegível] acadêmicas. // M.
// Rio 1948

Figura 6 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz



Fonte: Coleção Rachel de Queiroz. UNIFOR.
Transcrição: A Rachel [illegível] // meu coração
// of. o // desenho de uma bandeira // Rio 1960

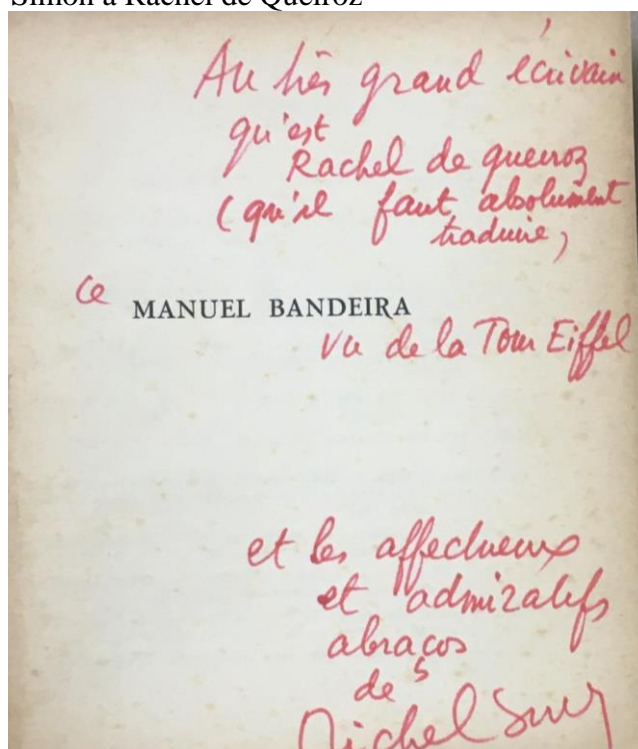
Na dedicatória manuscrita acima, exposta na figura 6, é observado que Manuel Bandeira se inspirou em seus amigos, a poeta Cecília Meireles e o antropólogo Gilberto Freyre, que tinham por hábito substituir o sobrenome de Bandeira pelo desenho do pavilhão brasileiro

em dedicatórias oferecidas a ele, assim como descortinou Freire (2013, p. 108). Logo, da mesma forma que Cecília Meireles o fez, o poeta em sua dedicatória a Rachel de Queiroz, substituiu os dizeres positivistas “ordem e progresso” da bandeira do Brasil por seu prenome Manuel (Freire, 2013).

Retornando para o quadro 4, dos 21 registros que correspondem a títulos recuperados, identificou-se que 4 deles são de autoria de outros escritores, respectivamente: Michel Simon; Francisco de Assis Barbosa; João Condé e Ivan Junqueira. Sobre isso, é pertinente mencionar que os quatro exemplares de livros dedicados a Rachel identificados no acervo particular da escritora, dos referidos autores, equivalem a obras memorialísticas de Manuel Bandeira. Dentre eles, destaca-se o livro de Michel Simon intitulado “Manuel Bandeira” (1965), da coleção *Poets d’Aujord’Hui*, coletânea que divulga e torna acessível ao público francês obras de poetas nacionais e estrangeiros tais como a do volume destinado a Bandeira.

A seguir, é exposta a transcrição da dedicatória manuscrita de Michel Simon a Rachel de Queiroz, encontrada no exemplar do livro “Manuel Bandeira” (1965), de autoria de Simon.

Figura 7 - Dedicatória manuscrita de Michael Simon a Rachel de Queiroz



Fonte: Coleção Rachel de Queiroz. UNIFOR.

Transcrição: Au très grand écrivain // qu'est // Rachel de Queiroz // (qu'il faut absolument // traduire) // ce // va de la Torre Eiffel // et les affectueux // et admiratifs // abraços // de // Michel Simon

Na dedicatória (figura 7) que foi escrita em língua francesa por Michael Simon, o autor do ensaio biográfico Manuel Bandeira, poeta de hoje, sinalizava que, assim como Manuel, Rachel também precisava ter sua obra divulgada e tornada acessível ao público francês.

De modo consequente, foi verificado que além dos 4 títulos mencionados anteriormente que não correspondem a livros de autoria de Bandeira, e que não possuem dedicatória do poeta a Rachel de Queiroz, um outro título recorrente que se refere ao volume 2 da obra “Quadrante: crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga” (1963), registro de número 19 (quadro 4), e que, por sua vez, é de autoria do poeta, não está incluso no critério de seleção de livro dedicado proposto na presente pesquisa, tendo em vista que não foi identificado neste exemplar dedicatória de Bandeira para Rachel.

Logo, do resultado da busca apresentada no quadro 4, foram selecionados, conforme critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, 14 títulos que equivalem a material do tipo livro, sendo estes de autoria de Manuel Bandeira com dedicatória do poeta a Rachel de Queiroz encontrados na biblioteca particular da escritora. Portanto, segue abaixo o quadro 5 com a lista dos 14 títulos de livros com dedicatórias de Bandeira para Rachel identificados e selecionados na coleção da escritora.

Quadro 5 – Relação de títulos de livros dedicados de Bandeira a Rachel na coleção particular da escritora

LIVROS DEDICADOS POR TÍTULO
1. BANDEIRA, Manuel. Alumbramento . Salvador: Dinamenes, 1960.
2. BANDEIRA, Manuel. Antologia poética . Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
3. BANDEIRA, Manuel. De poetas e de poesia . [S.l.] : Ministério da Educação e Cultura, 1954.
4. BANDEIRA, Manuel. Estrêla da tarde . Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
5. BANDEIRA, Manuel. Flauta de papel . Rio de Janeiro: Alvorada, 1957.
6. BANDEIRA, Manuel. Gonçalves Dias : esboço biográfico. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.
7. BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Preto . Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.
8. BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada . Rio de Janeiro, Jornal de Letras, 1954.
9. BANDEIRA, Manuel. Mafuá do malungo : versos de circunstância Rio de Janeiro: São José, 1955.
10. BANDEIRA, Manuel. Poemas traduzidos . Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. (Coleção Rubáiyá).
11. BANDEIRA, Manuel. Poesia e vida de Gonçalves Dias . São Paulo: Editora das Americas, 1962.
12. BANDEIRA, Manuel. Poesias : a cinza das horas, carnaval, ritmo dissoluto, libertinagem, estrela da manhã, lira dos cinquentanos, belo belo, opus 10. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

- | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 13. BANDEIRA, Manuel. Poesias completas . 5. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951. |
| 14. QUADRANTE: crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Porto Alegre: Editora do Autor, 1963. v. 1. |

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Somou-se a esses 14 títulos de livros dedicados de Manuel para Rachel apresentados no quadro 5, outros 2 títulos que atendiam aos critérios de seleção desta pesquisa, e que foram identificados em pesquisa *in loco*, realizada no dia 25 de maio de 2024, ao acervo da escritora na Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza, foram eles: “Rimas de José Albano” (1948), obra organizada por Manuel Bandeira e “Macbeth” (1961) de William Shakespeare, obra traduzida por Bandeira.

Portanto, cumpre apresentar o quadro 6 com a listagem final dos títulos de livros dedicados de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz, selecionados na Coleção Rachel de Queiroz na BCU, assim como a respectiva quantidade de exemplares com dedicatórias manuscritas do poeta à escritora.

Quadro 6 – Relação da quantidade de exemplares de livros dedicados de Bandeira a Rachel encontrados na Coleção Rachel de Queiroz

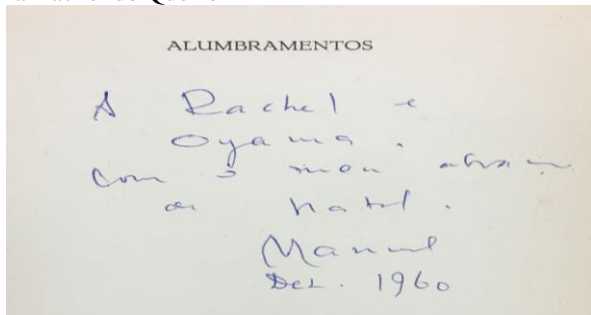
REFERÊNCIA	QUANTIDADE DE EXEMPLARES COM DEDICATÓRIAS
1. BANDEIRA, Manuel. Alumbramento . Salvador: Dinamenes, 1960.	01
2. BANDEIRA, Manuel. Antologia poética . Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.	02
3. BANDEIRA, Manuel. De poetas e de poesia . [S.l.]: Ministério da Educação e Cultura, 1954.	01
4. BANDEIRA, Manuel. Estrêla da tarde . Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.	01
5. BANDEIRA, Manuel. Flauta de papel . Rio de Janeiro: Alvorada, 1957.	01
6. BANDEIRA, Manuel. Gonçalves Dias : esboço biográfico. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.	01
7. BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Preto . Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.	01
8. BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada . Rio de Janeiro, Jornal de Letras, 1954.	01
9. BANDEIRA, Manuel. Mafuá do malungo : versos de circunstância Rio de Janeiro: São José, 1955.	02

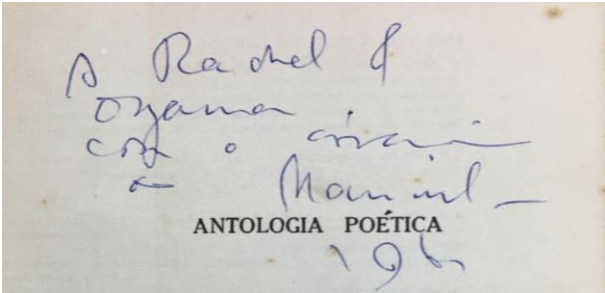
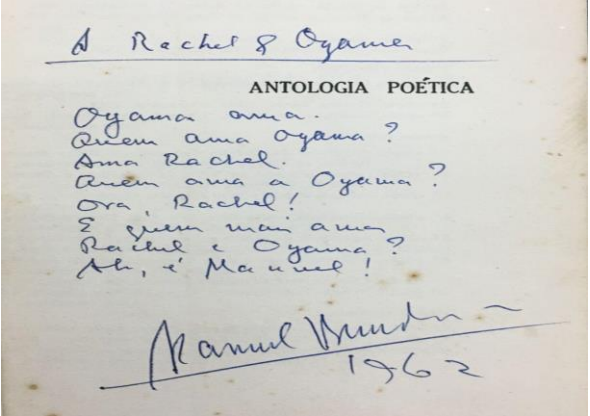
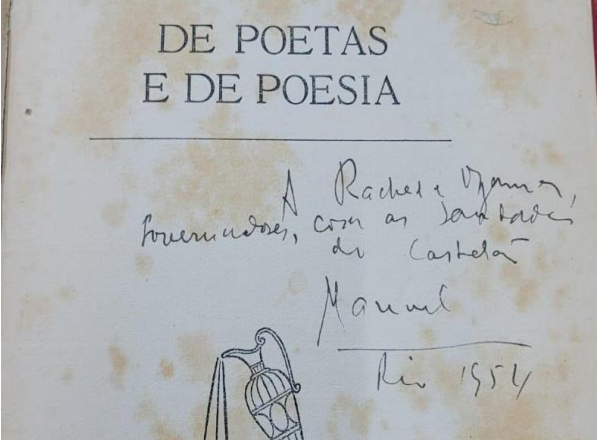
10. BANDEIRA, Manuel. Poemas traduzidos . Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. (Coleção Rubáiyá).	02
11. BANDEIRA, Manuel. Poesia e vida de Gonçalves Dias . São Paulo: Editora das Americas, 1962.	01
12. BANDEIRA, Manuel. Poesias : a cinza das horas, carnaval, ritmo dissoluto, libertinagem, estrela da manhã, lira dos cinquentanos, belo belo, opus 10. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.	01
13. BANDEIRA, Manuel. Poesias completas . 5.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.	03
14. QUADRANTE: crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Porto Alegre: Editora do Autor, 1963. v. 1.	01
15. BANDEIRA, Manuel (org.). Rimas de José Albano . Rio de Janeiro: Pongetti, 1948.	01
16. SHAKESPEARE, William. Macbeth . Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.	01

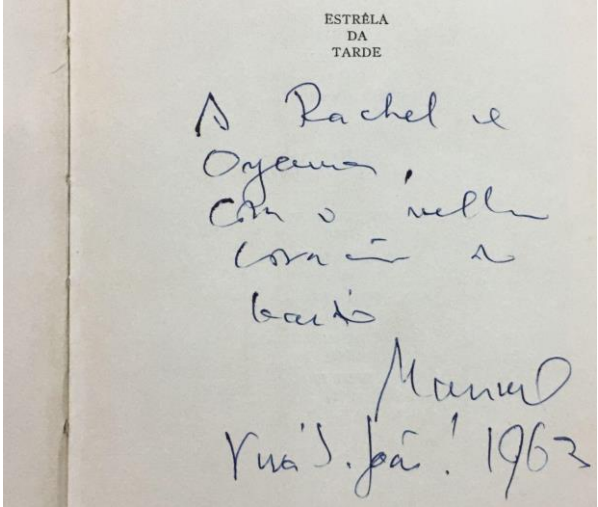
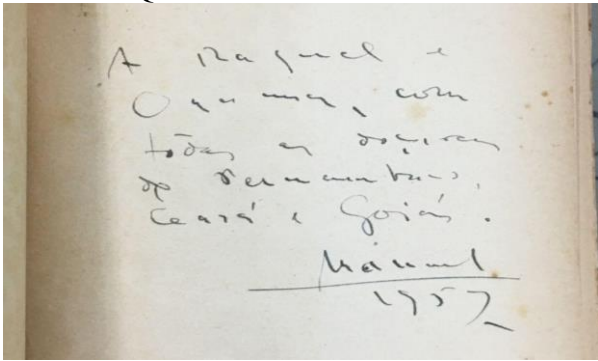
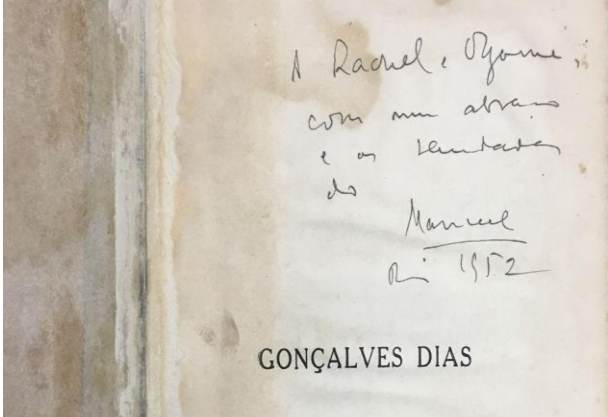
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

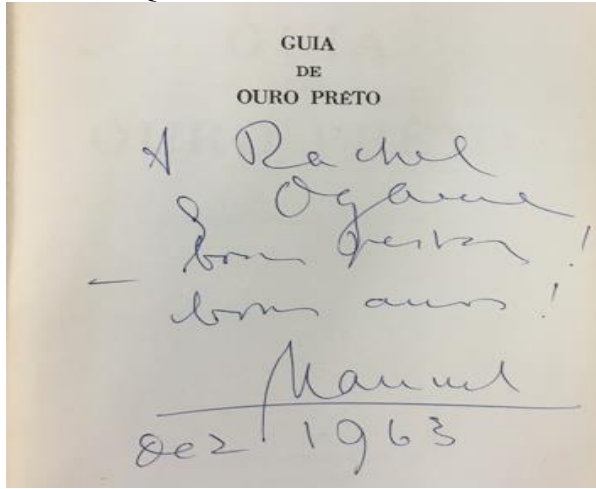
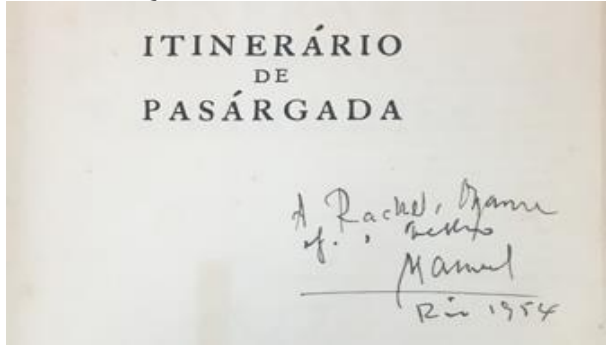
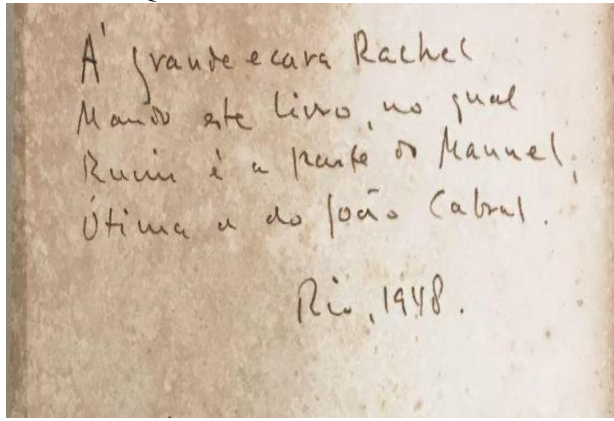
Diante do exposto no quadro 6, constatou-se que do total de 16 títulos de livros dedicados de Manuel para Rachel, 21 exemplares possuíam dedicatória manuscrita do poeta a escritora, contendo em cada exemplar uma única dedicatória. Estas, por seu turno, foram selecionadas para análise de conteúdo a posteriori. Consecutivamente, segue-se logo mais abaixo o quadro 7 com os 21 exemplares de livros dedicados de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz e as respectivas dedicatórias manuscritas apostas em cada exemplar.

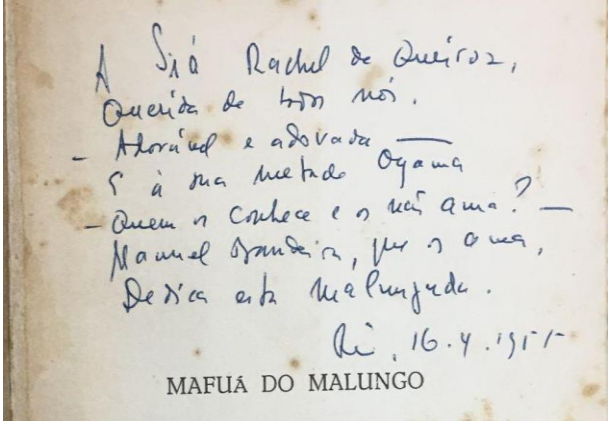
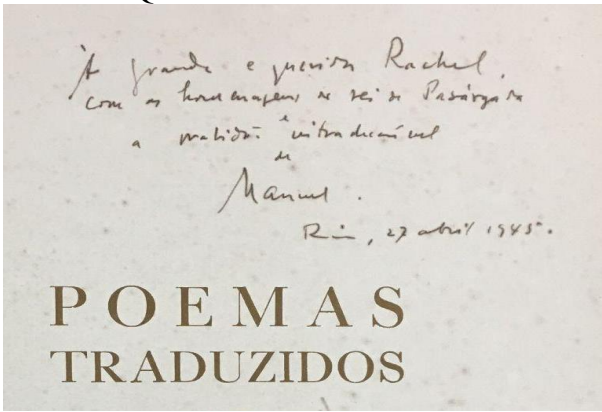
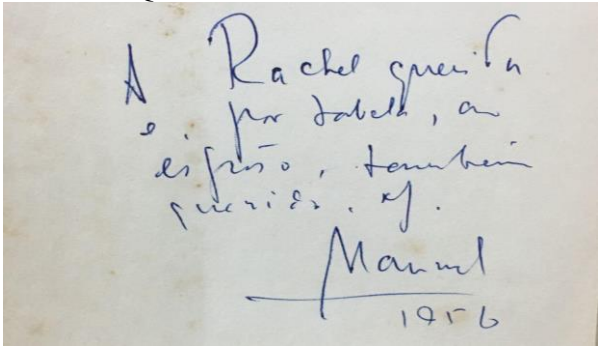
Quadro 7 – Exemplares de livros dedicados com suas respectivas dedicatórias manuscritas de Bandeira para Rachel identificados e selecionados na coleção particular da escritora

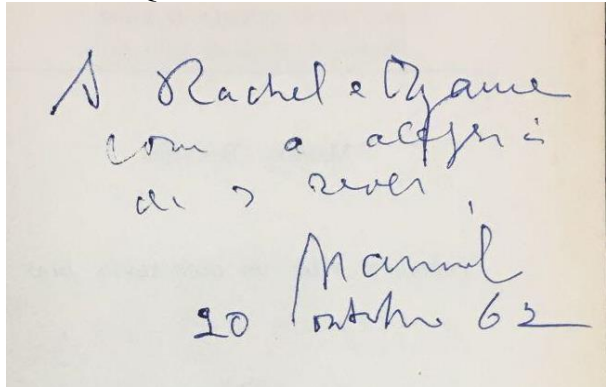
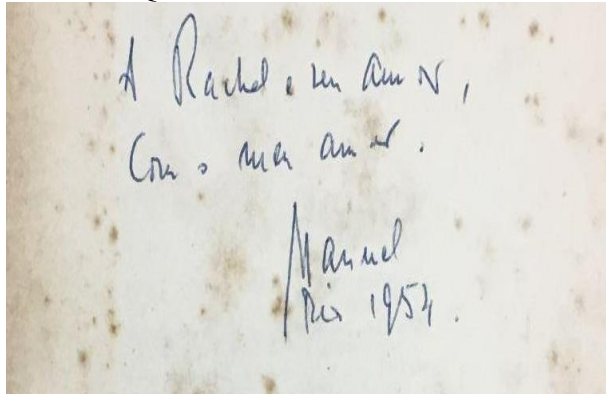
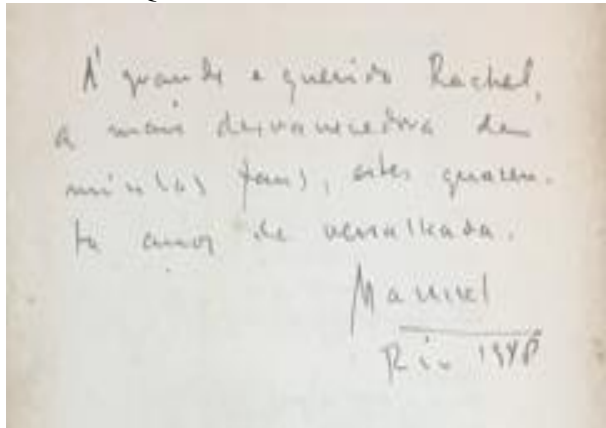
EXEMPLAR	REFERÊNCIA	DEDICATÓRIA MANUSCRITA
1	BANDEIRA, Manuel. Alumbramento . Salvador: Dinamenes, 1960.	<p>Figura 8 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e // Oyama, // com o meu abraço // de Natal, // Manuel // Dez. 1960</p>

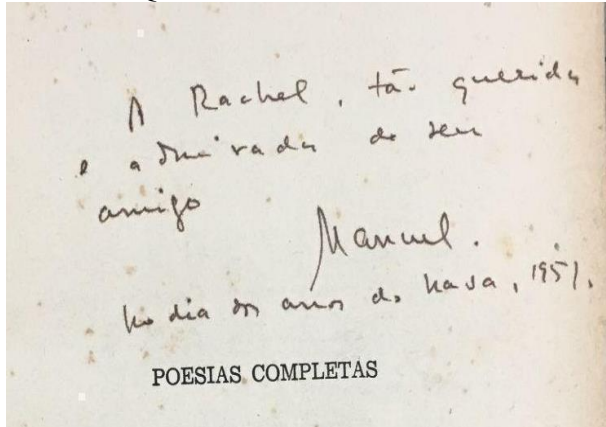
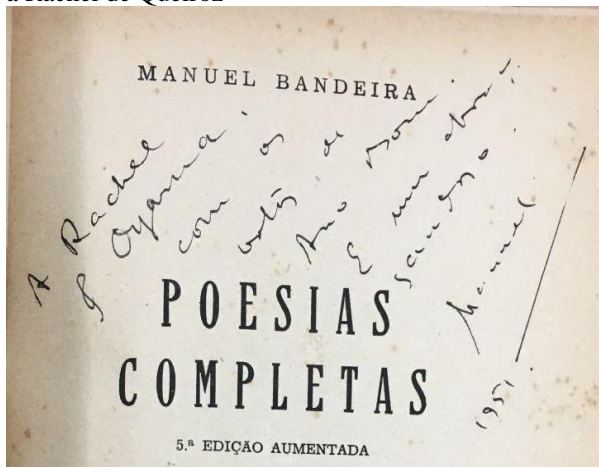
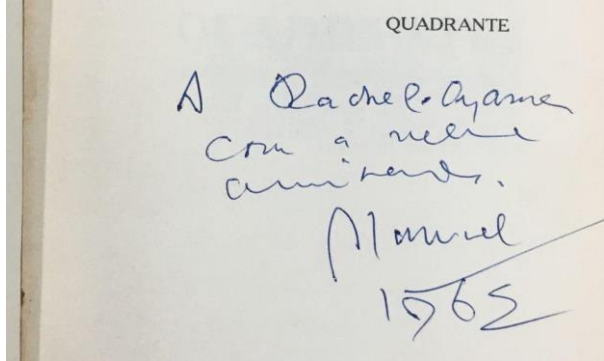
2	BANDEIRA, Manuel. Antologia poética . Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.	<p>Figura 9 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel & // Oyama, // com o coração // do Manuel // 1961</p>
3	BANDEIRA, Manuel. Antologia poética . Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.	<p>Figura 10 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel & Oyama // Oyama ama. // Quem ama Oyama? // Ama Rachel. / Quem ama a Oyama? // Ora, Rachel! // E quem mais ama // Rachel e Oyama? // Ah, é Manuel! // Manuel Bandeira // 1962</p>
4	BANDEIRA, Manuel. De poetas e de poesia . [S.l.]: Ministério da Educação e Cultura, 1954.	<p>Figura 11 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e Oyama, // governadores, com as saudações // do castelo, // Manuel. // Rio, 1954</p>

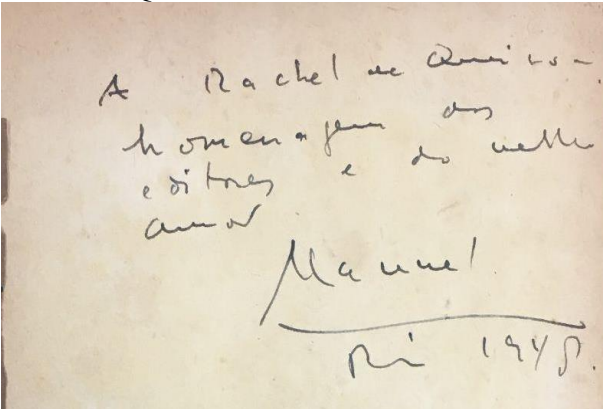
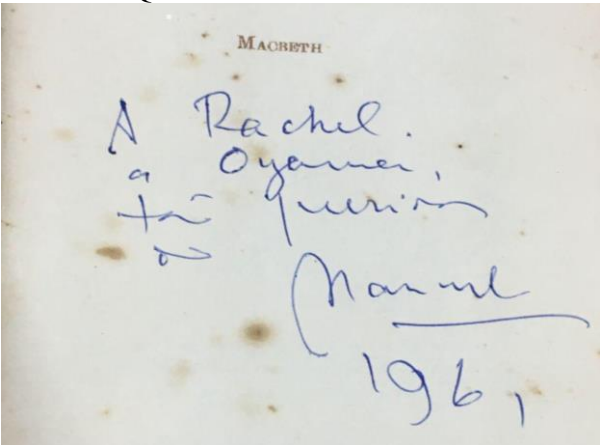
5	BANDEIRA, Manuel. Estrêla da tarde . Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.	<p>Figura 12 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e // Oyama, // com o velho // coração do // bardo // Manuel // Viva São João! // 1963</p>
6	BANDEIRA, Manuel. Flauta de papel . Rio de Janeiro: Alvorada, 1957.	<p>Figura 13 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e // Oyama, com // todas as doçuras // do Pernambuco, // Ceará e Goiás, // Manuel. // 1957</p>
7	BANDEIRA, Manuel. Gonçalves Dias : esboço biográfico. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.	<p>Figura 14 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e Oyama, // com um abraço // e as lembranças // do Manuel. // Rio, 1952</p>

8	BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Preto . Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.	<p>Figura 15 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel // & Oyama, // - boas festas! // bons anos! // Manuel // Dez., 1963</p>
9	BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada . Rio de Janeiro, Jornal de Letras, 1954.	<p>Figura 16 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e Oyama // of. o velho // Manuel // Rio 1954</p>
10	BANDEIRA, Manuel. Mafuá do malungo : versos de circunstância. Rio de Janeiro: São José, 1948.	<p>Figura 17 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A grande e cara Rachel // mando este livro, no qual // ruim é a parte de Manuel, // ótima a do João Cabral. // Rio, 1948.</p>

11	BANDEIRA, Manuel. Mafuá do malungo : versos de circunstância. Rio de Janeiro: São José, 1955.	<p>Figura 18 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Sra. Rachel de Queiroz, // querida de todos nós. // - Adorável e adorada - // E à sua metade Oyama. // Quem os conhece e os não ama? // Manuel Bandeira, que os ama, // dedica esta malungada. // Rio, 16.4.1955</p>
12	BANDEIRA, Manuel. Poemas traduzidos . Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. (Coleção Rubáiyá).	<p>Figura 19 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: À grande e querida Rachel, // com a homenagem do rei da Pasárgada // a vastidão intraduzível // de // Manuel // Rio, 27 abril 1945</p>
13	BANDEIRA, Manuel. Poemas traduzidos . 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. (Coleção Rubáiyá).	<p>Figura 20: Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel querida // e, por tabela, ao // esposo, também // querido, of. // Manuel // 1956</p>

14	BANDEIRA, Manuel. Poesia e vida de Gonçalves Dias . São Paulo: Editora das Americas, 1962.	<p>Figura 21 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e Oyama, // com a alegria // de os rever, // Manuel // 10 outubro 62</p>
15	BANDEIRA, Manuel. Poesias : a cinza das horas, carnaval, ritmo dissoluto, libertinagem, estrela da manhã, lira dos cinquenta anos, belo belo, opus 10. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.	<p>Figura 22 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e seu amor, // com o meu amor. // Manuel // Rio 1954</p>
16	BANDEIRA, Manuel. Poesias completas . Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.	<p>Figura 23 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: Á grande e querida Rachel, // a mais desvanecedora de // minhas fãs, estes quaren // ta anos de versalhada // Manuel // Rio 1948</p>

17	BANDEIRA, Manuel. Poesias completas . 5. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.	<p>Figura 24 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel, tão querida e// admirada do seu // amigo // Manuel. // No dia dos anos do Nava, 1951</p>
18	BANDEIRA, Manuel. Poesias completas . 5. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.	<p>Figura 25 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel // e Oyama, // com os // votos de // Ano Bom. // E um abraço // saudoso / Manuel / 1951.</p>
19	Quadrante: crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Porto Alegre: Editora do Autor, 1963. v. 1.	<p>Figura 26 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel e Oyama, // com a minha // admiração, Manuel // 1962</p>

20	BANDEIRA, Manuel (org.). Rimas de José Albano. Rio de Janeiro: Pongetti, 1948.	<p>Figura 27 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel de Queiroz, // homenagem dos // editores e do velho // amigo, // Manuel // Rio 1948</p>
21	SHAKESPEARE, William. Tradução de Manuel Bandeira. Macbeth. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora: 1961.	<p>Figura 28 - Dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz</p>  <p>Transcrição: A Rachel, // a Oyama, // tão queridos, do // Manuel / 1961</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme apresentado no quadro 7, foram 21 dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz, identificadas, nos exemplares de livros de autoria, tradução ou organização do poeta; coletadas, por meio de uma pesquisa no catálogo *online* da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza, local de salvaguarda da coleção particular de Rachel de Queiroz; e documentadas para serem analisadas posteriormente.

Ressalte-se que partir das informações referente ao itinerário (data e local) de cada exemplar de livro dedicado, estas contidas nas dedicatórias manuscritas (quadro 7) foi possível observar que a data das dedicatórias coincidem com a data de publicação das obras, isso permite ratificar a prática cultural de Manuel Bandeira de ofertar as primeiras edições de seus livros aos

amigos mais próximos como desvelado por Baciú (1966) e rememorado por Freire (2013), no caso específico à escritora Rachel de Queiroz.

Ainda no que diz respeito às datas de publicação dos livros dedicados (quadro 7) de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz, outra percepção foi que 4 exemplares destes livros pertencem a década de 1940; 9 a década de 1950 e 8 a década de 1960. Sendo as décadas de 50 e 60 as de maior período de publicação do poeta, e supostamente do aprofundamento do laço afetivo entre os escritores, o que é corroborado pelas adjetivações que constam nas dedicatórias de Manuel a Rachel. Para mais, do total de 21 dedicatórias manuscritas identificadas, mais da metade, a saber: 16 exemplares, Bandeira dedica a Rachel e ao seu então esposo, Oyama.

Isto posto, é possível conjecturar que, ao passo que o poeta pernambucano nutre afeição pela escritora cearense, ele simultaneamente admira o seu companheiro, o médico goiano Oyama de Macedo, porquanto o nome dele aparece sucessivas vezes nas dedicatórias manuscritas dos exemplares de livros de Bandeira oferecidos a Rachel, como consta no quadro 7. Acresce-se a isso que o nome de Oyama vem acompanhado de adjetivações elogiosas, reforçando a tese da também admiração do poeta pelo esposo de Rachel de Queiroz.

Outra conjectura que se pode fazer a partir da menção de Oyama nessas dedicatórias é a de que Manuel Bandeira provavelmente, em vista da educação que recebeu de seu pai, estimava o casamento de sua amiga escritora e os aspectos sociais e culturais que nele se imbricam. Assim sendo, refletindo-se os valores morais, as tradições, os costumes e os padrões de relacionabilidade vigentes à época, qual seja: entre as décadas de 1940 a 1960 mais enfaticamente.

Cumprase findar ressaltando que, com base nos dados coletados e apresentados no quadro 7, das dedicatórias manuscritas de Bandeira para Rachel, encontradas em exemplares de livros da biblioteca particular da escritora em uma expressiva quantidade, no caso 21, apresentam-se como uma chave para a análise a ser desenvolvida nesta dissertação, que tem como objetivo geral: analisar o conteúdo das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, buscando compreender as redes de afeto e memória presentes nas mensagens e a relação entre esses escritores por meio de seus objetos literários. Logo, na próxima subseção, passa-se, sucessivamente, a identificação, coleta e documentação de dedicatórias manuscritas de Rachel para Manuel na biblioteca particular do poeta.

5.2 Dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira

Com o objetivo de identificar, coletar, documentar e mapear as dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz para Manuel Bandeira, apostas nos exemplares de livros da biblioteca particular do escritor, realizou-se uma pesquisa no catálogo *online* do acervo da Academia Brasileira de Letras (ABL) que reúne volumes das duas Bibliotecas pertencentes à instituição, são elas: a Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça (BALM) que a acompanha desde a fundação, e a Biblioteca Rodolfo Garcia (BRG), inaugurada em 2005, sendo a primeira o local de salvaguarda da Coleção de Manuel Bandeira. O catálogo *online* da ABL que unifica o acervo físico e digital de ambas as suas bibliotecas é gerido pelo sistema SophiA, sendo este também utilizado pela Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza na gestão da Coleção Rachel de Queiroz.

A pesquisa ao acervo da Coleção Manuel Bandeira ocorreu no dia 02 de outubro de 2023 por meio do acesso ao catálogo *online* do acervo da Academia Brasileira de Letras disponível para o público no site da instituição. Para tal, foi escolhido como tipo de busca: “Busca rápida”, em seguida selecionado o campo “Todos os campos”, tendo em vista que possibilita uma maior cobertura da busca, pois sendo esta realizada por este campo permite a recuperação de registro(s) que possui(em) o(s) termo(s) pesquisado(s) nos campos Título, Subtítulo e outros. Por conseguinte, foi utilizado o descritor “Dedicatória Rachel de Queiroz” com o intuito de identificar e, a posteriori, selecionar livros dedicados de Rachel de Queiroz para Bandeira na coleção do poeta. A partir disso, foram recuperados 34 registros de livros listados no quadro 8 a seguir.

Quadro 8 – Registros de livros recuperados da pesquisa no catálogo *online* do acervo da ABL utilizando o descritor “Dedicatória Rachel de Queiroz”

REGISTROS	REFERÊNCIA	MATERIAL	LOCAL
01/34	LUCENA, Suênio Campos de. 21 escritores brasileiros : uma viagem entre mitos e mortes. São Paulo: Escrituras, 2001.	Monografia	Acervo BRG
02/34	QUEIROZ, Rachel de. A beata Maria do Egito : peça em 3 atos e 4 quadros. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.	Monografia	Acervo BRG; Acervo BALM
03/34	SALES, Herberto. Além dos marimbos : romance. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.	Monografia	Acervo BALM
04/34	MEIRA, Silvio. Antologia poética . Rio de Janeiro: Tiffany, 1993.	Monografia	Acervo BRG

05/34	MACÊDO, Nertan. Antônio Conselheiro : a morte em vida do beato de Canudos. 2. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1978.	Monografia	Acervo BRG
06/34	QUEIROZ, Rachel de. As meninas e outras crônicas . Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.	Monografia	Acervo BRG; Acervo BALM
07/34	MONTELLO, Josué. Cais da sagração : romance. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.	Monografia	Acervo BRG
08/34	QUINTANILHA, Dirceu. Contos e novelas . Rio de Janeiro: Pongetti, 1972.	Monografia	Acervo BRG
09/34	LIMA, Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa . Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.	Monografia	Acervo BRG
10/34	CARVALHO E SILVA, Maximiano de (org.). Homenagem a Manuel Bandeira : 1986-1988. Niterói, RJ; Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Sousa da Silveira; Monteiro Aranha: Presença, 1989.	Monografia	Acervo BRG
11/34	QUEIROZ, Rachel de. Lampião : drama em cinco quadros. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.	Monografia	Acervo BALM
12/34	QUEIROZ, Rachel de. Memorial de Maria Moura . São Paulo: Siciliano, 1992.	Monografia	Acervo BRG; Acervo BALM
13/34	MORLEY, Helena. Minha vida de menina : cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX.	Monografia	Acervo BRG
14/34	VILAÇA, Marcos Vinícios. No território do sentimento . Recife: Fundação de Cultura Cidade de Recife, 1992.	Monografia	Acervo BALM
15/34	QUEIROZ, Dinah Silveira de. Nove elas são . Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1957.	Monografia	Acervo BRG
16/34	QUEIROZ, Rachel de. O caçador de tatu . Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.	Monografia	Acervo BALM
17/34	SALES, Herberto. O fruto do vosso ventre : romance. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.	Monografia	Acervo BALM
18/34	QUEIRÓS, Eça de. O mandaim . Porto (Portugal): Livr. Chardron, de Lello & Irmão, 1927.	Monografia	Acervo BALM
19/34	QUEIROZ, Rachel de. O quinze . 43. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, [1990].	Monografia	Acervo BALM
20/34	QUEIROZ, Rachel de. O quinze . 14. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, [1971].	Monografia	Acervo BALM
21/34	QUINTANILHA, Dirceu. O sobrevivente : novela. São Paulo: Ed. do Escritor, [1978].	Monografia	Acervo BRG
22/34	SADLIER, Darlene J. (ed.). One hundred years after tomorrow : brazilian women's fiction in the 20th century. Bloomington, EUA: Indiana University Press, [1992].	Monografia	Acervo BRG

23/34	MEIRA, Silvio. Os naufragos do Carnapijô : romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.	Monografia	Acervo BRG
24/34	Bloch, Pedro. Pedro Bloch entrevista : vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira. Rio de Janeiro: Bloch, 1989.	Monografia	Acervo BRG
25/34	QUEIROZ, Rachel de. Quatro romances : o quinze, João Miguel, caminho de pedras, as três marias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.	Monografia	Acervo BRG; Acervo BALM
26/34	RÔNAI, Paulo (org.). Seleta de Rachel de Queiroz . Rio de Janeiro; Brasília: J. Olympio; INL, 1973.	Monografia	Acervo BALM
27/34	QUINTANILHA, Dirceu. Somos os mortos . Rio de Janeiro: Pongetti, 1959.	Monografia	Acervo BRG
28/34	QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luíza de. Tantos anos . 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.	Monografia	Acervo BALM; Acervo BRG
29/34	QUEIROZ, Rachel de. The three Marias . Translated by Fred P. Ellison. Austin, EUA: University of Texas Press, 1963.	Monografia	Acervo BALM; Acervo BRG
30/34	NÓBREGA, Nísia. Varanda : o cotidiano carioca. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1995.	Monografia	Acervo BRG
31/34	TERESA, de Ávila, Santa. Vida de Santa Teresa de Jesus : escrita por ela própria. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1946.	Monografia	Acervo BALM; Acervo BRG
32/34	PALMÉRIO, Mário. Vila dos confins . 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.	Monografia	Acervo BALM; Acervo BRG
33/34	PALMÉRIO, Mário. Vila dos confins . Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.	Monografia	Acervo BALM; Acervo BRG
34/34	NISKIER, Arnaldo. Vozes da educação : 100 crônicas para pensar a construção do futuro. Rio de Janeiro: Altadena, 2009.	Monografia	Acervo BALM; Acervo BRG

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Dos 34 registros recuperados expostos no quadro 8, verificou-se que todos são do tipo de material denominado de “monografia” que equivale a livro. Desse total de livros recuperados, 9 são de autoria da escritora Rachel de Queiroz, o que atende aos critérios de seleção pré-estabelecidos desta pesquisa. Além disso, é observado que as referidas obras estão localizadas na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da ABL, local de custódia da Coleção de Manuel Bandeira, segue quadro 9 com a listagem concernente a estes itens recuperados:

Quadro 9 – Relação de registros de livros de autoria de Rachel de Queiroz recuperados da busca no catálogo *online* da ABL

REGISTROS	REFERÊNCIA	LOCAL	QUANTIDADE DE EXEMPLARES COM DEDICATÓRIAS
02/34	QUEIROZ, Rachel de. A beata Maria do Egito : peça em 3 atos e 4 quadros. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.	Acervo BRG; Acervo BALM	03
06/34	QUEIROZ, Rachel de. As meninhas e outras crônicas . Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.	Acervo BRG; Acervo BALM	01
11/34	QUEIROZ, Rachel de. Lampião : drama em cinco quadros. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.	Acervo BALM	01
12/34	QUEIROZ, Rachel de. Memorial de Maria Moura . São Paulo: Siciliano, 1992.	Acervo BRG; Acervo BALM	02
16/34	QUEIROZ, Rachel de. O caçador de tatu . Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.	Acervo BALM	02
19/34	QUEIROZ, Rachel de. O quinze . 43. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, [1990].	Acervo BALM	02
20/34	QUEIROZ, Rachel de. O quinze . 14. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, [1971].	Acervo BALM	01
25/34	QUEIROZ, Rachel de. Quatro romances : o quinze, João Miguel, caminho de pedras, as três marias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.	Acervo BRG; Acervo BALM	03
28/34	QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luíza de. Tantos anos . 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.	Acervo BALM; Acervo BRG	03
29/34	QUEIROZ, Rachel de. The three Marias . Translated by Fred P. Ellison. Austin, EUA: University of Texas Press, 1963.	Acervo BALM; Acervo BRG	01

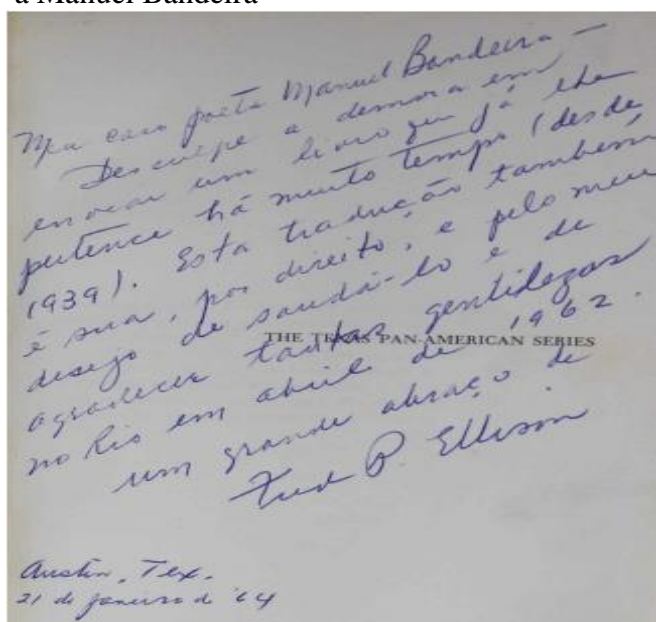
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Do volume total dos 9 livros selecionados (quadro 9) a partir dos critérios de inclusão e exclusão da presente pesquisa, livros de autoria, tradução ou organização de Rachel de Queiroz, identificou-se que em 19 exemplares constam dedicatórias manuscritas, sendo elas únicas em cada exemplar. Estas estão distribuídas em 7 títulos de autoria da escritora, levando em consideração que um título está duplicado em edições distintas, no caso específico dos

registros 19 e 20, referente a obra “O quinze” (1990; 1971). Acrescente-se a isso a identificação de um outro título “*The three Marias*” (1963) de autoria de Rachel, que se trata de uma tradução da sua obra original “As três Marias” (1939) para o inglês, trasladada por Fred P. Ellison.

Sobre o exemplar do livro “*The three Marias*” (1963) de Rachel de Queiroz, traduzido pelo escritor estadunidense Fred Ellison, Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL), amigo tanto de Rachel quanto de Bandeira, cabe mencionar que nele consta um carimbo da Coleção Manuel Bandeira, ou seja, pertence ao acervo da Biblioteca particular do escritor, e possui uma dedicatória de Ellison para Bandeira, conforme pode ser visualizada na dedicatória manuscrita a seguir.

Figura 29 - Dedicatória manuscrita de Fred Ellison a Manuel Bandeira



Fonte: Coleção Manuel Bandeira. ABL.

Transcrição: Meu caro poeta Manuel Bandeira. — //
 Desculpe-me a demora em // enviar um livro que já lhe //
 pertence há muito tempo (desde, // 1939). Esta tradução
 também // é sua, por direito, e pelo meu // desejo de saudá-lo
 e de // agradecer tantas gentilezas // no Rio em abril de 1962.
 // Um grande abraço de // Fred P. Ellison // Austin, Tex. //
 21 de janeiro de 64

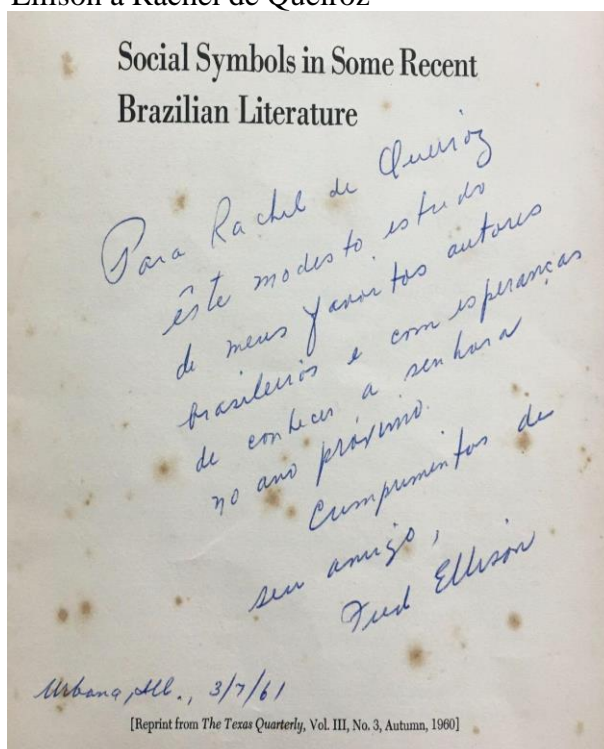
Na dedicatória exposta, notabiliza-se que o intelectual e tradutor Fred Ellison fez referência à primeira edição de “As três Marias” (1939), de Rachel de Queiroz, por ele traduzido, livro dedicado de Rachel ao amigo poeta Manuel Bandeira. Com efeito, tal fato explicita que se trata de uma dedicatória (impressa) especial, pois aparece no livro enquanto material literário, e não em um único exemplar dessa obra. O que fornece subsídios para se

reforçar o entendimento de que a relação profissional e pessoal dos literatos era significativamente profunda.

Outrossim, “*The three Marias*” (1963) trata-se da primeira tradução de uma obra de Rachel de Queiroz, para a língua inglesa, em edição norte-americana. O que torna patente a profissionalização da escritora cearense, uma vez que sua literatura chega a outras sociedades e culturas, pavimentando caminhos para uma sociabilidade necessária à chegada de Ellison na ABL enquanto Sócio Correspondente. A par disso, a tradução é uma prática cultural que se desvela sumamente importante na medida em que possibilita as vias de acesso para outras experiências, as mais diversas.

Complemente-se ainda que foi identificado no âmbito da biblioteca particular da escritora Rachel de Queiroz dois folhetos, em que advêm dedicatórias manuscritas de Fred Ellison para ela, são estes: o primeiro intitulado de “*Social symbols in some recent brazilian literature*” (figura 30), de 1960, e o segundo “*The writer in Latim America*” (figura 31), de 1964. Adiante segue as dedicatórias manuscritas mencionadas.

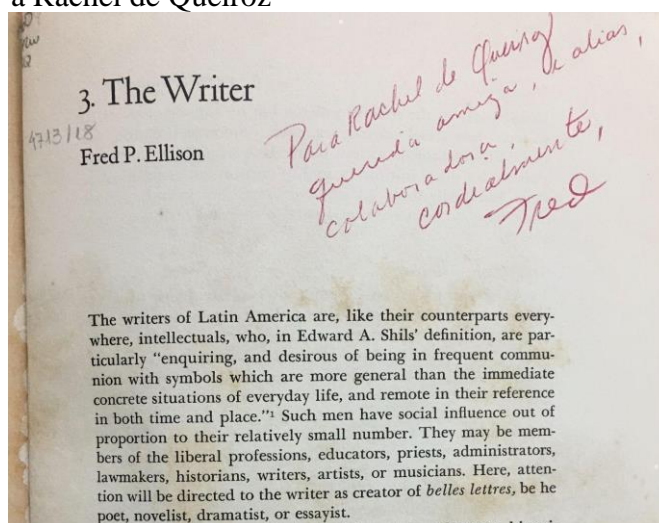
Figura 30 - Dedicatória manuscrita de Fred Ellison a Rachel de Queiroz



Fonte: Coleção Rachel de Queiroz. UNIFOR.

Transcrição: Para Rachel de Queiroz // este modesto
estudo // de meus favoritos autores // brasileiros e com
esperanças // de conhecer a senhora // no ano próximo.
// Cumprimentos de // seu amigo, // Fred Ellison //
(ilegível) 3/7/61

Figura 31 - Dedicatória manuscrita de Fred Ellison a Rachel de Queiroz



Fonte: Coleção Rachel de Queiroz. UNIFOR.

Transcrição: Para Rachel de Queiroz, // querida amiga, e alias, // colaboradora. // Cordialmente //, Fred

Com base nas dedicatórias manuscritas do americano Fred Ellison (figuras 30 e 31) para Rachel de Queiroz, encontradas nos dois folhetos datados respectivamente de 1960 e 1964 na coleção particular da escritora, pode-se perceber que na primeira o intelectual esboçou o desejo de conhecê-la pessoalmente, a posteriori na segunda demonstrou manter uma relação literária com a escritora que muito provavelmente já chegou a conhecer pessoalmente.

Nesse sentido, é salientado que a relação de Ellison com Rachel foi desvelada por Mendes (2017) em seus estudos nas cartas enviadas a escritora, no período de 1960 a 1985, estas identificadas no fundo documental particular da escritora — arquivo, contendo cartas, originais de romances, poemas, crônicas, recortes de jornais e de revistas, fotografias e documentos pessoais —, custodiado pelo Instituto Moreira Salles (IMS).

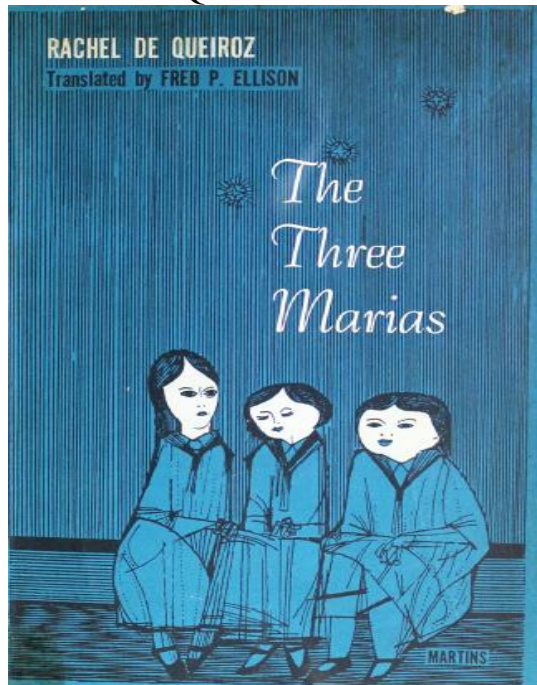
Assim, faz-se salutar mencionar que nas pesquisas de Mendes (2017, p. 69) Ellison foi identificado como o missivista mais assíduo no período supracitado, com 12 cartas enviadas a Rachel, depois de Dorothy Scott com 25. Ainda conforme a autora, as correspondências enviadas por Ellison tiveram início em fevereiro de 1952, quando o escritor se apresentava como “um estudante da literatura brasileira numa universidade americana”, pedindo a opinião de Rachel em um artigo que escreveu sobre ela, e se estendeu até dezembro de 1997. Além disso, os dois escritores também se enviavam livros e, ao que parece, se visitavam (Mendes, 2017, p. 71).

Isto posto, é ratificado que tal como as cartas, as dedicatórias manuscritas são consideradas documentos relacionais, uma vez que, por meio da leitura de um conjunto de

dedicatórias apostas em livros reunidos numa biblioteca particular, a exemplo da biblioteca da escritora Rachel de Queiroz, pode-se mapear sua rede de sociabilidade e investigar relações mútuas através das dedicatórias (Venancio, 2004; Freire, 2013). Além disso, reitera-se que as dedicatórias manuscritas na qualidade de ferramenta de interação social (Freire, 2013) possibilitam reconstruir redes de sociabilidade e são análogas às cartas.

Ainda sobre *“The three Marias”* (1963), além de sua importância por ter sido o primeiro livro de Rachel de Queiroz traduzido para outro idioma, transladado por Fred Ellison, a obra destacou-se por ser ilustrada belamente por Aldemir Martins. Nessa perspectiva, compete mencionar que, anteriormente, o artista cearense também ilustrou, com gravuras exclusivas, o livro artesanal e de luxo *“Pasárgada”* (1960), de Manuel Bandeira, obra com poemas escolhidos pelo próprio Bandeira para a décima quarta publicação da coleção Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil realizada sob a direção de Raymundo de Castro Maya e Cypriano Amoroso Costa. Ambos os livros de Rachel e de Bandeira ilustrados por Aldemir Martins podem ser constatados nas figuras 32 e 33 a seguir:

Figura 32 - Capa de *“The three Marias”*, de Rachel de Queiroz

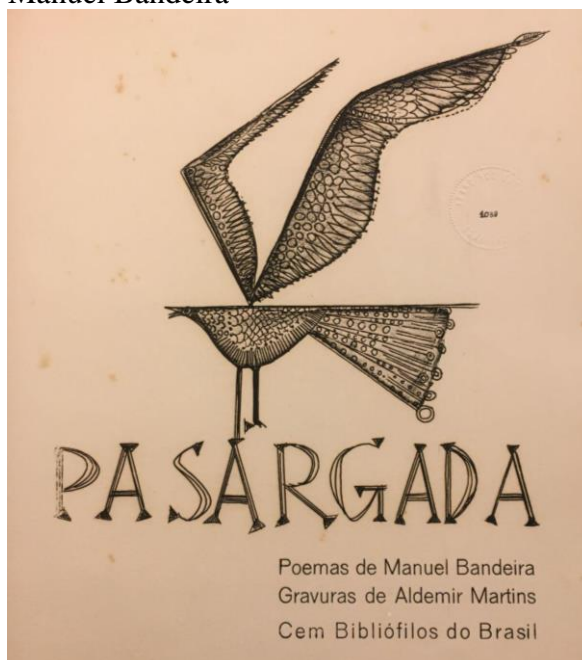


Fonte: Coleção Manuel Bandeira. ABL.

A respeito das ilustrações da obra *“The Three Marias”* (figura 32), salienta-se que Aldemir Martins possibilita conceber uma relação afetiva entre a escritora cearense e o artista visual também cearense, o que dá a perceber implicações das dimensões estéticas das referidas obras com aspectos afetivos da vida da autora, sinalizando a valorização da cultura nordestina,

como defendia Rachel, especificamente a arte cearense, no fazer artístico de um pintor, desenhista e gravurista da envergadura de Martins, premiado em 1951 com o Prêmio de desenho na 1ª Bienal de São Paulo, com “O cangaceiro”, e em 1956 como melhor desenhista internacional na 28ª Bienal de Veneza, sendo o primeiro brasileiro a obter este prêmio. Além disso, Aldemir tendo anteriormente sido o responsável pelo trabalho de capa da quarta antologia publicada de Bandeira intitulada “Pasárgada” (1960), na supracitada edição dos Cem Bibliófilos do Brasil (figura 33), indica também interlocuções entre as dimensões visuais e literárias da arte, iniciadas a contar da Semana de 1922.

Figura 33 - Capa do livro “Pasárgada”, de Manuel Bandeira



Fonte: Coleção Ciccillo Matarazzo.
Biblioteca Acervos Especiais da UNIFOR.

À luz do exposto, pode-se observar um diálogo entre as artes visuais e literárias como se vê no movimento da arte contemporânea, em que as relações dialógicas entre os fazeres e saberes superam as dicotomias do racionalismo da modernidade. De fato, o contemporâneo surge como uma nova possibilidade de se relacionar com o tempo, como instaura a perspectiva do pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), no ensaio “O que é o contemporâneo?”. Tal movimento é iniciado no âmbito das artes pelo modernismo, em que os nomes de Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz se entrelaçam, sendo Bandeira o precursor e realizador da ideia modernista na cena literária com seu poema em versos livres “Os sapos”

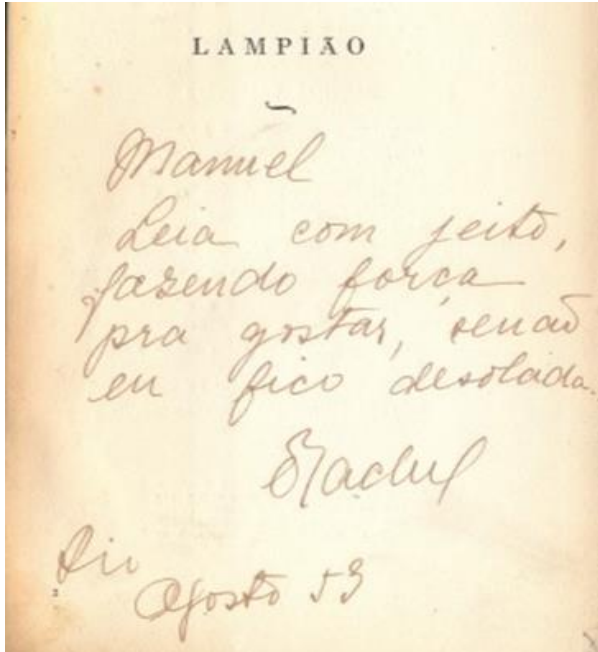
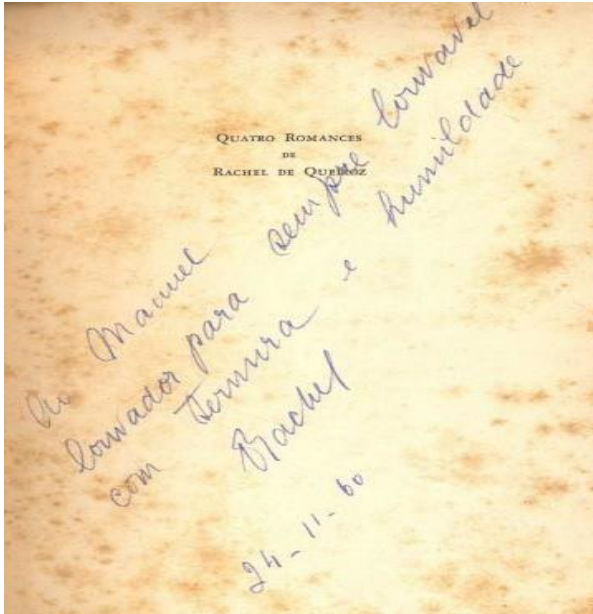
(1919), e Rachel, a precursora do romance regional, na segunda geração do modernismo, com a publicação da obra “O quinze” (1930).

Portanto, explicita-se a inter-relação entre os escritores modernistas Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira com o artista visual Aldemir Martins, sendo os três artistas nordestinos defensores das contribuições da arte e da cultura dessa região, por vezes marginalizada no país, para a afirmação da identidade nacional. Inter-relação essa que advém como uma aproximação dos fazeres artísticos, ao expandir as artes e suas fronteiras, pavimentando, desse modo, os caminhos para a arte contemporânea e, no limite, para o próprio movimento que origina o pensamento contemporâneo, onde as dicotomias, divisões e disjunções dão lugar às aproximações e diálogos.

Acrescente-se a isso, que anteriormente, durante um curso do Museu de Arte de São Paulo por ele realizado entre 1949 e 1951, Aldemir Martins produziu o álbum de gravuras “Cenas da Seca do Nordeste” prefaciado por Rachel de Queiroz. Posteriormente, quando da estreia da peça de teatro “Lampião: drama em cinco quadros” (1954), referente ao livro homônimo datado de 1953, Aldemir participou da construção da cenografia deste espetáculo que foi inclusive laureado na ocasião do prêmio Saci pela montagem paulista, concedido pelo jornal O Estado de São Paulo. A vista disso, é corroborado que os artistas cearenses Rachel de Queiroz e Aldemir Martins considerando-se as parcerias ao longo das décadas de 50 e 60 eram amigos que potencializam o trabalho um do outro.

Por conseguinte, em resgate ao exposto no quadro 9, constatou-se que dos 19 exemplares de livros dedicados identificados na biblioteca Coleção de Manuel Bandeira, viu-se que 2 destes, atenderam aos critérios de seleção previamente definidos nesta pesquisa, isto é, livros de autoria de Rachel de Queiroz dedicados a Bandeira, e que compõem a Coleção Manuel Bandeira da ABL, são eles, os registros 11 e 25, respectivamente: “Lampião: drama em cinco quadros”, de 1953 e “Quatro romances: o quinze, João Miguel, caminho de pedras, as três marias”, de 1960. Note-se que em ambos os exemplares constam no histórico de procedência a Biblioteca particular do poeta, bem como em fonte de aquisição a Coleção Manuel Bandeira. A seguir apresenta-se o quadro 10 com as respectivas dedicatórias manuscritas de Rachel para Bandeira nos exemplares dos dois livros em questão, seguidas de suas transcrições.

Quadro 10 – Exemplares de livros dedicados com suas respectivas dedicatórias manuscritas de Rachel para Bandeira identificados na coleção particular do poeta

EXEMPLAR	REFERÊNCIA	DEDICATÓRIA MANUSCRITA
01	QUEIROZ, Rachel de. Lampião : drama em cinco quadros. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.	<p>Figura 34 - Dedicatória de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira</p>  <p>Transcrição: Manuel // leia com jeito, // fazendo força // pra gostar, senão // eu fico desolada. // Rachel // Rio // agosto 53</p>
02	QUEIROZ, Rachel de. Quatro romances : o quinze, João Miguel, caminho de pedras, as três marias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.	<p>Figura 34 - Dedicatória de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira</p>  <p>Transcrição: Ao Manuel // louvador para sempre louvavel, // com ternura e humildade // Rachel // 24-11-60</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme apresentado no quadro 10, foram identificadas 2 dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz para Manuel Bandeira, apostas nos exemplares de livros de autoria da escritora; coletadas por meio de uma pesquisa no catálogo *online* unificado das bibliotecas da Academia Brasileira de Letras, local de salvaguarda da coleção particular de Manuel Bandeira; e documentadas para serem analisadas posteriormente.

Compete evidenciar que ambos os livros dedicados de Rachel de Queiroz para Manuel Bandeira, tanto “Lampião” (1953), que corresponde a primeira edição da obra de estreia de Rachel na dramaturgia; quanto “Quatro romances” (1960), obra publicada pela editora José Olympio na ocasião de seus 60 anos, e que consta pela primeira vez o poema “Louvado de Manuel Bandeira” no qual o poeta escreveu em sua homenagem. Constituem-se objetos literários de Rachel de valor excelso e carregados de memórias afetivas da escritora.

Em suma, apesar de Rachel de Queiroz, possuir a prática cultural do envio de suas obras literárias com dedicatórias para seus amigos conforme desvelou Mendes (2017), a quantidade de dedicatórias manuscritas da escritora, em exemplares de livros de sua autoria, oferecidas para Manuel Bandeira, encontradas na biblioteca particular do poeta foi moderada, apenas 2. Enquanto que, por outro lado, a quantidade de dedicatórias do poeta para Rachel, encontradas nos exemplares de livros, de autoria, tradução ou organização dele, na biblioteca particular da escritora, foi vultosa, um total de 21. Supostamente porque Rachel de Queiroz ofertava suas obras tendo em conta a relação afetiva e simbólica destas com o dedicatário, em particular na sua rede com Manuel Bandeira.

Após a identificação, coleta e documentação das dedicatórias manuscritas entre os literatos Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, passa-se a próxima subseção onde será realizada a análise de conteúdo destas.

5.3 Análise de conteúdo das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira

Com vista a analisar o conteúdo das 23 dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, sendo 21 do poeta para Rachel e 02 da escritora para Bandeira, identificadas nos exemplares de livros de autoria, tradução ou organização de cada literato, contidas nos acervos de suas bibliotecas particulares, respectivamente salvaguardadas na Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e na Biblioteca Acadêmico Lúcio de Mendonça, localizada na Academia Brasileira de Letras (ABL), o presente estudo se propõe, conforme pré-estabelecido, a aplicar a técnica análise de conteúdo, difundida por Laurence

Bardin (2016), a fim de que se possa conferir a significação e a interpretação das 23 dedicatórias coletadas, por meio de esforço predecessor realizado através de pesquisa documental. Reitera-se que, utilizando como instrumento de identificação e de coleta das dedicatórias supracitadas, foram realizadas preliminarmente buscas no catálogo *online* da Biblioteca Central da UNIFOR (BCU), e da Biblioteca Acadêmico Lúcio de Mendonça (BALM) da ABL, além de visita *in loco*, no caso da BCU.

Assim, a presente pesquisa se dispõe a conduzir a análise de conteúdo a partir do percurso teórico proposto por Bardin (2016), descrito logo mais adiante, sendo este realizado do mesmo modo em dois momentos distintos: no primeiro momento, a análise de conteúdo das 21 dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz, onde nele é feita a análise das referidas dedicatórias do poeta a escritora, uma por uma. Estando estas organizadas em ordem cronológica e distribuídas em três quadros referente às décadas de 1940, 1950 e 1960. Já no segundo momento, é realizada a análise das duas dedicatórias manuscritas de Rachel para Bandeira, onde também é empreendida a análise das manifestas dedicatórias da escritora para o poeta, uma por uma, respeitando a cronologia dos anos de 1953 e 1960.

Dito isto, segue o primeiro momento, que corresponde às etapas da análise do conteúdo das 21 dedicatórias manuscritas oferecidas por Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz. Neste, a etapa inicial se deu de modo prévio, consoante mencionado anteriormente, mediante as buscas no catálogo *online* da BCU que possibilitaram a priori, a leitura de todas as dedicatórias manuscritas no acervo particular de Rachel de Queiroz; a posteriori, foi realizada a seleção das dedicatórias manuscritas destinadas à Rachel, escritas por Manuel, em livros de autoria, tradução ou organização do poeta, pelo critério de pertinência e de exaustividade; e findando, foi estabelecida a formulação da hipótese de que essas dedicatórias manuscritas revelam que ambos os literatos possuíam uma relação de afeto, carinho e admiração.

Após, a etapa inicial, que possibilitou identificar, coletar e documentar as dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz, sendo estas as 21 dedicatórias manuscritas supracitadas, segue-se a etapa posterior. Nela, foi realizada a seleção de unidades de análise, sendo extraídas palavras e expressões do conteúdo de cada dedicatória manuscrita identificada e coletada; logo em seguida foi feita a codificação, nela a categorização e subcategorização se deu em função dos sentidos semântico e afetivo de cada palavra e expressão dentro das dedicatórias manuscritas, uma a uma.

Passadas as etapas de pré-análise e de exploração do material — organização, já com as dedicatórias manuscritas de Bandeira para Rachel identificadas, coletadas e documentadas; as unidades de análise e suas devidas categorizações e subcategorizações

elaboradas, passa-se a etapa final, que corresponde ao tratamento e análise das referidas dedicatórias.

Nesta última etapa, é sublinhado que, a partir das unidades de análise selecionadas, foi possível criar as categorias que representam supostamente a rede de afetos presentes na relação entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, compreendida pelas categorias: afeto, admiração, carinho, intimidade e outras. Para tal, a estratégia de análise utilizada foi a construção de uma explicação a partir das unidades de análise selecionadas; e por último buscou-se elementos de estilo simples de Manuel Bandeira, a saber: o verso livre e o coloquialismo, constituído a partir da fusão do parnasianismo com o modernismo, para analisar melhor as poesias que ele escreveu como dedicatórias. Complementarmente, com o intuito de ajudar na análise, é utilizada a pesquisa bibliográfica elaborada previamente, que abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo.

Tendo em vista que dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz foram analisadas uma por uma, estas etapas podem ser constatadas nos quadros 11, 12 e 13, apresentados a seguir. De início, é exposto o quadro 11 abaixo, que corresponde às 4 dedicatórias manuscritas referentes à década de 1940.

Quadro 11 – Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz oferecidas na década de 1940

DEDICATÓRIA MANUSCRITA	UNIDADE DE ANÁLISE	CATEGORIA E SUBCATEGORIA
1. À grande e querida Rachel, // com a homenagem do rei da Pasárgada // a vastidão intraduzível // de // Manuel // Rio, 27 abril 1945	I. grande	I. intensidade; influência
	II. querida	II. estima; apreço; afeto
	III. homenagem	III. consagração; veneração; respeito
	IV. rei da Pasárgada	IV. autoreferência; alusão a si mesmo
	V. vastidão intraduzível	V. carga sentimental poética de muita importância que não se pode traduzir
2. A grande e cara Rachel // mando este livro, no qual // ruim é a parte de Manuel, // ótima a do João Cabral.// Rio, 1948.	I. grande	I. intensidade; influência
	II. cara	II. estima; valorização
	III. ruim	III. imprestável; imperfeição
	IV. ótima	IV. excelência; perfeição

3. Á grande e querida Rachel, // a mais desvanecedora de // minhas fãs, estes quaren // ta anos de versalhada // Manuel // Rio 1948	I. grande	I. intensidade; influência
	II. querida	II. estima; apreço; afeto
	III. desvanecedora	III. dissipar; afugentar
	IV. fãs	IV. apreciação; adoração
	V. quarenta anos	V. celebração
	VI. versalhada	VI. versaria; conjunto de versos
4. A Rachel de Queiroz, // homenagem dos // editores e do velho // amigo, // Manuel // Rio 1948	I. homenagem	I. consagração; veneração; respeito
	II. velho	II. maturação; longevidade; experiência
	III. amigo	III. companheirismo; camaradagem

Fonte: Elaborado pela autora.

A respeito da dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz de número 1, exposta no quadro 11, encontrada no exemplar da primeira edição do livro “Poemas traduzidos” (1945), de autoria do poeta, cumpre salientar que as unidades de análise e as suas respectivas categorizações e sub-categorizações fornecem subsídios que permitem constatar a rede de sociabilidade e de afetos entre os dois literatos, especialmente no excerto da dedicatória “vastidão intraduzível”, uma vez que este aponta para uma carga poética sentimental que não se pode conter em uma tradução, dialogando, assim, o intraduzível do afeto com o título da obra “Poema traduzidos”.

Quanto a dedicatória oferecida por Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz de número 2, identificada no exemplar da publicação original com tiragem restrita fora de mercado de “Mafuá do malungo: versos de circunstância” (1948), de autoria de Bandeira, indica a necessidade de uma interpretação mais contextualizada e mais meticulosa do que o sentido literal consegue dar conta acerca das unidades de análise que foram selecionadas, isso porque quando diz ser a sua parte ruim e a de João Cabral como ótima, Manuel Bandeira traz à tona, ao mencionar o editor da obra, o também amigo, e diga-se de passagem primo, João Cabral de Melo Neto, uma falsa modéstia em tom satírico e jocoso, no âmbito de uma atmosfera descontrainda e de intimidade com Rachel, a sua “grande e cara”.

No que toca às unidades de análise coligidas, referentes à dedicatória manuscrita de número 3, aposta na primeira edição da obra “Poesias completas” (1948), de autoria de Manuel Bandeira, é necessário trazer à evidência que a adjetivação “desvanecedora”, antecedendo a unidade de análise “fã”, estabelece uma relação de envolvimento em maturação, isso porque seu significado se associa àquilo que afugenta. Nesse caso, Rachel, sendo alocada como fã, de Bandeira, é motivo de desvanecer, ou seja, fazer o próprio poeta de Pasárgada afugentar-se, dissipar-se. Tendo em consideração os quarenta anos de sua vida literária, resultando na versalhada. A saber, sua produção poética, que ele assim nomina debochadamente (Bines, 2015, p. 12), ao passo que a crítica literária e o circuito intelectual exaltam a sua prolífica obra, não sendo “poesia menor” ou baixa poesia — possibilitando efetivamente que se compreenda a experiência artística e o produto poético para além da equivocada dualidade alta poesia/baixa poesia (Cavalcanti, 2006; Bines, 2015).

Acerca das unidades de análise selecionadas da dedicatória de número 4, apresentada no quadro 11, inserida no exemplar do livro “Rimas de José Albano” (1948), organizado por Manuel Bandeira, cabe evocar que o poeta cria um contexto de homenagem a Rachel de Queiroz enquanto ato de “consagração, veneração e respeito”, como consta na seção de categorização e subcategorização, em que afirma a sua afeição à amiga, sendo ele um velho amigo: um amigo cuja amizade dura já há muito tempo.

Após o tratamento e a análise de conteúdo das dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz referentes à década 1940, passa-se ao tratamento e à análise das dedicatórias do poeta à escritora dos anos de 1950, conforme o quadro 12 exposto a seguir.

Quadro 12 – Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz oferecidas na década de 1950

DEDICATÓRIA MANUSCRITA	UNIDADE DE ANÁLISE	CATEGORIA E SUBCATEGORIA
5. A Rachel, tão querida e// admirada do seu // amigo // Manuel. // No dia dos anos do Nava, 1951	I. tão	I. intensidade
	II. querida	II. estima; apreço; afeto
	III. admirada	II. adoração; louvação
	IV. amigo	III. companheirismo; camaradagem
	V. anos do Nava	IV. celebração; referência ao aniversário de Pedro Nava

6. A Rachel // e Oyama, // com os // votos de // Ano Bom. // E um abraço // saudoso / Manuel / 1951	I. Oyama	I. marido de Rachel de Queiroz
	II. votos	II. apreciação
	III. Ano Bom	III. celebração; rito; festejo; Reveillon
	IV. abraço	IV. carinho; vínculo
	VI. saudoso	VI. desejoso
7. A Rachel e Oyama, // com um abraço // e as lembranças // do Manuel. // Rio, 1952	I. abraço	I. carinho; vínculo
	II. lembranças	II. memória; recordação
8. A Rachel e Oyama, // governadores, com as saudações // do castelão, // Manuel. // Rio, 1954	I. governadores	I. territorialidade; identidade
	II. saudações	II. estima; cumprimento; cordialidade
	III. castelão	III. autorreferência; territorialidade; identidade
9. A Rachel e Oyama // Of. o velho // Manuel // Rio 1954	I. velho	I. maturação; longevidade; experiência
10. A Rachel e seu amor, // com o meu amor. // Manuel // Rio 1954	I. amor	I. carinho; afeto
11. A Sra. Rachel de Queiroz, // querida de todos nós. // - Adorável e adorada - // E à sua metade Oyama. // Quem os conhece e os não ama? - // Manuel Bandeira, que os ama, // dedica esta malungada. // Rio, 16.4.1955	I. Senhora (Sra.)	I. respeito
	II. querida	II. estima; apreço; afeto
	III. adorável	III. admirável; fascinante
	IV. adorada	IV. admiração; fascinação
	V. ama	V. carinho; afeto
	VI. Oyama	VI. marido de Rachel de Queiroz
	VII. quem	VII. intimidade
	VIII. malungada	VIII. autorreferência; referência à obra de Bandeira
12. A Rachel querida // e, por tabela, ao // esposo, também // querido, M. // Manuel // 1956	I. querida	I. estima; apreço; afeto
	II. querido	II. estima; apreço; afeto

13. A Rachel e // Oyama, com // /todas as doçuras // do Pernambuco, // Ceará e Goiás, // Manuel. // 1957	I. doçuras	I. ternura; brandura
	II. Pernambuco	II. territorialidade; identidade de Manuel Bandeira
	III. Ceará	III. territorialidade; identidade de Rachel de Queiroz
	IV. Goiás	IV. territorialidade; identidade de Oyama de Macedo

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do quadro 12, clarifica-se que a dedicatória manuscrita de número 5, aposta no exemplar da 5ª edição do livro “Poesias completas” (1951), de Manuel Bandeira, ofertada à amiga escritora Rachel de Queiroz ilustra a intimidade entre os literatos, especialmente pela referência que Bandeira faz ao amigo em comum deles, Pedro Nava, em particular a sua passagem natalícia. Além disso, o advérbio de intensidade “tão” e os demais adjetivos, quais sejam: querida, admirada, e amigo, reforçam o vínculo afetivo e o curso da própria rede de sociabilidade dos escritores em sentido ampliado, ao incluir Nava nessa inter-relação.

A respeito das unidades de análise selecionadas na dedicatória de número 6, encontrada em outro exemplar da 5ª edição de “Poesias completas” (1951), de Manuel Bandeira, cabe realçar que a relação entre o poeta e a escritora Rachel de Queiroz, perpassa no que concerne aos afetos histórico-culturais, o calendário e as datas comemorativas. Nesse caso especificamente, o “Ano Bom” se reporta à celebração de ano novo. Ao qual Bandeira estima com votos, enviando abraço ávido, “desejoso” à amiga Rachel, considerando respeitosamente seu segundo marido Oyama de Macedo, sendo essa a primeira dedicatória em que o nome deste aparece, prezando a cronologia.

No caso da dedicatória manuscrita de número 7, identificada no exemplar do livro “Gonçalves Dias: esboço biográfico” publicado em 1952 por Manuel Bandeira, cabe suscitar e trazer à reflexão que as unidades de análise “abraço” e “lembranças” dão a entender, uma vez mais, o laço afetivo que se constituiu em toda a vida literária entre os escritores Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz. Além disso, o poeta de Pasárgada declara a sua afeição, constantemente, ao esposo de Rachel, Oyama, que, tendo em vista a aparição contínua de seu nome nas dedicatórias, se insere no seletto grupo das notáveis e admiradas personalidades que compunham sua rede de sociabilidade. Para mais, outro aspecto digno de nota é que a obra em questão diz respeito a um esboço biográfico, realizado por Bandeira, de Gonçalves Dias, também poeta, o que fornece indícios para se perceber a construção de um laço afetivo a contar

da literatura e da poesia como fundamento. Isso posto, as lembranças que Manuel oferta aos amigos Rachel e Oyama, na verdade, representam o sentido da presente análise de conteúdo, qual seja: debruçar sobre aspectos memorialísticos de modo a formar vias para investigação das nuances que envolvem o que se entende por memória a meio das redes de sociabilidades estudadas.

As unidades de análise agrupadas no quadro 12 referentes à dedicatória manuscrita de número 8, inserida no exemplar da obra “De poetas e de poesia” (1954), de Manuel Bandeira, são investigadas levando-se em consideração as nuances de território e pertencimento, sendo estas, por seu turno, constituintes de identidade e subjetividade, em uma atmosfera urdida pelo poeta em uma dedicatória endereçando a obra supracitada ao casal de amigos. Isso porque as unidades de análise “governadores” e “castelão”, entrelaçadas pelas saudações do “poeta do castelo”⁵⁹. A saber: Manuel, se relaciona com as territorialidades como geografia afetiva e identidade quando Bandeira menciona os amigos Rachel e Oyama como governadores, tal unidade de análise se remete à Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, onde o casal residia. Além do mais, o castelão, de maneira análoga, se reporta ao território de Bandeira, considerado como o poeta do castelo, já anunciado por Moreira (2017). Desse modo, a referência às localidades permite confirmar a hipótese de amizade e intimidade entre Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz e Oyama de Macedo, visto que, em meio a um social bastante diverso, os escritores se situam em uma ambiência em que compreendem o sentido dos vocábulos que aparecem no conteúdo da dedicatória analisada.

Da dedicatória de número 9 elencada no quadro 12 alusiva à primeira edição da obra “Itinerário de Pasárgada” (1954), de Manuel Bandeira, extraiu-se a unidade “velho” para a feitura da presente análise de conteúdo, em que na categorização e na sub-categorização adquire o significado de maduro, longínquo e experiente. Isso posto, considerando as relações que se imbricam entre Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz e Oyama de Macedo, “velho” significa o amadurecimento da amizade a meio deles. Além disso, o termo ressurgiu no escopo de outras dedicatórias.

No que concerne às unidades de análise coletadas na dedicatória manuscrita de número 10, aposta no exemplar da 6ª edição do livro “Poesias: a cinza das horas, carnaval, ritmo dissoluto, libertinagem, estrela da manhã, lira dos cinqüentanos, belo belo, opus” (1955), de Manuel Bandeira, cumpre registrar que a dedicatória, não obstante sucinta, possibilita que se

⁵⁹ Denominação que se reporta ao curta-metragem intitulado “O poeta do Castelo”, o qual se estruturou sobre a vida cotidiana de Manuel Bandeira (Moreira, 2017).

faça uma análise de conteúdo, compreendendo este como conteúdo poético, em que as duas unidades coletadas da dedicatória do poeta à Rachel de Queiroz e seu consorte, embora partam da mesma palavra, constituem a significação de “amor” diferentemente, o que deixa patente a habilidade de Bandeira de dar movimento a palavra como significado e significante. Nesse caso, assim sendo, a palavra “amor” desliza em tempos de significação: primeiramente, reportando-se ao companheiro da escritora, Oyama, e, depois diferente viés, significando o sentimento como afeição que nutre pelo casal e oferta em forma de dedicatória.

A respeito das unidades de análise pautadas na dedicatória manuscrita de número 11, encontrada no exemplar da primeira edição comercial de “Mafuá do malungo: versos de circunstância” (1955), de Manuel Bandeira, esmiúça-se que estas potencializam vias para a realização de uma análise de conteúdo poético de Bandeira a Rachel, uma vez que o conteúdo textual a partir da unidade de análise “ama” — radical extraído do nome do marido da escritora cearense, Oyama — se estrutura poeticamente, refazendo versificação e rima. Dito isto, as unidades de análise “senhora”, “querida”, “adorável”, “adorada” e “ama”, no contexto poético, criam um sentido de sensibilidade e envolvimento, tendo Bandeira consideração e estima, também, ao matrimônio de Rachel e Oyama, a quem habitualmente saúda e inclui nas dedicatórias de suas obras literárias, sendo, assim, o casal poeticamente referenciado e reverenciado. Ademais, destaca-se que a unidade “malungada” faz alusão à obra “Mafuá do malungo”, dando conta de incluir no jogo de palavras e na poética da dedicatória a presença de Manuel Bandeira através de sua produção artística.

Vislumbra-se que as unidades de análise coletadas relativas a dedicatória manuscrita de número 12, aposta no exemplar da 3ª edição do livro “Poemas traduzidos” (1956), de Manuel Bandeira, mantêm uma relação de sentido semântico, alterando apenas pela reflexão da desinência de gênero. Nessa dedicatória, Bandeira classifica Rachel de Queiroz como “querida”, unidade de análise que reaparece amiúde no conteúdo das demais mensagens aqui estudadas, ao passo que o esposo, Oyama de Macedo, é também classificado como “querido”, estendendo-lhe a saudação. Assim, vê-se que o poeta inclui, a contar de determinado momento de seu relacionamento literário com Rachel, o nome de Oyama, que passa a ser chamado de amigo. Com base na análise de conteúdos englobados nas dedicatórias manuscritas ofertadas ao casal, que, indubitavelmente, configura e simboliza um gesto afetoso e atravessado por uma noção muito singular aos escritores e a Oyama de intimidade.

Diante das unidades de análise selecionadas da dedicatória manuscrita de número 13, encontrada no exemplar da primeira edição da coletânea de crônicas de Manuel Bandeira intitulada “Flauta de papel” (1957), é necessário enfatizar que, nesta dedicatória o poeta

expressou sua ternura no que toca aos aspectos territoriais e identitários dos três, os seus, os de Rachel de Queiroz e os de seu esposo Oyama de Macedo, de modo a criar uma ambiência afetuosa e íntima.

Subsequentemente ao tratamento e a análise de conteúdo das 9 dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz da década de 1950, período de intensa publicação do poeta e, de modo consequente, de livros dedicados a escritora, segue a última análise, que corresponde a das 8 dedicatórias referente aos de 1960, de acordo com o quadro 13 abaixo.

Quadro 13 – Dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz oferecidas na década de 1960

DEDICATÓRIA MANUSCRITA	UNIDADE DE ANÁLISE	CATEGORIA E SUBCATEGORIA
14. A Rachel e // Oyama, // com o meu abraço // de Natal, // Manuel // Dez. 1960	I. abraço	I. carinho; vínculo
	II. Natal	II. celebração; rito; festejo
15. A Rachel & // Oyama, // com o coração // do Manuel // 1961	I. coração	I. amor; carinho; afeto
16. A Rachel, // a Oyama, // tão queridos, do // Manuel / 1961	I. tão	I. intensidade
	II. queridos	II. estima; apreço; afeto
17. A Rachel & Oyama // Oyama ama. // Quem ama Oyama? // Ama Rachel. / Quem ama a Oyama? // Ora, Rachel! // E quem mais ama // Rachel e Oyama? // Ah, é Manuel! //]Manuel Bandeira // 1962	I. ama	I. carinho
	II. quem	II. intimidade
	III. Manuel	III. autoreferência; aquele que ama; amante
18. A Rachel e Oyama, // com a alegria // de os rever, // Manuel. // 10 outubro 62	I. alegria	I. contentamento; satisfação; exultação
	II. rever	II. (re)encontro; (re)visitação
19. A Rachel e Oyama, // com a minha a// dmiração, Manuel // 1962	I. admiração	I. inspiração; alumbramento; iluminismo; maravilhamento
20. A Rachel // & Oyama, // - boas festas! // bons anos! // Manuel // Dez., 1963	I. boas festas	I. celebração; rito; festejo; Natal
	II. bons anos	II. celebração; rito; festejo; Reveillon
	I. velho	I. maturação; longevidade; experiência

21. A Rachel e // Oyama, // com o velho // coração do bardo, Manuel // Viva São João! // 1963	II. coração	II. amor; carinho; afeto
	III. bardo	III. autoreferência; poeta; trovador; contador de histórias
	IV. viva São João	IV. celebração; rito; festejo

Fonte: Elaborado pela autora.

Acerca das unidades de análise “abraço” e “Natal”, extraídas da dedicatória manuscrita de número 14, oferecida por Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz e, estendida ao seu marido, Oyama de Macedo, manifesta no quadro 13 e, por sua vez, inserida no exemplar da quinta antologia publicada de Bandeira, seleção de poemas de amor, intitulada “Alumbramento” (1960), infere-se que ambas as unidades juntas e correlacionadas dentro do contexto de rito natalício em que a mensagem da dedicatória está introduzida expressam o sentimento emocional de carinho e vínculo afetoso por parte de Manuel a figura do casal Rachel e Oyama.

Por sua vez, a unidade de análise “coração” deslocada da dedicatória de número 15, ofertada por Manuel Bandeira aos consortes Rachel de Queiroz e Oyama de Macedo, aposta no exemplar da obra “Antologia poética” (1961), de autoria de Bandeira, exprime-se que o referido termo não é empregado no mesmo sentido em que se diz o campo de estudo Anatomia, órgão musculoso, centro do sistema de circulação do sangue, mas designa o cerne da afetividade bandeiriana, sendo esta concedida às personalidades Rachel e Oyama, pelo próprio poeta. Nessa conjectura, a afetividade é entendida como conjunto de “sentimentos emocionais”, componentes fundamentais dos afetos, tais como amor e carinho (Spinoza, 2009). Assim sendo, a presente dedicatória, embora de estrutura relativamente simples, é uma mensagem extremamente profunda, característica da poética bandeirana.

A respeito das unidades de análise “tão” e “queridos” expressas na dedicatória manuscrita de número 16, destinada por Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz e a Oyama de Macedo, identificada no exemplar do livro “Macbeth” (1961), de autoria de William Shakespeare, edição traduzida para o português com maestria por Bandeira, cabe ressaltar a intensidade da estima e do apreço que Manuel assevera ter por Rachel e Oyama.

No que tange às unidades de análise selecionadas relativas a dedicatória de número 17, encontrada no exemplar de outra edição do livro “Antologia poética” (1962), de Manuel Bandeira, importa evidenciar que as unidades constituem um texto que relaciona a afetividade e a poética, porquanto o poeta, ao dedicar a obra em questão à amiga escritora Rachel de

Queiroz, realiza no escrito, a construção de um texto poético, de uma poesia que se sedimenta a partir do radical “ama”, que tem uma semântica em movimento e, nesse caso, dualidade: podendo significar a flexão do verbo amar, assim como a partícula desmembrada do nome do marido de Rachel, Oyama, mediante a qual Manuel empreende a sua dedicatória. Desvela-se, a sensibilidade poética marcante de Manuel, que oferta uma antologia, com poemas da excelência que o singulariza desde a concepção modernista, a um casal de estimados amigos, dedicando-lhes no marco da palavra poética o amor, sendo ele o sujeito da oração sem sujeito que aparece na indagação “E quem mais ama Rachel e Oyama?” que consta na dedicatória. Assim, para reforçar esse entendimento, o poeta descobre-se a si mesmo enquanto “quem” ama o casal.

Somando-se a isto, vale sublinhar que a dimensão poética abarcada na mensagem da referida dedicatória manuscrita de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz reforça a concepção deste tipo de marca de proveniência como sendo também uma possível fonte de poesia tal como Carlos Drummond de Andrade a enxergava (Freire, 2022), o que reafirma a importância da dedicatória como forma de expressão literária.

Das unidades de análise “alegria” e “rever”, removidas da dedicatória manuscrita de número 18, contida no exemplar do livro “Poesia e vida de Gonçalves Dias” (1962), de Manuel Bandeira, pode-se trazer à evidência que o afeto reaparece na relação de Bandeira e o casal de amigos Rachel de Queiroz e Oyama. Quando da ocasião do reencontro entre eles, verificável no verbo “rever” que consta no conteúdo da dedicatória em questão, reforçando o que se esmiuçou do conteúdo das demais mensagens estudadas.

A respeito da unidade de análise “admiração”, selecionada da dedicatória de número 19, aposta no exemplar do volume 1 da obra intitulada “Quadrante: crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga” (1963), de Manuel Bandeira e demais autores, compete vislumbrar que o termo suscita, no âmbito da dedicatória, uma acepção semântica mais aprofundada do que o sentido que é empregado cotidianamente, isso porque a licença poética de Bandeira faculta conceber a admiração declarada ao casal de amigos, não sendo esta uma sentimentalidade excessivamente, gasta pelo uso cotidiano, como um maravilhamento, tal qual na sua poesia “Alumbramento” e no livro homônimo já mencionado, em que o sentido da palavra alumbramento, seguindo a argumentação de Arrigucci Jr. (1987), explicita uma carga semântica de forte poder evocativo, nesse caso evocando a luminosidade (do latim *lumen*, significando luz em português) e projetando-a sobre Rachel e Oyama em forma de admiração que se reitera e se reafirma a cada obra que o poeta do castelo dedica aos amigos. De mais a mais, acresce-se que o título do livro em que a mensagem da dedicatória manuscrita está

inserida, qual seja, “Quadrante”, reporta-se ao programa de rádio também denominado Quadrante existente à época, realizado pela rádio do Ministério da Educação (MEC), em que literatos brasileiros, a exemplo de Manuel Bandeira e dos demais autores do volume supracitado, tinham suas crônicas declamadas.

As expressões “boas festas” e “bons anos” selecionadas como unidades de análise, no âmbito da dedicatória manuscrita de número 20, de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz e o consorte Oyama de Macedo, aposta no exemplar da 5ª edição do livro “Guia de Ouro Preto” (1963), de autoria de Bandeira, possibilitam que se compreenda mais profundamente as relações atinentes à rede de sociabilidade das três personalidades envolvidas, isso porque supõe-se que as felicitações pelas passagens de Natal e de Ano novo, sendo esse o sentido ao qual se dirige a dedicatória do poeta pernambucano, muito geralmente são oferecidas a alguém por quem se nutre afeição e admiração, nesse caso Rachel e Oyama. Adicione-se ainda, Minas Gerais, lugar do qual Rachel, tendo conhecido, gostava bastante, especialmente da gente mineira, e sobre o qual chegou a tematizar em crônicas “turísticas”, publicadas na revista “O Cruzeiro” (Guerellus, 2015, p. 213).

Por última análise, no que concerne às unidades selecionadas na dedicatória manuscrita de número 21, identificada no exemplar da primeira edição de “Estrêla da tarde” (1963), de Manuel Bandeira, pode-se constatar que, reiteradamente, o bardo grande — expressão que Rachel de Queiroz utiliza para referenciar Bandeira em sua crônica “História de Beata” publicada em 1959, na revista “O Cruzeiro” (Guerellus, 2015) — oferta seus cumprimentos em dedicatória aos amigos Rachel e Oyama, em datas comemorativas, neste caso a festa de São João. Por conseguinte, “velho” e “coração” são termos que reapresentam o sentimento do poeta em relação ao casal, em que o afeto amadurece e vai a lugares longínquos de sentimentos conforme o tempo passa. Sobre isso, rememora-se a crônica de Rachel intitulada “Amigos” (Queiroz, 1956, p. 138), publicada em agosto de 1956 na Última Página, da revista “O Cruzeiro”, em que a escritora indaga: “Pode haver nada mais confortável neste mundo do que um amigo velho? [...] amigo velho é personagem de recordações” (Queiroz, 1956, p. 138).

Por conseguinte, após o primeiro momento, que correspondeu a análise de conteúdo do total de 21 dedicatórias manuscritas de Manuel Bandeira para Rachel de Queiroz oferecidas entre as décadas de 1940 a 1960, passa-se ao segundo momento, que condiz às etapas da análise do conteúdo do montante moderado de 2 dedicatórias manuscritas oferecidas por Rachel a Manuel. Neste, a etapa inicial se deu previamente, consoante já mencionado, a partir das buscas no catálogo *online* da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça (BALM) que possibilitaram a priori, a leitura de todas as dedicatórias manuscritas no acervo particular de Manuel Bandeira;

a posteriori, foi realizada a seleção das dedicatórias manuscritas destinadas à Manuel, escritas por Rachel, em livros de autoria da escritora, pelo critério de pertinência e de exaustividade; e findando, foi estabelecida a formulação da hipótese de que essas dedicatórias manuscritas revelam que ambos os literatos possuíam uma relação de afeto, carinho e admiração, seguindo a mesma lógica da análise das dedicatórias de Bandeira a Rachel.

Empós das etapas de pré-análise e de exploração das dedicatórias manuscritas oferecidas por Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira coletadas, que se sucedeu de modo análogo a como se fez quando da oportunidade de analisar as dedicatórias coletadas de Bandeira a Rachel auscultadas no momento primário. Possibilitou-se derivar das unidades de análise selecionadas, categorizações e subcategorizações mediante as quais foi factível realizar o seu tratamento, bem como a sua análise subsequentemente.

Diante do que é considerado, tal como se deu no empreendido do momento primário da análise a que esta dissertação de mestrado se propôs efetuar, é necessário frisar a concepção da compreensão da relação de amizade, entremeada por afetos como amor e carinho, dos escritores, supostamente, o que representa tal rede de afeto, enquanto hipótese, é compreendida pelas categorias: afeto, cordialidade, carinho dentre outras. Para tal, tomou-se as unidades de análise com vista a compreensão e a explicação do relacionamento entre os escritores, enquanto rede de sociabilidade, de onde provém o coloquialismo como traço estilístico do texto regionalista de Rachel de Queiroz. Além disso, importa reforçar que, haja vista esse propósito, se valeu do método de pesquisa bibliográfica, anteriormente elaborada, com o intuito de ajudar na análise.

Isto posto, passa-se a análise de conteúdo de 2 dedicatórias de Rachel de Queiroz para Manuel Bandeira, estas ofertadas pela escritora entre os anos de 1953 e 1960, conforme exposto no quadro 14 abaixo.

Quadro 14 – Dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira oferecidas nos anos de 1953 e 1960

DEDICATÓRIA MANUSCRITA	UNIDADE DE ANÁLISE	CATEGORIA E SUBCATEGORIA
1. Manuel // leia com jeito, // fazendo força // pra gostar, senão // eu fico desolada. // Rachel // Rio // agosto 53	I. com jeito	I. carinho; habilidade
	II. força pra gostar	II. modéstia; insistência cômica
	III. desolada	III. modéstia; insistência cômica
	I. louvador	I. cordialidade

2. Ao Manuel // louvador para sempre louvável, // com ternura e humildade // Rachel // 24-11-60	II. louvável	II. cordialidade
	III. ternura	III. carinho
	IV. humildade	IV. sutileza

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre a dedicatória manuscrita ofertada por parte da escritora Rachel de Queiroz ao poeta Manuel Bandeira de número 1, exposta no quadro 14, alocada no exemplar da primeira edição do livro “Lampião: drama em cinco quadros” (1953), de autoria dela, sendo este a obra que inicia a safra dramática da escritora cearense nas artes cênicas, ao escrever a dedicatória com modéstia, Rachel promove o sentido de que reconhece o poeta como sendo uma figura de “mestre”, no qual, sem o aval, sem a sua aprovação, ela não se sentiria amparada com a sua produção. Ademais, cumpre clarificar que a obra da peça teatral em questão, sendo dotada de grande significado enquanto inserção de Rachel de Queiroz no teatro, é dedicada a Bandeira tendo em vista que ele além de escritor, atuava como crítico literário e de artes, trabalho a partir do qual Rachel, supostamente, poderia vir a lograr elogios em favor da divulgação do seu fazer dramático.

No que concerne à dedicatória de Rachel de Queiroz a Manuel Bandeira de número 2, exibida no quadro 14, aposta no exemplar do livro “Quatro romances: o quinze, João Miguel, caminho de pedras, as três marias” (1960), de autoria de Rachel, cabe elucidar que as unidades de análise selecionadas “Louvador” e “Louvável” se reportam ao poema “Louvado para Rachel de Queiroz”, escrito por Bandeira e publicado originalmente neste livro, por sinal, edição comemorativa dos sessenta anos de Rachel, sendo, portanto, uma obra destacada e de excelso valor dos pontos de vista histórico, artístico e cultural. Isto posto, vale rememorar que o referido poema em que Manuel Bandeira desfruta do seu resquício de parnasianismo na figura feminina, na qual constrói a mulher inalcançável, deusificada, insígnias que a ele são devolvidas na dedicatória de Rachel. Além do mais, a escritora transmite seus cumprimentos afetuosos por meio de “carinho” e “humildade”. Acrescente-se ainda, que a obra intitulada “Quatro romances”, agrupa os quatro primeiros livros da produção racheliana.

À guisa de conclusão dessa subseção, importa realçar que, primeiramente, se realizou uma análise de conteúdo das dedicatórias manuscritas do poeta Manuel Bandeira à escritora Rachel de Queiroz nos exemplares de livros de autoria, tradução ou organização dele a ela concedidos que constam no acervo de parte da biblioteca particular de Rachel,

salvaguardada na Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza. Dentre as quais, do total de 21 dedicatórias identificadas e selecionadas, passou-se pelo crivo analítico uma a uma, percorrendo, desta feita, o lapso temporal que abrange as décadas de 1940, 1950 e 1960, sendo, respectivamente, 4, 9 e 8 a quantidade de dedicatórias examinadas. Notabiliza-se, com isso, que tal montante, ao advir quantitativamente como expressivo e significativo, — uma vez que, a incidência de dedicatórias manuscritas em um acervo particular representa uma relação (de amizade, respeito, admiração e afeto), no caso a dos respectivos literatos (Freire, 2013; 2022) — instaura o interesse de pesquisa que motiva a construção da presente dissertação de mestrado, sobretudo ao se ter em consideração que, comparativamente a outras personalidades implicadas em parte da rede de sociabilidade de Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira aparece mais amiúde.

Tal constatação só foi possibilitada mediante a compreensão teórico-metodológica da dedicatória manuscrita como marca de proveniência e informação em evidência, como lecionam Bibas e Azevedo (2022) partindo dos estudos desenvolvidos por Buckland (1991). Sendo este um teórico sumamente importante da seara da Ciência da Informação, suas reflexões possibilitam sustentar conceitualmente um tipo de marca de proveniência, no caso da dedicatória manuscrita, como uma informação que pode ser definida como evidência. Depreendida, com base na argumentação do supracitado teórico, enquanto “pista”, tal como em uma operação investigativa policial, em que se sobrepõe a natureza da informação como um elemento que oportuniza inferências e deduções, além da criação e subsequente resolução de hipótese, de modo análogo ao uso da pista como método para dirimir um caso e propor uma conclusão.

Nessa perspectiva, faculta-se discorrer a respeito da dimensão historiográfica por intermédio da qual a análise de conteúdo foi viabilizada no contexto do presente estudo. Em vista disso, realizou-se um traçado histórico que permitiu uma compreensão em amplitude dos aspectos relacionados à historicidade dos objetos investigados.

Sendo assim, destaca-se o recorte temporal que se inicia em 1917, quando da publicação do primeiro livro de textos poéticos “A cinza das horas”, de Manuel Bandeira, até à década de 1930, precisamente 1931, em que concomitantemente, à publicação da obra “O quinze”, de autoria da cearense Rachel de Queiroz, o integrante da “Trinca do Curvelo” (Bezerra, 1995) e a escritora regionalista se conhecem, através de ciclos de amizade. Somando-se a isso, resgata-se que nesse momento histórico Rachel foi laureada pelo prêmio Graça Aranha pela publicação dessa sua primeira obra.

Ante o exposto, adentrou-se o campo da análise qualitativa das dedicatórias do poeta à escritora. A partir de então, descortinou-se a amizade entre os literatos por meio do

tratamento das unidades de análise, assim como das categorizações e subcategorizações a elas relacionadas, subsequentemente, de inferências e de interpretações derivadas desse tratamento no âmbito da análise de conteúdo, no seu entrelaçamento com o método historiográfico.

Das dedicatórias de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz que abarcam a década de 1940, em que o rei de Pasárgada já se coloca como “velho amigo”, percebe-se uma amizade em maturação, quanto as dedicatórias atinentes aos anos de 1950, vislumbra-se pelo conteúdo evocado pela unidade de análise “velho Manuel” que a amizade já se encontrava maturada. A despeito disso, evoca-se a crônica de Rachel “Amigos” (Queiroz, 1956, p. 138), em que a escritora no lusco-fusco da meia idade declara: “amigo é como cachaça: quanto mais velho, melhor” (Queiroz, 1956, p. 138). Na sequência disso, as dedicatórias estudadas do transcurso de 1960, evidenciam uma amizade maturada e plena de intimidade, o que se explicita na referência e na reverência ao consorte de Rachel, Oyama de Macedo, e nas terminologias “querido”, “querida” e “queridos” figurando assiduamente no bojo das dedicatórias.

Ainda, derivando da análise que foi realizada dos conteúdos das dedicatórias de Manuel Bandeira a Rachel de Queiroz, contidos nas unidades de análise, bem como nas categorizações e subcategorizações a elas relacionadas, por intermédio do tratamento de cada palavra ou expressão selecionada, foi factível a inferência do entrelaçamento das dimensões afetiva, poética e política em meio à rede de sociabilidade construída a partir do relacionamento inter-subjetivo (pessoal e profissional) entre os escritores, estendendo-se, a datar da década de 1950, consorte de Rachel, Oyama.

Posteriormente, empreendeu-se a análise dos conteúdos intrínsecos das dedicatórias manuscritas de Rachel de Queiroz para Manuel Bandeira, apostas nos exemplares de livros da biblioteca particular do poeta, custodiada pela Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da Academia Brasileira de Letras, pela qual se possibilitou o desvelamento da relação entre os literatos como política de amizade tal como é explicitado por Derrida (2003), anteriormente citado. Dentre essa relação eminentemente política, no que toca à escritora, pode se convocar as unidades de análise “leia com jeito”, “força pra gostar”, “desolada” como vistas à confirmação desse entendimento, o qual concebe a admiração de Rachel a Manuel como professor no âmbito da poética e da crítica de literária, rendendo-lhe louvor que é a ela devolvido.

Neste vértice, elucida-se que a análise de conteúdo das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira apresentada neste estudo corrobora com a hipótese inicialmente proposta. Ao passo que, as dedicatórias supracitadas, ao se constituírem uma fonte valiosa de consistência biográfica e histórica e de informação em evidência, contam a história

e o trajeto da relação de amizade na qual permeia reconhecimento profissional e afeto mútuo entre os literatos, os quais estabeleceram vínculos fortes e duradouros.

Destarte, conclui-se que estes registros de memória, respondendo à questão norteadora da presente investigação, testemunham percursos históricos da amizade entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira onde ambos os literatos são contemporâneos na medida em que atravessam os tempos em desconstrução da temporalidade cronológica, dialogando, conectando tempos como na fusão do parnasianismo e do modernismo feita por Bandeira.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa documental investigou nas bibliotecas da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e da Academia Brasileira de Letras (ABL) as dedicatórias manuscritas entre os literatos Rachel Queiroz e Manuel Bandeira, nos seus respectivos acervos particulares, salvaguardados pelas referidas instituições. Importante salientar que a preservação desses acervos na íntegra, por parte dessas instituições, foi de suma relevância para a consecução desse trabalho. Em caso de dispersão desses exemplares, haveria o comprometimento dos resultados dessa pesquisa, visto que não se preservaria uma coleção completa dos livros dedicados, com suas respectivas dedicatórias manuscritas, comprometendo o caráter singular e personalístico, revelador da sociabilidade e da afetividade entre dedicador e dedicatário.

Do volume de 3.100 obras bibliográficas da Coleção Rachel de Queiroz é possível se constatar que cerca de um terço deste acervo possui dedicatórias manuscritas e ofertadas a Rachel, sendo um número expressivo de autores constituintes da rede de sociabilidade da escritora. Foram encontradas, por meio de busca no catálogo *online* da Biblioteca Central da UNIFOR, o quantitativo de 950 dedicatórias (recorrentes e únicas) destinadas a escritora cearense, sendo 461 dedicatórias provenientes de distintos autores.

Desse montante de 461 dedicadores, destacam-se 27 escritores com maior incidência de dedicatórias manuscritas oferecidas a Rachel de Queiroz. Deste total de 27 autores, enfatiza-se que 19 eram membros da Academia Brasileira de Letras (ABL). O acadêmico Manuel Bandeira desponta como o maior dedicador, com 23 obras bibliográficas dedicadas à Rachel de Queiroz. Acrescente-se a isso que desse total de 23 obras, foram selecionadas 21 delas para a análise de conteúdo das suas respectivas dedicatórias, levando-se em consideração os critérios de seleção e inclusão nesta pesquisa, a saber, livros de autoria, tradução ou organização do poeta. Foram excluídas duas obras por se tratar de folhetos.

Paralelamente, de forma complementar, foi realizada a busca no catálogo *online* unificado das bibliotecas da Academia Brasileira de Letras, sendo identificados dois livros, contendo duas dedicatórias manuscritas de autoria de Rachel de Queiroz ao literato Manuel Bandeira. Importante salientar que Rachel de Queiroz também fez uma dedicatória impressa em homenagem a Bandeira em seu livro “As três Marias”, publicado em 1939.

Das 21 dedicatórias de Manuel para a escritora, e das duas de Rachel para o poeta, perfazendo o total de 23 dedicatórias coletadas, documentadas e mapeadas, passou-se a análise de conteúdo de cada uma delas. Esta investigação e análise de conteúdo das dedicatórias

permitiu à pesquisadora um exame aprofundado das inter-relações e da rede de sociabilidade entre os literatos brasileiros Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira.

A partir da análise do significado lexical e histórico-cultural de palavras e expressões que constam nas mensagens das dedicatórias manuscritas entre Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, pode-se situar as relações sociais desses escritores, imbricadas por políticas (de amizade e de relacionamentos), afetos e memórias.

Para alcance do desígnio desta dissertação, cumpre realçar que as dedicatórias manuscritas, enquanto objeto de estudo, advém como fonte de pesquisa, dando a conceber numerosos frutos quando compreendida como marca de proveniência e informação em evidência no arado teórico-metodológico da Ciência da Informação (CI), de modo a viabilizar a construção de possibilidades outras e renovadas de saber (teoria) e saber-fazer (prática) no roll desse campo epistêmico.

Por meio dessas análises foram constatados padrões de estilo e de estética na comunicação de Bandeira, especialmente no que concerne a simplicidade com profundidade, posto que o poeta tinha como característica principal da sua escrita em dedicatórias uma linguagem coloquial, entretanto carregada de significados e intensidade. Os temas categorizados por este estudo abrangem os afetos e a dimensão poética. As mensagens denotam sentimentos de afetividade, intimidade e proximidade.

De forma complementar, os padrões adotados por Rachel em suas dedicatórias expressam o coloquialismo, a simplicidade e o regionalismo, característicos da escrita racheliana. Os temas abordados nas dedicatórias da escritora revelam os afetos e a dimensão política, sendo as mensagens caracterizadas por afetividade e políticas de amizade. Desse modo foi factível a inferência do entrelaçamento das dimensões afetiva, poética e política, em meio à rede de sociabilidade construída a partir do relacionamento inter-subjetivo (pessoal e profissional) entre os escritores.

Diante do que se expõe, cabe evocar que os desafios que sobrevieram na realização deste labor, se deram na feitura artesanal da coleta das dedicatórias, lida uma a uma, bem como a análise e o tratamento delas, os quais se fizeram de modo inteiramente singular. Das contribuições que podem ser ensejadas desta dissertação, vislumbra-se que estas podem se dirigir a campos diversos do saber a exemplo da história, da arte, das ciências sociais e humanas em geral. Além de resgatar o elemento “memória” ao posto dignidade no que se diz respeito à condição humana, compreendida, por sua vez, como fluxo historiográfico, através de redes de afeto as políticas de amizade se erguem, tal como na relação definitiva entre os artistas Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Laile Ribeiro de. Rachel de Queiroz e sua escrita sertaneja. **Em Tese**, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 119-125, ago. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3736>. Acesso em: 2 set. 2024.
- ABREU, Laile Ribeiro de. **Representações da mulher na obra de Rachel de Queiroz**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-ACYQQ5/1/tese_laile_ribeiro_de_abreu_pdf.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.
- ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Maria Cecília Pimentel de Castro Pinto. **Manuel Bandeira entre o sagrado e o profano**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6269>. Acesso em: 23 out. 2023.
- ANDRADE, Mário. Rachel de Queiroz. In: ANDRADE, Mário. **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria da Cultura: Ciência e Tecnologia, 1976. p. 251. Disponível em: <https://archive.org/details/andrade-m.-de.-taxi-e-cronicas-no-diario-nacional/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.
- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 115-128, 2016. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Perspectiva, 1971.
- AUGÉ, Claude. **Encyclopédie nouveau larousse illustré**: dictionnaire universel encyclopédique. Paris: Librairie Larousse, 1900. v. 3.
- AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; LINO, Lúcia Alves da Silva. O inventário da Biblioteca Lélío Gama: recuperação da memória e relevância para estudos afins. In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 128., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: FBN, 2008, p. 219-230. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2008_00128.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 6-17. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123799>. Acesso em: 27 jun. 2023.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; TORRES, Gabriela de Souza Gonçalves; OKUZONO, Simone Paiva Borges. Marcas de proveniência como fontes de informação: uma proposta de análise. *In: AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA E A CULTURA MATERIAL*. Rio de Janeiro: UNIRIO: Fiocruz: PPACT/Mast, 2020.

BACIU, Stefan Aurel. **Manuel Bandeira de corpo inteiro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1966. (Coleção documentos brasileiros, 122).

BANDEIRA, Manuel. **Bandeira, a vida inteira**: fotobiografia de Manuel Bandeira com 21 poemas de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento: Livroarte Editora, 1998.

BANDEIRA, Manuel. Consoada. *In: BANDEIRA, Manuel. Poesias*: a cinza das horas, carnaval, ritmo dissoluto, libertinagem, estrela da manhã, lira dos cinqüentanos, belo belo, opus 10. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. p. 385.

BANDEIRA, Manuel. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. **Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, 30 nov. 1940. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/manuel-bandeira/discurso-de-posse>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da tarde**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

BANDEIRA, Manuel. **Estrêla da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BANDEIRA, Manuel. Louvado para Rachel de Queiroz. *In: BANDEIRA, Manuel. Alumbramento*. Salvador: Dinamene, 1960. p. 43.

BANDEIRA, Manuel. **Noções de história das literaturas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. (Biblioteca do Espírito Moderno, série 3, Literatura, v. 3).

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

BANDEIRA, Manuel. **Poesias**: a cinza das horas, carnaval, ritmo dissoluto, libertinagem, estrela da manhã, lira dos cinqüentanos, belo belo, opus 10. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.

BANDEIRA, Manuel. Raimundo Correia e o seu sortilégio verbal. *In: CORREIA, Raimundo. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editôra José Aguilar, 1961. p. 13-32.

BANDEIRA, Manuel. **Seleção de prosa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BANDEIRA, Manuel. **Seleção de prosa e verso**. Rio de Janeiro: Editôra José Olympio, 1971. (Coleção Brasil moço, v. 2).

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Tradução: Marcela Mortara. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

BARBOSA, Francisco de Assis. **Os melhores poemas de Manuel Bandeira**. São Paulo: Global, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfagura, 2016.

BASTOS, Ana Wanessa Barroso; NUNES, Jefferson Veras; FILGUEIRAS, Larissa Monte; LIMA, Tainá Copini Brasileiro de. As dedicatórias manuscritas na coleção bibliográfica de Ciccillo Matarazzo: um estudo de caso biblioteca Acervos Especiais da Universidade de Fortaleza. **PontodeAcesso**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 440-466, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52319>. Acesso em: 26 jan. 2023.

BENJAMIN, Walter. Afinidades eletivas. In: BENJAMIN, Walter. **Ensaaios sobre literatura**. Tradução: João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2016. p. 38-138.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução Irene Aron, Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BEZERRA, Elvia. In: Biblioteca da escritora Rachel de Queiroz retorna ao Ceará. **G1**, 17 jan. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2017/01/biblioteca-da-escritora-rachel-de-queiroz-retorna-ao-ceara.html>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BEZERRA, Elvia. Alba Frota ou anjo de arquivo: Por dentro dos acervos. **Instituto Moreira Salles**, 30 abr. 2023. Disponível em: https://ims.com.br/por-dentro-acervos/alba-frota-ou-anjo-de-arquivo_elvia-bezerra/. Acesso em: 21 jan. 2023.

BEZERRA, Elvia. Amar é uma aventura heroica e insuperável. **Instituto Moreira Salles**, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/amar-e-uma-aventura-heroica-e-insuperavel-por-elvia-bezerra/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BEZERRA, Elvia. **A trinca do Curvelo**: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BIBAS, Marli Gaspar; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A trajetória de um exemplar e outras histórias que se revelam em suas páginas. **PontodeAcesso**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 306-340, 2022. DOI: 10.9771/rpa.v16i3.52312. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52312>. Acesso em: 8 ago. 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. **Critérios de raridade e Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN**: séculos XV e XVI.

Rio de Janeiro: FBN, [2021]. Disponível em:
<http://arquivo.bn.br/planor/documentos/criterioraridadedioraplanor.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BINES, Rosana Kohl. Apresentação. In: BANDEIRA, Manuel. **Mafuá do malungo**: versos de circunstâncias. São Paulo: Global, 2015. p. 11-16.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOWERS, Fredson. **Principles of bibliographical description**. New Jersey: Princeton University Press, 1949.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em:
<https://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

CAMPOS, Haroldo de. **Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CANDIDO, Antônio. A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, Puccamp, v. 22, n. 138, p. 82-86, abr./jun. 1990.

CANFORA, Luciano. **Livro e liberdade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHO, Maria Conceição; SANTOS, Renata Ferreira. A proteção do patrimônio bibliográfico no Brasil: o caso das coleções de livros raros em Instituições Públicas Federais em Ouro Preto (MG). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ECI, UFMG, 2014.

CASTRO, Aryadna Pereira de. **Memória em rede**: uma análise de dedicatórias manuscritas veiculadas na internet. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/00003a/00003aa3.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Manuel Bandeira, poeta menor? **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 28, p. 156-164, jan./dez. 2006. Disponível em:
<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2333/1799>. Acesso em: 16 nov. 2023.

CERVINSKIS, André Caldas. **O Brasil de Manuel Bandeira**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre páginas e representações. Lisboa: Difel, 1992.

CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. *In*: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 182.

CUNHA, Cecília Maria. **Vivências em retalhos**: um ensaio sobre a crônica de Rachel de Queiroz nas páginas de O Cruzeiro (anos 50). 2011. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95065/294447.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 nov. 2023.

DARNTON, Robert. **Censores em ação**: como os estados influenciam a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DARNTON, Robert. História da Leitura. *In*: Burkert, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo. Ed. UNESP, 1992.

DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio**: história da publicação da enciclopédia 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELMAS, Ana Carolina Galante. **“Do mais fiel e humilde vassalo”**: uma análise das dedicatórias impressas no Brasil joanino. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/13133>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DELMAS, Ana Carolina Galante. A Impressão Régia e as práticas de homenagem: dedicatórias impressas no Brasil joanino. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPUH, 2008. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212884769_ARQUIVO_AnaCarolinaGalanteDelmas.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

DERRIDA, Jacques. **Políticas da amizade**. Tradução: Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. Classe e gênero no romance de Rachel de Queiroz. *In*: DUARTE, Eduardo. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: Fale: UFMG, 2005. p. 105-112.

DUVANEL, Talita. Os tesouros das bibliotecas da ABL: de obras raras a coleções particulares de Machado de Assis e Manuel Bandeira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jul. 2022. Cultura. Livros. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/07/os-tesouros-das-bibliotecas-da-abl-de-obras-raras-a-colecoes-particulares-de-machado-de-assis-e-manuel-bandeira.ghml>. Acesso em: 07 jan. 2024.

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e fardões**: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003). 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/publico/MICHELE_ASMAR_FANINI.pdf. Acesso em: 17 ago. 2023.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria das Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

FLUSSER, Vilém. Chuva. *In*: FLUSSER, Vilém. **Naturalmente**: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Annablume, 2011. p. 39-44. (Coleção comunicações).

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. As dedicatórias manuscritas: marca de proveniência, fonte e objeto de pesquisa. **PontodeAcesso**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 711-729, 2022. Disponível em: <http://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52331>. Acesso em: 23 jan. 2023.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. **As dedicatórias manuscritas**: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/posgraduacao/ppgh/dissertacao_stefanie-freire. Acesso em: 02 jan. 2023.

GAUZ, Valéria. Dedicatórias a Getúlio Vargas: fragmentos de uma biblioteca. **Museu da República**, Rio de Janeiro, mar. 2015. Disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/exposicoes/dedicatorias/paginas/index.htm>. Acesso em: 23 jun. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRILL, Igor Gastal. As múltiplas notabilidades de Afonso Arinos: biografias, memórias e a condição de elite no Brasil do século XX. **Revista de Sociologia e Política**, Paraná, v. 23, n. 54, p. 21-42, jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/fq753cGPn4XW3TtgGTfx3LN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 maio 2024.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Gabriela Alves; LIMA, Mírian Cristina de. A gestão da Coleção Rachel de Queiroz: um relato de experiência. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC, 2017, p. 6. Disponível em <http://repositorio.febab.org.br/items/show/2857>. Acesso em: 8 jan. 2021.

GUEDES, Taffarel Bandeira. **Rachel de Queiroz no romance de 30**: um estudo da obra e da fortuna crítica. Recife, 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/29674/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Taffarel%20Bandeira%20Guedes.pdf>. Acesso em: 12 jan 2024.

GUERELLUS, Natália de Santanna. **Como um castelo de cartas**: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964). 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1774.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

GUERELLUS, Natália de Santana. **Rachel de Queiroz: regra e exceção (1910-1945)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/16648>. Acesso em: 17 ago. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HENRY, Paul, MOSCOVICI, Serge. Problèmes de l'analyse de contenu. **Langages**, 3e année, n. 11, p. 36-60, 1968. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1968_num_3_11_2900. Acesso em: 22 mar. 2023.

KWAKMAN, Job. Inscriptions, dedications and other types of signatures that affect the value of books. **Catawiki**, 2020. Disponível em: <https://www.catawiki.com/en/stories/4387-inscriptions-dedications-and-other-types-of-signatures-that-affect-the-value-of-books#:~:text=Dedications%20always%20add%20value%20because%20of%20their%20rarity.&text=Sometimes%20an%20author%20will%20prefer,it%20more%20desirable%20for%20collectors>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

LEUNG, Collete. **The journey of books**: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age. 2016. Dissertação (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) – University of Alberta, School of Library and Information Studies, Edmonton, Canadá, 2016. Disponível em: <https://era.library.ualberta.ca/items/18ba165f-9d13-4292-9bf7-7f9d75481c38>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LIRA, José Luís. **No alpendre com Rachel**: ensaio biográfico sobre Rachel de Queiroz. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MAIA, Tatyana de Amaral. Por um sistema cultural integrado: a ação do Conselho Federal de Cultura (1967-1975). In: ENCONTROS DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 6., 2010, Bahia. **Anais** [...]. Bahia: UFBA, 2010. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/wordpress/24481.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2024.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAROZO, Luís Fernando da Rosa. **Manuel Bandeira**: memória e história da poesia. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2003/1/431158.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MEDEIROS, Joice de. **Contribuição das marcas de proveniência ao patrimônio bibliográfico e científico do Instituto Butantan**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/81ce0672-e27f-4bfb-9ce3-6093aad86020/tc4560-joyce-medeiros-contribuicao_corrigido.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. Crítica biográfica: literatura e política da amizade. **Revista Ao Pé da Letra**, Recife, PE, v. 19, n. 2, 2017. p. 1-17. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/pedalettra/article/view/236050>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MENDES, Fernanda Coelho. **A "fiadora do governo": as crônicas de Rachel de Queiroz na revista O cruzeiro (1960-1975)**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/dissertacao_fernanda-mendes-1. Acesso em: 20 jun. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDE, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 9-29.

MINK, Meridith Beck; DALMAU, Michelle; HOOPER, Wallace; NEWMAN, William R.; VOELKEL, James R.; WALSH, John A. Encoding Newton's alchemical library: integrating traditional bibliographic and modern computational methods, **Journal of the Text Encoding Initiative**, [s. l.], n. 11, p. 26, 18 fev. 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/jtei/2866>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MOITA, Lia Mirelly Távora. As meninas de Rachel de Queiroz: análise das representações do comportamento feminino em meio a modernização conservadora do governo militar (1964-1975). In: SILVA, Fernanda Maria Diniz da; SOUSA, Alexandre Vidal de; SILVA, Fernângela Diniz da; LIMA, Francisco Wellington Rodrigues (orgs.). **Percursos da literatura no Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. p. 179- 193.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 1978. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/16781>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

MOREIRA, Daniel da Silva. Preparação para a autobiografia: o Caderno de anotações de Manuel Bandeira. **Manuscrita: Revista de Crítica Genética**, São Paulo, n. 33. p. 18-27, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177850/164867>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MURGUIA, Eduardo Ismael; YASSUDA, Silvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 65-82, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/KFbW3SCK4FRZjrsHDGbr4dn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, n. 10, p. 1-178, jul./dez, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 25 jun. 2023.

NEUMANN, Vera Cristina. Bibliotecas particulares de intelectuais brasileiros: um tesouro desconhecido: descrição de situação da Universidade Estadual de Campinas (Brasil) e na Catholic University of America (Estados Unidos). **Revista Interamericana de Bibliografia = Inter-American Review of Bibliography**, v.45, p. 585-603, 1995.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 311-328, mar. 2011. Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc>. Acesso em: 24 jun. 2021.

OLIVEIRA, Franklin. O medievalismo de Bandeira: a eterna elegia. In: Brayner, Sônia (org.). **Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 235. (Coleção Fortuna Crítica, 5).

PEARSON, David. Provenance and rare book cataloguing: its importance and its challenge. In: SHAW, David J. (ed.). **Books and their owners: provenance information and the European cultural heritage**. London: CERL, 2005, 104p.

PEARSON, David. **Provenance research in book history: a handbook**. London: The British Library, 1998.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro?** uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença edições; Brasília: INL, 1989.

PROVENZANO, Letícia Krauss. **Biblioteca de museu-casa: reflexão a partir da biblioteca de Rui Barbosa**. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.unirio.br/ppgb/projetos-de-pesquisa/PROVENZANO_Dissertao.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

QUEIROZ, Rachel de. Amigos. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, ano 28, n. 45, p. 138, 25 ago. 1956. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=107096>. Acesso em: 28 jul. 2024.

QUEIROZ, Rachel de. Discurso de posse da Academia Brasileira de Letras. **Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, 4 nov. 1977. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/discurso-de-posse>. Acesso em 17 ago. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. História de Beata. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 52, p. 111, 10 out. 1959. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=126787>. Acesso em: 03 nov. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. Livros. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano. 27, n. 23, p. 97, 19 mar. 1955. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=97078>. Acesso em: 03 nov. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. O caminho de Pasárgada. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 26, n. 37, p. 112, 26 jun. 1954. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=92367>. Acesso em: 03 nov. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Fortaleza: Est. Graphico Urania, 1930.

QUEIROZ, Rachel de. Questionário. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 28, n. 18, p. 118, 18 fev. 1956. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=103318>. Acesso em: 03 nov. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. Terra no sangue. *In*: QUEIROZ, Rachel de. **As terras ásperas**. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 19-20.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza. **Tantos anos**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. A poesia de Manuel Bandeira. *In*: Brayner, Sônia (org.). **Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 134-141. (Coleção Fortuna Crítica, 5).

RAMOS DO Ó, Jorge; Vallera, Tomás. A oficina do fragmento: método e processo historiográfico em Walter Benjamin. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 13, n. 32, p. 331-366, jan./abr. 2020. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/5977/597763218012/html/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. “O que eu vejo é o beco”: Manuel Bandeira, a poética do entre lugar. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 108-129, 2013. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/download/7317/5314>. Acesso em: 16 nov. 2023.

RODRIGUES, Claufe; MAIA, Alexandra. **100 anos de poesia**: um panorama da poesia brasileira no século XX. Rio de Janeiro: O Verso Edição, 2001. v. 1.

RODRÍGUEZ, Isabel Villaseñor. Los instrumentos para la recuperación de la información: las fuentes. In: TORRES RAMÍREZ, Isabel de. **Las fuentes de información: estudios teórico-prácticos**. Madrid: Síntesis, 1998. Disponível em: <https://docplayer.es/23643458-Los-instrumentos-para-la-recuperacion-de-la-informacion-las-fuentes.html>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, Cássia dos. O autobiográfico, o ficcional e o literário em um romance de Rachel de Queiroz. **Todas as Letras** – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/11896/10405>. Acesso em 20 jun. 2024.

SANTOS, Renata Ferreira dos; REIS, Alcenir Soares dos. O patrimônio bibliográfico no Brasil: trajetória de leis, políticas e instrumentos de proteção legal. **Investigación Bibliológica**, México, v. 32, n. 75, p. 223-259, abr./jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2018000200223. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Igor Oliveira da; MARTINS, Gracy Kelli. Apropriação da memória pela Ciência da Informação e o papel legitimador das Instituições de Memória. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/109562>. Acesso em: 8 jan.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 231-269.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. Biblioteca central. **Unifor**, Fortaleza, [2024a]. Disponível em: <https://unifor.br/biblioteca-central>. Acesso em: 18 nov. 2024.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. Coleção Rachel de Queiroz. **Unifor**, Fortaleza, [2024b]. Disponível em: <https://www.unifor.br/colecao-rachel-de-queiroz>. Acesso em: 18 nov. 2024.

VARRY, Dominique. **Qu'est-ce que la bibliographie matérielle?** Paris, 2011. Disponível em: <http://dominique-varry.enssib.fr/node/31>. Acesso em: 22 jun. 2023.

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 111.

WOLFF, Jorge Hoffmann. Joaquim Bandeira: Jogos onomásticos e nova gnomonia. De Manuel Bandeira a Dalton Trevisan via Joaquim Pedro de Andrade II. **Boletim de pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 19, n. 30, p. 25-38, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2019v19n30p25/43157>. Acesso em: 13 jun. 2024.

ZAID, Gabriel. **livros demais!:** sobre escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (PPGCI/UFC)****SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA**

Prezada Sra. Leonilha Lessa,

Solicitamos autorização para realização de pesquisa, a ser conduzida por Ana Wanessa Barroso Bastos, discente do Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI-UFC), matrícula 519885, sob a orientação do Professor Doutor Jefferson Veras Nunes, cujo objetivo é analisar as dedicatórias manuscritas apostas nos livros de parte da biblioteca particular da escritora cearense Rachel de Queiroz, que se encontram sob custódia da Biblioteca da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Agradecemos desde já a atenção e a colaboração.

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA WANESSA BARROSO BASTOS
Data: 16/03/2023 15:49:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Acadêmica

Fortaleza, 16 de março de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br JEFFERSON VERAS NUNES
Data: 16/03/2023 14:06:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Orientador

☒ Deferido () Indeferido

Leonilha Maria Brasileiro Lessa

Representante da biblioteca concedente da pesquisa
Assinatura e carimbo